Lucas Banzoli

Exegese de Textos Difíceis da Bíblia



Sumário

INTRODUÇÃO 4

CAP. 1 – PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA UMA BOA EXEGESE 10

- Análise do contexto 10
- Análise da linguagem 12
- Análise de normatividade 18
- Análise de anacronismo 23
- Análise de eisegese 25
- Análise do sentido 27
- Análise do fundo cultural 29
- Análise do original grego ou hebraico 30
- Análise da história 32
- Análise de comentários bíblicos 33

CAP. 2 – QUEM ERAM OS FILHOS DE DEUS, DE GÊNESIS 6:1-4? 36

CAP. 3 – JEFTÉ SACRIFICOU SUA FILHA? 43

CAP. 4 – O DOM DE LÍNGUAS EM 1ª CORÍNTIOS 14 48

CAP. 5 – UM SERÁ LEVADO, O OUTRO SERÁ DEIXADO 57

CAP. 6 – O QUE É O BATISMO COM FOGO? 61

CAP. 7 – PEDRO DISSE QUE A ESCRITURA NÃO PODE SER INTERPRETADA INDIVIDUALMENTE? 63

CAP. 8 – O QUE É O BATISMO PELOS MORTOS? 67

CAP. 9 – TATUAGEM, VÉU, ROUPAS, CABELO COMPRIDO E BARBA 72

CAP. 10 – QUEM SÃO OS 144 MIL? 83

CAP. 11 – O QUE É O CORPO ESPIRITUAL DE 1ª CORÍNTIOS 15:44? 88

CAP. 12 – 1ª CORÍNTIOS 3:15 FALA DO PURGATÓRIO? 100

CAP. 13 – O NOME DO DIABO É LÚCIFER? 107

CAP. 14 – AUSENTE DO CORPO PARA HABITAR COM O SENHOR 112

CAP. 15 – ENOQUE MORREU? 127

CAP. 16 – A IGREJA É A COLUNA E SUSTENTÁCULO DA VERDADE? 133

CAP. 17 – A PROIBIÇÃO AO HOMOSSEXUALISMO EM LEVÍTIVO 18:22 JÁ CHEGOU AO FIM? 141

CAP. 18 – JOÃO BATISTA ERA A REENCARNAÇÃO DE ELIAS? 151

CAP. 19 – OS DISCÍPULOS PODIAM PERDOAR PECADOS? 155

CAP. 20 – QUEM É A MULHER DE APOCALIPSE 12? 171

CAP. 21 – SAMUEL APARECEU A SAUL EM EN-DOR? 177

CONSIDERAÇÕES FINAIS 186

INTRODUÇÃO

Interpretar a Bíblia nem sempre é uma tarefa fácil, e a existência de múltiplas interpretações por igrejas diferentes é uma prova disso. A razão pela qual existem tantas divergências – incluindo algumas totalmente desnecessárias – é porque infelizmente há uma grande quantidade de líderes religiosos que não sabem nem sequer o que *significa* a palavra "exegese"[1], e muito menos sabem colocá-la em prática. Muitos deles têm um desejo real e sincero em evangelizar o mundo, e para isso fundam novas igrejas. No entanto, uma heresia não é relevada pela sinceridade ou não do mau intérprete. Um erro vindo de um pastor honesto é tão grave quanto um erro vindo de um pastor desonesto. Continua sendo um erro, e continua sendo necessário combatê-lo.

Grande parte dos erros mais macabros nas teologias modernas surge justamente porque pessoas totalmente incapacitadas teologicamente decidem fundar igrejas e colocam como pastor ou presbítero qualquer um que tenha pouco ou nenhum estudo teológico[2]. Deus me livre de generalizar, mas é bastante sabido que há igrejas onde basta alguém pregar bem sobre o dízimo e pedir ofertas de forma convincente que já é elevado ao cargo de "pastor". Em outros casos, o pastor é alguém sincero, mas ainda assim incapacitado. Ele não prega uma heresia porque *quer* errar, nem porque *sabe* que é errado, mas porque *está sendo* enganado. E o que o leva a ser enganado é justamente o fato de não ter estudo ou qualificação suficiente para o cargo que exerce.

O pior é que o local onde apenas os "mestres" (Ef.4:11) deveriam ensinar está sendo ocupado por pessoas não-qualificadas que acabam contaminando a mente de milhões de leigos. Isso porque o leigo, em geral, tem sempre a péssima tendência de aceitar qualquer coisa que vier do pastor, porque pensa que não pode "tocar no ungido do Senhor", ou porque pensa que o pastor é

[1] Exegese significa "explicação do significado de um texto em seu contexto original" (Dacvid S. Dockery. *Hermenêutica Contemporânea à luz da igreja primitiva.* São Paulo: Editora Vida, 2005, p. 178).

[2] Embora esse despreparo seja visível em todas as religiões, e não apenas na evangélica, focarei aqui mais na comunidade evangélica por ser a qual eu faço parte.

um homem tão mais sábio, santo, culto e qualificado que ele, que é inútil tentar levantar alguma objeção. Então, ao invés do povo consultar a Bíblia, prefere engolir de forma fácil e acrítica qualquer doutrina estranha às Escrituras, e é assim que surgem teologias que não tem nenhum DNA bíblico.

Ao invés dos cristãos de hoje serem como os de Bereia, se parecem muito mais com os tessalonicenses:

"Os bereanos eram mais nobres do que os tessalonicenses, pois receberam a mensagem com grande interesse, examinando todos os dias as Escrituras, para ver se tudo era assim mesmo" (Atos 17:11)

A distinção explícita entre "mestre" e "pastor" em Efésios 4:11 é uma das coisas que melhor explicam a crise teológica que a Igreja sofre. Para o apóstolo, mestre era uma coisa, e pastor era outra. Ambos eram cargos ministeriais na Igreja, mas distintos. O problema é que a Igreja moderna, seja ela qual for, aboliu de forma sorrateira o cargo de "mestre", colocando o "pastor" como sendo a liderança máxima nas igrejas, o que leva a Palavra ao povo. É daí que surgem as piores heresias. Na igreja primitiva, o pastor não ocupava o cargo de mestre. Enquanto o mestre era aquele erudito qualificado que ensinava a Palavra de Deus ao povo, o pastor era aquele que estava mais próximo de cada um, cuidando mais da vida moral e devocional do que do aspecto teológico.

Com o passar do tempo, o cargo de "mestre" foi entrando em decadência e só sobraram "pastores". Quando os pastores passaram a ocupar o cargo máximo nas igrejas, como aquele que leva a Palavra no lugar do mestre, a crise teológica passou a ser mera questão de tempo. Em nossas igrejas, encontrar um pastor que seja mestre é uma raridade quase tão grande quanto encontrar uma agulha em um palheiro. Poucas igrejas têm como padrão ou princípio a qualificação teológica daquele que irá pregar no púlpito. Em vez disso, pessoas bem intencionadas – mas não mestres – é que se tornam os responsáveis pela doutrina da Igreja. Trocando em miúdos, seria como se um técnico de futebol colocasse um zagueiro para jogar no ataque, ou o atacante para atuar de zagueiro. Não dá certo. Não é preciso prever a derrota da equipe.

O apóstolo Paulo, que era ele próprio um grande estudioso e intelectual da época, era um dos que mais ensinavam a qualificação daquele que é responsável pelo ensino na Igreja. O mestre deveria ser "apto para ensinar" (2Tm.2:24; 1Tm.3:2), além de ter as qualificações morais necessárias. Paulo sabia pelo menos três idiomas, estudava amplamente a literatura sacra e pagã, demonstrava um amplo conhecimento das Escrituras do Antigo Testamento e refutava os líderes judaicos em suas próprias sinagogas. Paulo não deveria ser uma exceção, mas um *modelo.* Ele pedia que fôssemos seus imitadores (1Co.4:16). É imprescindível que os pastores atuais sejam tão bem qualificados para o ensino quanto os professores antigos se esforçavam em ser.

John Wesley (1703-1791), que viveu em uma época em que ainda se prezava pela qualificação pastoral, escreveu amplamente sobre o assunto. Ele não era apenas o pregador avivalista e cheio do Espírito Santo que estamos acostumados a ler, mas era também um grande erudito educado em Oxford. Em 1756, ele escreveu um "Discurso ao Clero", onde elencou sete requisitos básicos para quem deseja ser um bom mestre ou estudioso da Bíblia, que pretende levar o conhecimento da Palavra de Deus às pessoas mais simples.

Ele escreve:

(1) Como alguém que se esforça para explicar a Escritura a outras pessoas, tenho o conhecimento necessário para que ela possa ser luz nos caminhos dessas pessoas? (...) Estou familiarizado com as várias partes da Escritura; com todas as partes do Antigo Testamento e do Novo Testamento? Ao ouvir qualquer texto, conheço o seu contexto e os seus paralelos? (...) Conheço a construção gramatical dos quatro evangelhos, de Atos, das epístolas? Tenho domínio sobre o sentido espiritual (bem como o literal) do que leio? (...) Conheço as objeções que judeus, deístas, papistas, socinianos e todos os outros sectários fazem às passagens da Escritura, ou a partir delas? (...) Estou preparado para oferecer respostas satisfatórias a cada uma dessas objeções?

(2) Conheço grego e hebraico? De outra forma, como poderei (como faz todo ministro) não somente explicar os livros que estão escritos nessas línguas, mas também defendê-los contra todos os oponentes? Estou à mercê de cada

pessoa que conhece, ou pelo menos pretende conhecer o original? (...) Entendo a linguagem do Novo Testamento? Tenho domínio sobre ela? Se não, quantos anos gastei na escola? Quantos anos na universidade? E o que fiz durante esses anos todos? Não deveria ficar coberto de vergonha?

(3) Conheço meu próprio ofício? Tenho considerado profundamente diante de Deus o meu próprio caráter? O que significa ser um embaixador de Cristo, um enviado do Rei dos céus?

(4) Conheço o suficiente da história profana de modo a confirmar e ilustrar a sagrada? Estou familiarizado com os costumes antigos dos judeus e de outras nações mencionadas na Escritura? (...) Sou suficientemente (se não mais) versado em geografia, de modo a conhecer a situação e dar alguma explicação de todos os lugares consideráveis mencionados nela?

(5) Conheço suficientemente as ciências? Fui capaz de penetrar em sua lógica? Se não, provavelmente não irei muito longe, a não ser tropeçar em seu umbral (...) ou, ao contrário, minha estúpida indolência e preguiça me fizeram crer naquilo que tolos e cavalheiros simplórios afirmam: "que a lógica não serve para nada?" Ela é boa pelo menos (...) para fazer as pessoas falarem menos – ao lhes mostrar qual é, e qual não é, o ponto de uma discussão; e quão extremamente difícil é provar qualquer coisa. Conheço metafísica; se não conheço a profundidade dos eruditos – as sutilezas de Duns Scotus ou Tomás de Aquino – pelo menos sei os primeiros rudimentos, os princípios gerais dessa útil ciência? Fui capaz de conhecer o suficiente dela, de modo que isso clareie minha própria apreensão e classifique minhas ideias em categorias apropriadas; de modo que isso me capacite a ler, com fluência e prazer, além do proveito, as obras do Dr. Henry Moore, "A Busca da Verdade", de Malenbranche, "A Demonstração do Ser e dos Atributos de Deus", de Dr. Clark? Compreendo a filosofia natural? Tenho alguma bagagem de conhecimento matemático? (...) Se não avencei assim, se ainda sou um noviço, que é que eu tenho feito desde os tempos em que saí da escola?

(6) Estou familiarizado com os Pais da Igreja, aqueles veneráveis homens que viveram aqueles tempos, aqueles primeiros dias? Li e reli os restos dourados de Clemente de Roma, de Inácio de Antioquia, de Policarpo? Dei uma lida, pelo menos rápida nos trabalhos de Justino Mártir, Tertuliano, Orígenes, Clemente de Alexandria e de Cipriano?

(7) Tenho conhecimento adequado do mundo? Tenho estudado as pessoas (bem como os livros), e observado seus temperamentos, máximas e costumes? (...) Esforço-me para não ser rude ou mal-educado? (...) Sou afável e cortês para

> com todas as pessoas? Se sou deficiente mesmo nas capacidades mais básicas, não deveria me arrepender frequentemente dessa falta? Quão frequentemente (...) tenho sido menos útil do que eu poderia ter sido![3]

Quão distante nós estamos do padrão exposto aqui por Wesley? Recentemente, o Dr. William Lane Craig, renomado filósofo e teólogo cristão, e talvez mais conhecido como "o terror dos ateus", fez uma pesquisa com seus alunos de teologia do segundo ano, e descobriu, entre outras coisas, que[4]:

• 20% não sabiam o que é o Afeganistão;
• 20% não tinham a mínima ideia do que era a teoria da relatividade;
• 20% não sabiam onde está o rio Amazonas.
• 49% não sabiam quem era Leon Tolstoi.
• 16% não sabiam quem era Winston Churchill[5].

Essa pesquisa não foi feita para leigos sentados no banco das igrejas, mas em um seminário de teologia, para alunos que em teoria já deveriam ter um conhecimento bem profundo sobre o mundo. Se o nível acadêmico já está tão baixo, pense no quão ruim estão aquelas igrejas que colocam como pastor qualquer um que não tenha tido qualquer tipo de estudo ou qualificação teológica na vida!

É porque os estudiosos cristãos estão cada vez menos "estudiosos" que o mundo está ficando cada vez mais secular e menos cristão. Os filósofos seculares dominam a filosofia e os outros campos do conhecimento, e assim monopolizam o saber e influenciam as massas, trazendo ao povo uma mentalidade cada vez mais secular e anticristã. Enquanto eles se preparam, um pastor publica na sessão de classificados de um jornal: "Procuro duas pessoas para juntos abrirmos uma igreja"[6].

---

[3] John Wesley. *Works*, vol. 6, p. 217-231.
[4] William Lane Craig. *Apologética para Questões Difíceis da Bíblia.* São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 12.
[5] E essa pesquisa foi feita nos Estados Unidos, onde o IDH é bem maior do que aqui no Brasil.
[6] Disponível em: http://www.pavablog.com/2013/07/02/criacao-de-igreja-e-negociada-ate-em-anuncio-de-classificados/. O vídeo com o próprio pastor falando está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d_E8PRjOUKA

Mas como um pastor sério, um estudioso ou um aspirante pode se qualificar para a área de interpretação da Bíblia? Embora seja pretensioso demais colocar tudo isso em um livro só, como se este livro por si mesmo já fosse o suficiente para desvendar todos os mistérios da hermenêutica (o que certamente não é o caso), as colocações que farei aqui irão ajudar o leitor a conseguir ampliar seus horizontes na arte da interpretação de textos bíblicos. Embora este livro não seja propriamente um "Manual de Exegese", ele toma vinte textos bíblicos complexos como base para a aplicação de dez recursos exegéticos, que servem de modelo para a interpretação de outros tantos versículos polêmicos.

É importante ressaltar que esta obra não visar dar o peixe, mas ensinar a pescar. Não vou abordar aqui todos os textos mais polêmicos da Bíblia, e há textos bem mais disputados que eu decidi deixar de fora. Embora eu pretenda abordar cada um deles em um livro futuro com "Mil Perguntas Cristãs Respondidas", a presente obra não visa dar uma resposta pronta a cada questão problemática, mas pegar exemplos de exegese em cima dos vinte textos e incentivar o leitor a aplicar estes mesmos critérios em cima dos outros vários que existem na Escritura. Para isso, é necessário primeiro explicarmos, brevemente, dez destes recursos, para depois irmos à aplicação prática dos textos selecionados.

CAP. 1 – PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA UMA BOA EXEGESE

Neste capítulo introdutório, mencionarei de forma breve alguns dos principais recursos exegéticos que podem (e devem) ser aplicados pelo intérprete das Escrituras, sendo eles: (1) análise do contexto; (2) análise da linguagem; (3) análise de normatividade; (4) análise de anacronismo; (5) análise de eisegese; (6) análise do sentido; (7) análise do fundo cultural; (8) análise do original grego e hebraico; (9) análise da história; (10) análise de comentários bíblicos.

• Análise do contexto

A tarefa mais elementar para todo e qualquer intérprete de qualquer coisa que seja é sempre, a todo instante, analisar um texto dentro de seu devido contexto, tanto o imediato, quanto o geral. O contexto imediato refere-se ao texto em sua unidade, geralmente estabelecido nos versos anteriores e posteriores, e o contexto geral refere-se à obra como um todo, o que neste caso se aplica ao conteúdo da Bíblia de forma geral. Esta pode parecer uma tarefa bastante simples, mas mesmo assim é impressionante como as pessoas conseguem falhar pelo básico.

Recentemente, estive conversando com alguém que não cria na ressurreição da carne, mas dizia que na eternidade viveremos em forma de "espírito". O texto em que ele se fundamentava era aquele que dizia que nós seremos "como os anjos" (Mc.12:25), que, de fato, são espíritos. A conclusão parece boa, se não fosse por um problema: o contexto não diz nada disso. Em vez de o contexto estabelecer que seremos como os anjos *no sentido de natureza,* ele mostra que seremos como os anjos *no sentido de não se casar.* Vejamos o texto dentro de seu contexto maior:

"Depois os saduceus, que dizem que não há ressurreição, aproximaram-se dele com a seguinte questão: 'Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se o irmão de um homem morrer e deixar mulher sem filhos, este deverá casar-se com a viúva

e ter filhos para seu irmão. Havia sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu sem deixar filhos. O segundo casou-se com a viúva, mas também morreu sem deixar filhos. O mesmo aconteceu com o terceiro. Nenhum dos sete deixou filhos. Finalmente, morreu também a mulher. Na ressurreição, de quem ela será esposa, visto que os sete foram casados com ela?' Jesus respondeu: 'Vocês estão enganados! Pois não conhecem as Escrituras nem o poder de Deus! Quando os mortos ressuscitam, não se casam nem são dados em casamento, mas são como os anjos nos céus'" (Marcos 12:18-25)

Os saduceus não criam em ressurreição dos mortos para a vida eterna, e, então, quiserem colocar Jesus em apuros, com um exemplo hipotético onde uma mulher se casa sete vezes (ok, eles exageraram um pouco, exceto se estivessem pensando na Gretchen!). Dependendo da resposta de Jesus, eles alegariam que seria injusto se na ressurreição ela fosse esposa de um dos sete, e não dos outros seis. O que está em jogo aqui é a questão do casamento. Então Jesus responde que, ao ressuscitarmos, **não seremos dados em casamento**, porque seremos como os anjos. Em que sentido, portanto, que seremos como os anjos? Não no sentido de natureza do ser, mas no sentido da ausência de casamento.

Em outras palavras, nós seremos na ressurreição "como os anjos" porque não nos casaremos (da mesma forma que os anjos não se casam). Jesus não estava falando nada de "natureza" aqui. Comparando analogicamente, seria como se eu dissesse que "na ressurreição, nós seremos como os pássaros, porque vamos voar"[7]. Se eu dissesse isso, será que alguém chegaria ao ponto de pensar que eu estaria ensinando que teremos a ***natureza*** de um pássaro? É óbvio que não. Qualquer pessoa sensata concluiria apenas que seremos "como os pássaros" no sentido de "voar" apenas. Da mesma forma, quando Jesus diz que na ressurreição nós seremos como os anjos porque não seremos dados em casamento, ele de modo algum estava falando de ter a mesma *natureza* de um anjo, mas sim sobre ter aquela mesma *característica* específica que os anjos têm – neste caso, de não se casar.

[7] Tome isso apenas como uma concessão para o bem do argumento (obviamente eu não creio que nós literalmente voaremos na eternidade!).

E quanto ao contexto geral das Escrituras? A Bíblia confirma a ressurreição da carne em Atos 17:32-33, ocasião na qual Paulo ensina a ressurreição aos gregos e é zombado por eles. Os gregos não criam em ressurreição da carne, mas eles criam fortemente em uma alma ou espírito imortal. Se Paulo estava meramente ensinando que na eternidade seremos "espíritos", eles de modo algum zombariam dele por causa de um ensino que eles mesmos aceitavam. Mas o que de fato ocorreu foi que eles ouviram Paulo atentamente por muito tempo, até que...

"**Quando ouviram sobre a ressurreição dos mortos**, alguns deles zombaram, e outros disseram: 'A esse respeito nós o ouviremos outra vez'. Com isso, Paulo retirou-se do meio deles" (Atos 17:32-33)

É lógico que a crença de Paulo era na ressurreição da carne – a mesma que era tão desprezada e zombada no mundo grego da época. Ele também disse que cria na mesma ressurreição que os fariseus criam (At.23:6-10), e os fariseus criam na ressurreição da carne. Jesus disse que "todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão" (Jo.5:28), Daniel disse que "multidões que dormem no pó da terra despertarão" (Dn.12:2), Paulo disse que Deus "dará vida a seus corpos mortais" (Rm.8:11), Jó disse que "depois de consumida a minha pele, contudo ainda em minha carne verei a Deus" (Jó 19:26), e o próprio Jesus ressurreto disse que ele não era um espírito sem corpo, mas tinha carne e osso (Lc.24:39).

Portanto, à luz do contexto imediato e geral, fica claro que a interpretação estava equivocada.

- **Análise da linguagem**

Outro erro comum na exegese, mas desta vez mais frequente, é aqueles que não conseguem diferenciar a natureza da linguagem de um texto, e que tomam todos como se fossem literais, ou todos como se fossem alegóricos. Pior ainda são aqueles que acham que porque uma passagem é figurada ou alegórica,

então todas as outras devem ser figuradas ou alegóricas também, e que não existe mais "regra de hermenêutica", mas apenas achismos. Este argumento é bastante usado por ativistas gays, que acham que se há textos que os cristãos interpretam de forma não-literal na Bíblia, então todas as passagens que condenam o homossexualismo devem ser tomadas figurativamente também[8].

Mas este recurso não é usado somente pela militância gay, mas também por pastores e às vezes até por "exegetas" mais inexperientes. Certa vez eu estava debatendo com um pastor sobre o tema da imortalidade da alma, citando vários textos que diziam que os mortos não sabem de nada (Ec.9:5), não tem conhecimento de coisa alguma (Ec.9:10), não podem louvar a Deus (Is.38:18), não se lembram do Senhor (Sl.6:5), que na morte os pensamentos perecem (Sl.146:4), que homens e animais possuem o mesmo espírito-*ruach* (Ec.3:19-20), que nem Davi subiu ao Céu (At.2:34), que sem ressurreição não haveria vida póstuma (1Co.15:32), que a recompensa só ocorre na ressurreição (Lc.14:14), que a entrada no Reino só se dá depois da segunda vinda de Cristo (Mt.25:34) e que só depois disso entraremos em nossas moradas celestiais (Jo.14:2-3).

O pastor rebatia os textos citando dois casos: os meios de uma parábola (em Lucas 16:19-31) e uma descrição apocalíptica onde umas "almas" soltam gritos de vingança em pleno Paraíso, aglutinadas debaixo de um altar, clamando contra seus inimigos (Ap.6:9-11). Eu observei que essas descrições eram figuradas ou alegóricas, e expliquei por que. Mas ele insistia que se esses textos eram alegóricos, então todos aqueles outros que eu citei também deveriam ser. Para ele, era "tudo ou nada". Ou os meus textos eram literais e os dele também (e assim não sairíamos do zero a zero), ou era tudo alegórico (e assim não sairíamos do mesmo jeito!).

A diferença fundamental entre um caso e outro é que os textos citados por mim são todos de **livros históricos** ou de **epístolas doutrinárias**. Do outro lado, os textos citados por ele eram de uma *parábola* e de um texto *apocalíptico,* e qualquer pessoa com um mínimo de aprendizado em exegese sabe que meios de parábolas e de natureza apocalíptica não devem ser tomados ao pé da letra,

[8] O capítulo 17 deste livro é o que trata especificamente desta questão.

por razões óbvias. É a própria natureza da parábola e do Apocalipse que refuta a tese de que eles sejam tomados literalmente. Assim como ninguém usa a parábola de 2º Reis 14:9 ou de Juízes 9:8-15 para inferir que árvores falam (embora elas falem no contexto da parábola), ninguém deveria extrair doutrinas dos meios da parábola de Lucas 16:19-31, exceto sua lição central ou moral, a qual não tem nada a ver com imortalidade ou mortalidade da alma[9].

Da mesma forma, a natureza do Apocalipse infere que as verdades ali expostas não estão na "superfície" (linguagem literal), mas por "debaixo" dela (i.e, aquilo que é simbolizado por detrás). É assim que entendemos textos como esses:

(1) Cristo no Céu em forma de cordeiro ensanguentado (Ap.5:6).

(2) Criaturas dentro do mar falando e louvando a Deus (Ap.5:13).

(3) Várias estrelas caindo sobre a terra (Ap.6:13)[10].

(4) "Almas" que gritam por vingança debaixo de um altar no Céu (Ap.6:9-11).

(5) Cavalos com cabeças de leão (Ap.9:17).

(6) Cavalos que soltavam de sua boca fogo e enxofre (Ap.9:17).

(7) Gafanhotos com coroa de ouro e rosto humano, cabelos como de mulher e dentes como de leão (Ap.9:7-8).

(8) Um dragão perseguindo uma mulher grávida no deserto (Ap.12:13).

(9) A mulher grávida no deserto tem asas e voa (Ap.12:14).

[9] Escrevi sobre isso em: http://desvendandoalenda.blogspot.com.br/2013/07/estudo-completo-e-aprofundado-sobre.html

[10] Sabe-se que o tamanho das estrelas é maior do que o do nosso planeta e se caíssem estrelas sobre a terra esta acabaria no mesmo instante e o Apocalipse teria fim.

(10) A terra abre a boca engolindo um rio que um dragão soltou com a sua boca (Ap.12:15-16).

(11) Os trovões falam (Ap.10:3).

(12) O altar fala (Ap.16:7).

(13) Jesus tem sete chifres e sete olhos (Ap.5:6).

(14) Duas oliveiras e dois candelabros soltam fogo devorador de suas bocas (Ap.11:4-5).

Por outro lado, embora os livros históricos e epístolas apostólicas por vezes tenham algo de alegórico ou figurado, não há nada no contexto específico dos textos supracitados por mim que exija isso. Ao contrário da natureza de uma parábola ou de um livro apocalíptico, elas apresentam fundamentalmente uma natureza literal. Em outras palavras, enquanto em parábolas e no Apocalipse a linguagem-padrão empregada é alegórica e só deve ser entendida literalmente caso haja algo ali que indique claramente o contrário, nos livros históricos ou nas cartas é o inverso: a linguagem-padrão é de natureza literal, exceto se o contexto indicar claramente o inverso. Mas quem não faz diferença entre uma coisa e outra, e coloca tudo em um mesmo "saco de farinha", naturalmente irá encontrar enormes dificuldades pela frente em sua hermenêutica deturpada[11].

O bom exegeta também deve tomar cuidado com hebraísmos, que são forças de expressão comuns entre os hebreus, presentes nas páginas do Antigo Testamento. Essas expressões não devem ser tomadas literalmente. Há alguns anos certo pastor disse que a Terra é quadrada (entre outras sandices), usando como argumento os textos que falam dos "quatro cantos da terra" (Is.11:12)[12]. O hebraísmo era tão evidente que Ezequiel fala dos "quatro cantos da terra ***de Israel***" (Ez.7:2), e ele certamente não pensava que Israel fosse um território

[11] Mais informações sobre como diferenciar o literal e o alegórico na Bíblia você encontra em: http://ocristianismoemfoco.blogspot.com.br/2015/07/como-diferenciar-o-literal-do-alegorico.html

[12] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VryW7P6Xq9g

quadrado! Até em nosso idioma temos forças de expressão semelhantes, quando dizemos, por exemplo, que "o sol nasceu" ou que "o sol se pôs", embora saibamos perfeitamente que não é o sol que está em movimento.

Estes hebraísmos são bastante comuns em números. Os números sete e doze, principalmente, tinham um significado bastante especial para o povo judeu. Estes números se encontram amplamente na Bíblia, do Antigo ao Novo Testamento. Quando Jesus respondeu que devemos perdoar "setenta vezes sete" (Mt.18:22), ele não estava dizendo que depois de perdoarmos 490 vezes poderíamos reter o perdão, mas sim que devemos perdoar *sempre.* Em nosso idioma também costumamos usar expressões semelhantes, como "oito ou oitenta", ou aplicar ao número dez, mil ou um milhão para um certo número indefinido mas bastante grande, como, por exemplo, se eu dissesse que "eu já te falei isso um milhão de vezes". É importante tomar cuidado para não literalizar os hebraísmos, mas tentar identificar o que eles querem dizer.

Igualmente importante é saber quando um texto está apresentando uma hipérbole, que também não deve ser interpretada ao pé da letra. Uma hipérbole é quando se aumenta alguma coisa propositalmente, para passar um efeito maior. Os dez espias disseram que "as cidades de Canaã são grandes e fortificadas *até aos céus"* (Dt.1:28), embora obviamente o sentido era que os muros eram bastante grandes, mas não *tão* grandes quanto a descrição hiperbólica faz supor. É neste sentido que o salmista diz que "todas as noites faço nadar o meu leito, de minhas lágrimas o alago" (Sl.6:6), e que Paulo afirma que toda criatura que havia debaixo do céu já havia ouvido o evangelho em sua época (Cl.1:23).

Por fim, é importante também não tomar textos poéticos ao pé da letra, precisamente por serem poéticos. Em poesia, é bastante comum o emprego de figuras de linguagem. Tome como exemplo o verso 9 de Isaías 14, que se analisado isoladamente pode transmitir uma falsa ideia de linguagem literal:

"Nas profundezas o Sheol está todo agitado para recebê-lo quando chegar. Por sua causa ele desperta os espíritos dos mortos, todos os governantes da terra. Ele os faz levantar-se dos seus tronos, todos os reis dos povos" (Isaías 14:9)

O que dizem os versos anteriores e posteriores neste caso?

(1) O verso anterior diz que os pinheiros e os cedros do Líbano (árvores) iriam se *alegrar* e *falar:* "Agora que você foi derrubado, nenhum lenhador vem derrubar-nos!" (v.8).

(2) Os reis da terra não poderiam estar literalmente no Sheol, pois o texto diz que eles se "levantariam de seus tronos" (v.9), algo que só acontece enquanto o rei ainda vive.

(3) O verso 11 diz que "sua soberba foi lançada na sepultura, junto com o som das suas liras; sua cama é de larvas, sua coberta, de vermes".

(4) O verso 12 em diante passa a dizer que ele "caiu dos céus" (v.12), que foi "atirado à terra" (v.12), que tentava subir ao céu e colocar seu trono acima das estrelas de Deus (v.13) e que subiria "mais alto que as mais altas nuvens" (v.14).

Diante disso, o mais sensato é tomar o verso 9 literalmente? Certamente não! Trata-se de uma linguagem caracteristicamente poética, cujo teor da mensagem deve ser entendido através de figuras de linguagem. É por confundir contextos poéticos com contextos literais que alguns preteristas completos fazem uma completa salada de frutas com a questão da volta de Jesus nas nuvens. Eles negam que Jesus voltará nas nuvens do Céu porque existe uma passagem em contexto claramente poético dizendo algo semelhante em termos não-literais:

"Advertência contra o Egito: Vejam! O Senhor cavalga numa nuvem veloz que vai para o Egito. Os ídolos do Egito tremem diante dele, e os corações dos egípcios se derretem no íntimo" (Isaías 19:1)

Contudo, os contextos que mostram Jesus voltando nas nuvens **nunca** são de teor poético, mas estão sempre presentes em contextos bastante literais, como quando, por exemplo, os anjos dizem que Jesus voltaria nas nuvens *do mesmo modo* que ele havia subido nas nuvens em sua ascensão:

"Tendo dito isso, foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles. E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: 'Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado ao céu, voltará da mesma forma como o viram subir'" (Atos 1:9-11)

Uma vez que o contexto aqui é claramente não-poético e que os próprios preteristas acreditam que Jesus foi *literalmente* assunto às nuvens do Céu, é completamente absurdo tentar misturar a linguagem poética do texto do Antigo Testamento para impugnar a volta de Jesus que aparece sempre em contextos claramente literais (At.1:9-11; Mt.24; 1Ts.4:15-17). Ao misturar a linguagem poética com a literal, eles estabelecem critérios absurdos que ninguém em sã consciência estabeleceria, se seguisse corretamente as regras de hermenêutica bíblica.

- **Análise de normatividade**

Outro ponto onde muita gente falha é em desconsiderar a questão da normatividade. Certamente, tudo aquilo que a Bíblia diz é verdade, mas nem tudo aquilo que ela descreve com veracidade é uma verdade. Vamos supor que você tenha presenciado o seu irmão mentir para a sua mãe, dizendo que vai sair para estudar literatura clássica na biblioteca do colégio, quando na verdade ele vai ao Itaquerão para ver o São Paulo ganhar (facilmente) do Corinthians. Depois de muito relutar, você escreve um bilhete para a sua mãe avisando isso. Então sua mãe decide brigar *com você,* dizendo que *você* mentiu, porque você *descreveu* uma mentira. Você se defende dizendo que apenas relatou a verdade

dos fatos, de que seu irmão mentiu, mas ela insiste em dizer que o mentiroso é você, porque você relatou uma mentira, então "você mente".

Como você reagiria neste caso?

Pois é exatamente isso o que alguns picaretas, geralmente atrelados ao neo-ateísmo, fazem com a Bíblia. Em seu livro "Deus é um Delírio", ao qual escrevi uma refutação de 1200 páginas[13], Richard Dawkins coloca "na conta de Deus" os pecados de Abraão e de Moisés, o erro de Jefté que sacrificou sua filha, a loucura de Ló em oferecer suas filhas aos sodomitas, a insanidade das filhas de Ló em se deitarem com o pai, o estupro da concubina do levita e sua indiferença ao ato, e assim por diante. O que é que isso tudo prova? Que a Bíblia *aprova* estas atitudes erradas, mesmo quando cometidas pelos maiores personagens bíblicos? É claro que não. Isso só prova a fidelidade da Bíblia no registro dos acontecimentos, sem embelezamento, a verdade nua e crua.

Isso tudo é *descrição,* e não *prescrição*. Talvez Dawkins se assuste em ouvir isso: Abraão era humano como nós. Talvez ele se espante ainda mais em ouvir isso: ele era pecador. E provavelmente ele deveria mesmo é se apavorar com o fato de que os escritores bíblicos, ao invés de fantasiarem uma história e mostrarem os personagens bíblicos perfeitinhos, eram fieis aos acontecimentos e retratavam até mesmo os mais horríveis pecados dos mais notáveis homens. Dawkins, no entanto, mistura prescrição e descrição como se fosse uma coisa só, coloca tudo na conta de Deus e, é claro, culpa os cristãos por tudo isso.

Mas não são só os ateus que confundem descrição com prescrição. Até alguns "crentes" fazem o mesmo. Há não muito tempo surgiu um certo "irmão Rubens", que gravou um vídeo chamado "A Bíblia Mente"[14], onde o seu único argumento para dizer que a Bíblia é mentirosa é que ela *descreve* algumas mentiras ditas por certos personagens bíblicos, como Raabe (Js.2:4-6). O *illuminático*[15] concluiu então que *a Bíblia* está mentindo, que é uma farsa, uma fraude, uma mentira.

[13] Disponível em: http://apologiacrista.com/meu-novo-livro-deus-e-um-delirio
[14] Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=wm5jLTwOEtI
[15] Só os fortes entenderão.

Mas a confusão entre descrição e prescrição vai mais além. Os pregadores da prosperidade incorrem neste equívoco repetidamente, porque os versos em que eles se apropriam para ensinar a teologia da prosperidade são sempre descritivos, e nunca prescritivos. O exemplo mais usual e popular é o de Abraão, que foi, certamente, um homem bastante rico, e era temente a Deus. Mas então, de repente, surge a "conclusão": *nós* também devemos ser ricos, se somos tementes a Deus!

Claro que não é preciso ter um raciocínio muito apurado para perceber a falácia nesta afirmação. O texto não está dizendo que "Abraão era rico, e por isso todos os servos de Deus de todas as eras devem ser tão ricos quanto ele" (o que seria uma prescrição). Não. O texto só diz que "Abraão era rico", e ponto. Pegar a *descrição* sobre Abraão e aplicá-la normativamente seria como alguém dizer que todos os servos de Deus devem ser miseráveis e esperar a providência divina somente pelas migalhas trazidas por corvos, porque o profeta Elias sobreviveu deste jeito por algum tempo (1Rs.17:1-6). Mas é claro que eles preferem o exemplo de Abraão do que o de Elias ou de qualquer um dos apóstolos, ou mesmo de Jesus!

Há *descrições* bíblicas de ricos e pobres, mas se pegarmos os textos *prescritivos,* que são tomados normativamente para a nossa era, nós só vemos isso:

"Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens" (1ª Coríntios 15:19)

"Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a vida por minha causa, este a salvará" (Lucas 9:24)

"Vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que sobre vós virão. Vossas riquezas apodreceram e vossas roupas foram comidas pela traça. Vosso ouro e vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e devorará vossas carnes como fogo. Entesourastes nos últimos dias!" (Tiago 5:1-3)

"Ao anjo da igreja em Laodicéia escreva: Estas são as palavras do Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o soberano da criação de Deus. Conheço as suas obras, sei que você não é frio nem quente. Melhor seria que você fosse frio ou quente! Assim, porque você é morno, nem frio nem quente, estou a ponto de vomitá-lo da minha boca. Você diz: Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego e que está nu. Dou-lhe este aconselho: Compre de mim ouro refinado no fogo e você se tornará rico; compre roupas brancas e vista-se para cobrir a sua vergonhosa nudez; e compre colírio para ungir os seus olhos e poder enxergar" (Apocalipse 3:14-18)

"E outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus" (Mateus 19:24)

"Ouvi, meus caríssimos irmãos: porventura não escolheu Deus os pobres deste mundo para que fossem ricos na fé e herdeiros do Reino prometido por Deus aos que o amam?" (Tiago 2:5)

"Vendei o que possuís e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não se gastam, um tesouro inesgotável nos céus, aonde não chega o ladrão e a traça não o destrói. Pois onde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração" (Lucas 12:33-34)

"Olhando para os seus discípulos, ele disse: Bem-aventurados vocês os pobres, pois a vocês pertence o Reino de Deus. Bem-aventurados vocês, que agora têm fome, pois serão satisfeitos. Bem-aventurados vocês, que agora choram, pois haverão de rir (...) Mas ai de vocês, os ricos, pois já receberam sua consolação. Ai de vocês, que agora têm fartura, porque passarão fome. Ai de vocês, que agora riem, pois haverão de se lamentar e chorar" (Lucas 6:20-21; 24-25)

"Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem

furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração" (Mateus 6:19-21)

"Se alguém ensina falsas doutrinas e não concorda com a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino que é segundo a piedade, é orgulhoso e nada entende. Esse tal mostra um interesse doentio por controvérsias e contendas acerca de palavras, que resultam em inveja, brigas, difamações, suspeitas malignas e atritos constantes entre pessoas que têm a mente corrompida e que são privados da verdade, os quais pensam que a piedade é fonte de lucro. De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro, pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos. Os que querem ficar ricos caem em tentação, em armadilhas e em muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam os homens a mergulharem na ruína e na destruição, pois o amor ao dinheiro é raiz de todos os males. Algumas pessoas, por cobiçarem o dinheiro, desviaram-se da fé e se atormentaram a si mesmas com muitos sofrimentos" (1ª Timóteo 6:3-10)

"Conservem-se livres do amor ao dinheiro e contentem-se com o que vocês têm, porque Deus mesmo disse: 'Nunca o deixarei, nunca o abandonarei'" (Hebreus 13:5)

"E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me" (Lucas 9:23)

"Então Jesus disse aos discípulos: 'Digo-lhes a verdade: Dificilmente um rico entrará no Reino dos céus'" (Mateus 19:23)

O que os pregadores da prosperidade fazem com estes versos normativos? Nada. Eles simplesmente fingem que não existem, e nunca os usam em suas pregações. Essa é, aliás, uma das principais características de uma heresia: toma como normativo os textos *descritivos,* e ignora os textos *prescritivos.* Fazendo isso, eles invertem a exegese de ponta-cabeça e dão base para toda e qualquer falsa doutrina.

• **Análise de anacronismo**

O anacronismo "consiste em utilizar os conceitos e ideias de uma época para analisar os fatos de outro tempo"[16]. Essa falácia é bastante utilizada por quem tenta provar algo pela Bíblia baseando-se em um termo ou palavra em especial, a qual é entendida não da forma como originalmente era aceita, mas da forma como é aceita hoje, ou da maneira com a qual é entendida pelo argumentador. Católicos e espíritas, em geral, costumam recorrer muito a erros de anacronismo. Particularmente, considero tarefa difícil debater teologia com um espírita, não porque algo na doutrina deles seja minimamente compatível com as Escrituras, mas porque eles lêem a Bíblia com uma lente kardecista, e para refutar qualquer detalhe é necessária sempre uma análise bem mais profunda dos termos originais.

A palavra mais deturpada por eles é, certamente, o "espírito". Quando a Bíblia fala de "espírito maligno" (At.19:15), sabemos que ela não está se referindo a um fantasminha que saiu do corpo de algum ser humano e que está agora em um "mundo dos espíritos", mas sim a demônios, que biblicamente são anjos caídos. Mas tente dizer isso a um espírita. Você primeiro precisa explicar toda a teologia sistemática em torno de demonologia, para só depois continuar a argumentação. Chega a ser cansativo.

Os católicos costumam incorrer no mesmo equívoco anacrônico, só que com outras duas palavras: Igreja e tradição. Embora seja bem conhecido que o sentido bíblico primário de "Igreja" (*ekklesia*) seja da reunião espiritual entre todos os cristãos do mundo, e não uma referência a uma placa de igreja ou instituição religiosa em particular, os católicos lêem a Bíblia com as lentes de Roma, e, consequentemente, subtendem sempre que a palavra "Igreja" no Novo Testamento se refira à "Igreja Católica Apostólica Romana" (que sequer existia na época!).

A outra palavra distorcida pelos apologistas católicos é a "tradição". Na Bíblia, essa palavra nunca tem o sentido de "doutrina fora da Escritura", mas se referia

[16] Disponível em: http://www.brasilescola.com/historia/anacronismo.htm

aos costumes e práticas que não tinham valor doutrinário normativo[17]. Os Pais da Igreja também falavam muito sobre a "tradição", mas, novamente, nunca no sentido de "doutrina extraída fora da Bíblia". Em meu livro "Em Defesa da Sola Scriptura", eu provo com mais de 400 citações dos Pais da Igreja que a tradição não tinha nada a ver com doutrinas pregadas apenas oralmente e não fundamentadas em lugar nenhum da Bíblia, mas que dizia respeito a doutrinas ensinadas na Escritura, ou a costumes, ou a interpretações bíblicas. Nunca, em parte alguma das milhares de obras patrísticas examinadas, tinha o sentido católico-romano do termo[18].

O interessante é que este mesmo argumento também é usado pelos católicos ortodoxos orientais, separados de Roma desde 1054 d.C. Eles também usam a palavrinha mágica "tradição" como a "prova" de sua doutrina, mas, neste caso, não fazem referência à tradição romana, mas à tradição ortodoxa, é claro. O detalhe é que ambos defendem *sua própria tradição* usando a mesma fonte como referência, e falhando pelo mesmo erro de anacronismo. Romanos e ortodoxos tem tradições divergentes e distorcem o sentido do mesmo termo em cima de textos isolados dos Pais da Igreja, cada qual para provar seu próprio ponto de vista.

Até mesmo os muçulmanos que tentam interpretar a Bíblia falham pelo anacronismo. Como eles creem que o "consolador" é Maomé, eles trazem este conceito para dentro de sua interpretação da Bíblia, resultando em enormes equívocos. Sabemos que o Consolador, de fato, é o Espírito Santo (Jo.15:26), não homem algum.

Não tenho tempo aqui para analisar e refutar cada erro de anacronismo de cada igreja, religião ou seita, mas essas observações iniciais servem para deixar o leitor em estado de alerta para não incorrer no mesmo equívoco. Ao invés de sair por aí proclamando vitória por causa de *uma* palavra controvertida, consulte um léxico de grego, faça uma pesquisa sobre o contexto de cada uma das ocorrências do termo na Bíblia, e, se for possível, faça uma pesquisa

[17] Alon Franco fez um ótimo artigo a este respeito, disponível em: http://agrandecidade.com/2015/08/14/paulo-e-as-tradicoes-do-catolicismo/
[18] Disponível em: http://apologiacrista.com/meu-novo-livro-em-defesa-da-sola-scriptura

histórica sobre como essa mesma palavra era entendida historicamente naquela própria época. Isso evitará cometer eisegese baseado em um entendimento moderno e distorcido de um termo original gramaticalmente idêntico, mas de significado oposto ao que se pretende.

- **Análise de eisegese**

O maior recurso de todos os que "torcem as Escrituras" (2Pe.3:16) é conhecido como *eisegese.* Enquanto a exegese busca extrair o significado de um texto mediante legítimos métodos de interpretação, a eisegese consiste em injetar em um texto alguma coisa que não está ali, mas que o intérprete *quer* que esteja. O prof. Antônio Renato Gusso, em sua obra sobre hermenêutica, conta que certa vez um rapaz que ia pregar na igreja dele já tinha todo o esboço do culto preparado, mas só faltava uma coisa: os textos bíblicos! Então, este rapaz foi consultá-lo para que ele lhe dissesse quais textos bíblicos poderiam ser usados para fundamentar sua pregação![19]

Claramente, o pregador estava praticando eisegese, ao invés de exegese. Em vez de ler as Escrituras com a devida atenção e extrair dela o conteúdo da pregação, o autor já tinha uma ideia pronta na cabeça e só queria usar versos isolados da Bíblia para dar base a esta convicção. Alguns ícones da teologia da libertação defendem explicitamente esse método. Para eles, é errado extrair da Bíblia o seu significado. O correto é injetar nela aquilo que ajuda na "luta de classes" em favor dos "oprimidos". É desta forma que alguns deles consideram Abraão um "opressor", assim como todos os ricos descritos na Bíblia (ainda que a mesma descreva Abraão de uma forma totalmente oposta).

Não é nada raro encontrarmos exemplos práticos de eisegese. Eles existem por todos os lados, o tempo todo, sendo incansavelmente praticado por aqueles que deixam de crer no que a Bíblia diz, para fazer a Bíblia dizer o que eles creem. Quem costuma praticar eisegese não se preocupa com o significado de um texto para seus receptores originais, mas tenta perverter este significado

[19] Antônio Renato Gusso. *Como entender a Bíblia.* Curitiba: A. D. Santos, 1998, p. 81.

para torná-lo mais próximo de seus próprios conceitos teológicos. Desde a época de Pedro já é dito que "os ignorantes e instáveis torcem as Escrituras, para a própria destruição deles" (2Pe.3:16).

O maior ícone atual da eisegese no Brasil é, sem dúvida, Paulo Leitão, um comediante papista que tenta dar "fundamento bíblico" às doutrinas romanas, sempre nos presenteando com muitas gargalhadas. Leitão é um profissional nato da eisegese, ao ponto de às vezes parecer quase acreditar naquilo que diz. Ele tem vídeos onde defende o purgatório com dezenas de provas "bíblicas", e até mesmo a intercessão dos santos desde o livro de Jó(!) até o Apocalipse. É um verdadeiro fenômeno da eisegese. Eu já escrevi algumas refutações ao mesmo[20], mas parei depois de suspeitar que ele seja um evangélico se fingindo de "católico" infiltrado no lado de lá para abaixar o nível da apologética romanista.

Um dos textos citados por Leitão na defesa da intercessão dos "santos" falecidos foi este:

"Nisto ouvi como que um imenso coro, sonoro como o ruído de grandes águas e como o ribombar de possantes trovões, que cantava: Aleluia! Eis que reina o Senhor, nosso Deus, o Dominador! Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque se aproximam as núpcias do Cordeiro. Sua Esposa está preparada" (Apocalipse 19:6-7)

Não me pergunte onde foi que ele viu intercessão de gente morta aí. Eu também não sei. Mas ele viu[21]. E com um pouco de esforço e bastante imaginação, qualquer um pode ver qualquer coisa na Bíblia. Só precisa de muita criatividade, e de desonestidade maior ainda.

[20] Disponível em:
a) http://heresiascatolicas.blogspot.com.br/2015/02/refutando-o-comediante-paulo-leitao-i.html
b) http://heresiascatolicas.blogspot.com.br/2015/06/paulo-leitao-pagando-mico-ao-tentar.html

[21] Ele disse isso no minuto 24:07 deste vídeo:
https://www.youtube.com/watch?v=f1YRu4daESo

Enquanto os católicos mais honestos admitem que não há base bíblica para muitas de suas doutrinas e por isso se apoiam na tradição contra a Sola Scriptura, Leitão e outros fenômenos modernos da eisegese estão lutando uma luta em vão para dar fundamento eisegético a doutrinas que claramente só eles que veem nos textos que citam. Um dos "melhores" argumentos desta apologética papista moderna é o do silêncio: se a Bíblia declara que Jesus disse muitas coisas que não foram escritas (Jo.20:30; 21:25), conclui-se imediatamente que estas coisas eram justamente todas as doutrinas católicas que não constam em parte nenhuma daquilo que *foi* escrito!

Ao invés de agir com prudência e cautela sobre o que não foi dito, ficando com aquilo que *foi* dito, eles descem o pé no acelerador e pisam fundo no campo das suposições, hipóteses, devaneios e delírios. Não é à toa que os mórmons, os espíritas, os muçulmanos e praticamente todas as seitas apostam na mesma cartada: entre essas "muitas outras coisas que não foram escritas" os mórmons presumem que está a ida de Jesus à América, os espíritas concluem que está a reencarnação, os muçulmanos acham que estão profecias sobre Maomé, e assim por diante. O *eisegeta* vai sempre se basear mais naquilo que nunca foi dito, mas que ele *quer* que tenha sido dito, do que naquilo que realmente *foi* dito – principalmente se o que foi dito é um golpe de morte em suas próprias invenções eisegéticas.

- **Análise do sentido**

Outro meio fácil de identificar eisegese é quando a conclusão tirada dos textos não tem lógica alguma. É verdade que parte dos erros de interpretação parecem "lógicos" (do ponto de vista de que, mesmo sendo errados, ainda parecem superficialmente convincentes), mas muitas outras vezes a conclusão "salta" das premissas e deixa as coisas um tanto ilógicas e incoerentes. Aqueles que defendem a tese de que o corpo da ressurreição é meramente um corpo "espiritual" no sentido de "não-físico" não veem qualquer distinção real entre isso e o estado intermediário, que, para eles, é onde os mortos estão agora em

forma de "espíritos". Mas se os mortos *já são* espíritos, pra que "ressuscitar" em forma "espiritual"? Simplesmente *não tem sentido.*

Qual é a lógica ou coerência em um espírito (algo imaterial) ser revestido de um "corpo espiritual" (algo imaterial) é um mistério irracional que nunca foi explicado, porque de fato não tem nenhuma explicação racional. Algo que **já é** imaterial não precisa ser revestido ou transformado em algo **também** imaterial, e isso sequer é possível. Se existe uma ressurreição, ela *precisa* ser física, ou o próprio sentido da mesma se perde. Se há realmente uma ressurreição que acontece quando Jesus voltar, é obviamente necessário que ocorra alguma mudança fundamental no panorama, e não que tudo continue o mesmo. Mas se já estamos no Céu como "espíritos" antes da ressurreição, e se continuaremos no Céu como "espíritos" depois da ressurreição, então essa tal "ressurreição" é simplesmente uma redefinição sutil do termo para significar "nada".

Ou então tente ler o seguinte texto bíblico sob a ótica determinista (doutrina que afirma que tudo o que acontece foi decretado ou determinado por Deus desde a eternidade):

"Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados! Quantas vezes **eu quis** reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, **mas vocês não quiseram**" (Mateus 23:37)

O que o texto diz? Que Jesus ***quis*** reunir Israel, mas eles ***não quiseram***, e como consequencia disso eles foram julgados. Se não há livre-arbítrio, então quem na verdade não quis que os israelitas se reunissem com Deus foi *o próprio Deus,* que já havia determinado isso, sem que o homem pudesse fazer nada a respeito para contrariá-lo. Se foi Deus que determinou infalível e irremediavelmente que os israelitas rejeitariam, então Lemke está certo quando diz que "o lamento de Jesus deveria teria sido sobre a dureza do coração de Deus"[22].

[22] Lemke, "A Biblical and Theological Critique of Irresistible Grace", in *Whosoever Will: A Biblical-Theological Critique of Five-Point Calvinism*, ed. David L. Allen and Steve W. Lemke (Nashville, TN: Broadman & Holman, 2010), p. 120.

O determinista típico vai responder que Deus *quis* determinar que os israelitas *não quisessem,* e que mesmo assim demonstrou bipolaridade ao dizer que na verdade *não queria* não, e que os culpados eram os israelitas por não terem se oposto a um decreto do qual era totalmente impossível se opor. Por mais ilógico e irracional que isso seja, ainda assim há gente que irá preferir crer que tudo foi determinado por Deus e que este mesmo Deus reclama por alguém ter rejeitado um convite dele, quando foi da determinação do próprio Deus que eles rejeitassem[23].

Quando analisamos o sentido de um argumento, há coisas que se encaixam, e coisas que não se encaixam de jeito nenhum. Geralmente, os que não conseguem encaixar sua teoria tentam encaixá-la de qualquer jeito, mesmo que para isso tenham que fazer aquilo que chamamos de "malabarismo hermenêutico", que é quando alguém faz de tudo para tentar dar sentido a algo que definitivamente não tem sentido nenhum. Na dúvida, é melhor ficar com aquilo que *tem* sentido, do que com aquela interpretação que parece completamente forçada e antinatural.

- **Análise do fundo cultural**

Há textos cuja interpretação depende do fundo histórico onde ele se situa. Isso não significa, no entanto, que devamos relativizar todo o evangelho para se adaptar à cultura mundana ou secular de cada povo. Ao contrário, o Cristianismo é muito melhor descrito como uma "contracultura", que está a todo tempo em uma guerra espiritual contra as forças do mundo. É por isso que João disse que "o mundo jaz no maligno" (1Jo.5:19), e que Tiago declarou que "quem quer ser amigo do mundo se torna inimigo de Deus" (Tg.4:4). Não se trata especificamente de adaptar o evangelho à cultura secular, mas sim de identificar onde está a essência do problema, e a sua respectiva aplicação.

Em outras palavras, em toda proibição bíblica há um ***princípio*** eterno que vale para todas as eras, mas a ***aplicação*** deste princípio varia em relação à época e

[23] Leia mais sobre o determinismo em: http://apologiacrista.com/determinismo-calvinista

cultura. Recentemente uma "igreja" decidiu fazer "cultos" onde todo mundo pode ficar pelado, desde o padre até os irmãos da igreja[24]. Eles queriam viver como Adão e Eva antes da Queda. O padre prega completamente nu no púlpito. Logicamente, qualquer pessoa minimamente sensata sabe que isso é abominável, e de fato chega a ser uma ofensa ou blasfêmia contra Deus.

Mas pense agora se esta mesma igreja estivesse em uma zona indígena, e que todos os membros dali fossem índios, que sempre viveram com pouca ou nenhuma roupa sem qualquer conotação sexual ou malícia. Você consideraria isso uma ofensa ou blasfêmia contra Deus? Você iria vestir os índios, que sempre viveram daquele jeito sem nunca terem entendido isso de forma maldosa ou erótica? Eu não. E todos os missionários que já tentaram vestir os índios falharam miseravelmente, tanto na tentativa de vesti-los quanto na tentativa de evangelizá-los. Naquela cultura, a nudez pública não é um mal.

Note que o princípio de santidade e pureza é eterno, mas a *aplicação* deste princípio é variável. Em nossa cultura, ficar pelado ou seminu em público é algo extremamente vulgar e imoral. Na cultura *deles,* isso é algo natural sem nenhuma malícia ou maldade, que não afeta a santidade e pureza. Não é o princípio que muda, e sim a aplicação deste princípio. Como este é um assunto longo e polêmico, deixarei para comentar mais sobre isso no capítulo 9 deste livro, que abordará temas como o uso de tatuagens, de véu, de roupas, de cabelo comprido e de barba.

- **Análise do original grego ou hebraico**

Alguns textos polêmicos não são polêmicos apenas pela interpretação que se dá a eles, mas também pela própria tradução. Embora problemas com traduções conflitantes seja algo que ocorra em uma minoria de vezes, não é nem um pouco incomum. E quando isso sucede, é necessário que você saiba hebraico e grego, ou que, pelo menos, tenha em mãos um bom léxico de

[24] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SlgylxDGB24. Qualquer ânsia de vômito ao assistir ao vídeo não é culpa minha.

hebraico e grego (ou, melhor ainda *vários* bons léxicos!). Na verdade, mesmo para quem sabe tudo de grego, ainda assim a sua própria sapiência não é o suficiente em um trabalho acadêmico ou em um debate formal. Não basta ele dizer o que uma palavra significa, ele tem que provar que ela significa isso mesmo. No fim das contas, tanto aquele que sabe quanto aquele que não sabe os idiomas originais terão que recorrer aos dicionários de grego e hebraico.

Com o avanço da internet, ter acesso a este conhecimento ficou bem mais simples. A Concordância de Strong é livremente acessível para todos (disponível na nota de rodapé deste livro)[25], e há sites que disponibilizam diversas ferramentas que ajudam muito neste sentido. O site "Bible Hub"[26] é uma pérola riquíssima para quem quiser ter acesso online a diversos materiais extremamente relevantes na parte de tradução e de comentários bíblicos diversos. Ainda assim, o mais recomendável é que o estudioso pelo menos tente fazer um curso de introdução ao grego bíblico. Hoje em dia, nem dinheiro é desculpa: há vários cursos online e gratuitos de grego, inclusive em vídeos no YouTube.

Há alguns casos que são mais complicados, onde o problema não reside tanto na tradução em si, mas na divergência de manuscritos. Trata-se de problemas abordados pela Crítica Textual, que é uma área complexa que foi melhor abordada no capítulo 7 do meu livro "As Provas da Existência de Deus"[27], e que não vem ao caso discutir novamente. O fato é que certos textos aparecem em uns manuscritos antigos e não aparecem em outros, ou então aparecem em alguns de uma forma, e em outros de uma forma bastante diferente. Embora seja muito difícil para qualquer pessoa ter acesso a todos os mais de cinco mil manuscritos gregos antigos, todos os três códices mais importantes (Vaticano[28], Sinaítico[29] e Alexandrino[30]) estão disponíveis online, o que facilita bastante a tarefa do exegeta.

[25] Disponível em: http://www.sacrednamebible.com/kjvstrongs/index2.htm
[26] Disponível em: http://biblehub.com/commentaries/
[27] Disponível em: http://apologiacrista.com/as-provas-da-existencia-de-deus
[28] Disponível em: http://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.gr.1209
[29] Disponível em: http://www.codex-sinaiticus.net/en/
[30] Disponível em: https://archive.org/details/codexalexandrinu00woid

● **Análise da história**

Uma análise histórica é sempre imprescindível para quem almeja chegar mais perto do significado pretendido pelo autor. Embora somente a Bíblia seja normativa, inspirada e inerrante, ler a literatura judaica (no caso de textos do Antigo Testamento) e a patrística (no caso de textos do Novo Testamento) é sempre importante, porque ajuda a nos levar mais próximo daquilo que os receptores da mensagem originalmente entenderam. É óbvio que, em casos onde a Bíblia é clara sobre uma questão, nada que algum rabino ou Pai da Igreja afirmar irá mudar isso. Mas há textos dúbios e ambíguos, que permitem razoavelmente mais de uma única interpretação, e nestes casos o que a história afirma a respeito é ainda mais valioso.

A literatura útil do Antigo Testamento é mais escassa do que a do Novo, mas podemos destacar o livro de Enoque, o livro da Assunção de Moisés, os Odes de Salomão, o Salmo 151, 1º e 2º Esdras, 3º e 4º Macabeus, a Oração de Manassés, o Livro dos Jubileus, 4º Baruque, o Apocalipse de Elias, o Livro de Jasar, além dos sete apócrifos acrescentados pelos católicos em suas Bíblias (1º e 2º Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico, Tobias, Judite e Baruque, além das adições aos livros de Daniel e de Ester). Todos estes livros judaicos não são canônicos e contém certos erros teológicos, mas ainda assim tem sua relevância histórica e devocional, foram estimados até certo ponto pelos judeus e em alguns casos podem nos ajudar a desvendar a interpretação de certos textos que são para nós ambíguos ou críticos.

No caso do Novo Testamento, o conteúdo relevante que temos vem da patrística, que são os escritos dos Pais da Igreja, os cristãos que sucederam os apóstolos depois da morte deles. Neste quesito, deve se dar credibilidade maior para aqueles que conviveram mais de perto com os apóstolos e que escreveram em data mais antiga, como Clemente de Roma (35-97), Inácio de Antioquia (35-107), Policarpo (69-155), Papias (70-155), Hermas (70-155) e a Didaquê (60-90). No segundo século aparecem escritores como Aristides (75-134), Barnabé (80-150), Justino (100-165), Teófilo (120-186), Taciano (120-180), Melito (120-180),

Irineu (130-202) Orígenes (185-253), Clemente Alexandrino (150-257) e Atenágoras (133-190).

Os escritores a partir do terceiro século têm menos ligação com os apóstolos, mas ainda assim não devem ser de todo ignorados. Em todo caso, o mesmo critério que vale com os livros judaicos também se aplica aos patrísticos: tais obras foram escritas por homens falíveis que poderiam errar e até mesmo ter algum escrito seu posteriormente adulterado por copista, mas isso não tira a importância histórica que eles desfrutam, quanto maior for a sua proximidade com os apóstolos. Como já foi mencionado, uma doutrina crida unanimemente pelos judeus do Antigo Testamento ou pelos primeiros Pais da Igreja é quase impossível de ser falsa, pois exigiria que a mensagem original tivesse sido corrompida em um espaço de tempo muitíssimo curto.

- **Análise de comentários bíblicos**

É também valioso usar como recurso técnico a consulta àquilo que outros teólogos antes de você já fizeram na área, uma vez que é quase impossível que você seja o primeiro a se aventurar a interpretar um texto bíblico em especial. Quase todas as passagens já foram interpretadas antes por alguém, seja ele um rabino (no caso de textos do Antigo Testamento), ou um Pai da Igreja, ou um doutor da Igreja, ou um reformador, ou qualquer um dentre os milhares e milhares de teólogos que já existiram, das mais variadas e diferentes linhas doutrinárias.

Tenha a humildade de reconhecer que você dificilmente será o primeiro a dar um parecer sobre um assunto, e que a opinião daqueles que chegaram antes de você tem importância, ainda que não como autoridade final. É muito provável que o texto estudado já tenha sido abordado de forma divergente por muitos teólogos de linhas diferentes, e será importante analisar os dois lados da moeda, o que lhe fará crescer em conhecimento, percebendo algum detalhe relevante que você possa não ter notado em uma leitura inicial.

Procure por comentários bíblicos, Bíblias de estudo, livros teológicos, artigos acadêmicos, sites confiáveis. Não se limite a consultar apenas a visão daqueles que concordam com o seu ponto de vista. O principal problema dos que incorrem em heresia é justamente por considerar uma autoridade infalível (seja formal ou informalmente) e automaticamente descartar de antemão todo e qualquer ponto de vista contrário, como se já estivesse errado *a priori.* O trabalho do estudioso honesto deverá envolver a análise dos teólogos que você concorda e também daqueles que você discorda, sejam eles liberais ou fundamentalistas, católicos ou protestantes, biblistas ou anticristãos.

Se você levar isso em consideração, irá se impressionar com a quantidade de vezes em que alguém geralmente tido por "herege" também pode ser útil em alguma questão em particular. Isso porque raramente alguém está errado em *tudo.* Alguns podem estar miseravelmente equivocados em uma porção de coisas, mas ao mesmo tempo serem espetaculares em outras áreas. O estudioso de mente fechada geralmente tende a se fechar em seu casulo e a não buscar conhecimento naqueles que considera "do mal", mas ao fazer isso nunca conseguirá sair da mediocridade. Leia todos, de todas as vertentes, nem que seja para refutá-los depois, e estar mais preparado para as suas investidas.

O apóstolo Paulo nos passou um excelente princípio – "examine tudo, e retém o que é bom" (1Ts.5:21). O exegeta qualificado não terá medo de ler autores que discorda, e de filtrar com sabedoria aquilo que presta dentre o que não presta. Ao fazer isso, ele poderá chegar às suas próprias conclusões, sem seguir cegamente a ninguém em particular. Eu poderia citar aqui muitos teólogos que marcaram (e que continuam marcando) minhas visões teológicas, mas não poderia citar nenhum que eu concorde em tudo. Quanto mais honesto e determinado você for na busca pela verdade, maior é a tendência de você perceber que as pessoas são falíveis, e que todas elas tem defeitos e qualidades. Seguir acriticamente uma única pessoa ou visão é copiar seus defeitos e se ausentar das qualidades que poderia encontrar em outro lugar.

- **Últimas Considerações**

Estes dez princípios que foram brevemente relatados estão longe de serem *todos* os princípios que um bom exegeta deve observar ao interpretar um texto, mas são os que hão de mais relevante. Agora vamos aos exemplos práticos, onde estes métodos serão colocados à prova em vinte textos polêmicos.

CAP. 2 – QUEM ERAM OS FILHOS DE DEUS, DE GÊNESIS 6:1-4?

Um dos textos mais absolutamente controversos é, certamente, o de Gênesis 6:1-4, que diz:

"Quando os homens começaram a multiplicar-se na terra e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram bonitas e escolheram para si aquelas que lhes agradaram. Então disse o Senhor: 'Por causa da perversidade do homem, meu Espírito não contenderá com ele para sempre; e ele só viverá cento e vinte anos'. Naqueles dias havia nefilins na terra, e também posteriormente, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens e elas lhes deram filhos. Eles foram os heróis do passado, homens famosos" (Gênesis 6:1-4)

A grande dúvida reside em saber quem eram esses tais "filhos de Deus", descritos no verso 1. A maioria dos intérpretes atuais entende que seja uma referência aos "descendentes de Sete" (que seriam justos), sendo que as "filhas dos homens" seria uma referência às "descendentes de Caim" (que seriam ímpias). Ambos teriam se unido por meio de casamento, e Deus se irou por isso e enviou o dilúvio. Mas outra boa parte dos eruditos crê que se trata realmente de anjos que deixaram suas posições no Céu e vieram à terra.

Linha 1	Linha 2
Os "filhos de Deus" são os descendentes de Sete	Os "filhos de Deus" são anjos
As "filhas dos homens" são as descendentes de Caim	As "filhas dos homens" são mulheres

Em primeiro lugar, é necessário fazermos uma breve exegese quanto aos termos "filhos(as) de Deus" e "filhos(as) dos homens" no Antigo Testamento. Um grande problema é que os teólogos modernos tem sempre a tendência de

impor um conceito do Novo Testamento ao Antigo, ou vice-versa, incorrendo assim no mesmo erro de anacronismo já descrito no ponto 4 do capítulo anterior. É óbvio que no Novo Testamento a expressão "filhos de Deus" se aplica em primeiro lugar a seres humanos, de carne e osso, que fazem parte da Igreja ou corpo de Cristo na terra. No entanto, aqui não estamos falando de Novo Testamento, mas de um livro escrito há três mil e quatrocentos anos atrás, por Moisés.

O que devemos fazer não é impor o conceito neotestamentário sobre o Antigo, mas buscar chegar à concepção precisa que este termo tinha naquela época. Isso pode parecer surpreendente para muita gente, mas a expressão "filhos de Deus" simplesmente não existe no Antigo Testamento aplicado para seres humanos. A única vez em que o termo aparece no Antigo Testamento fora de Gênesis 6:1 é no livro de Jó, onde os intérpretes concordam unanimemente que se trata de anjos (Jó 1:6)[31]. Alguns estudiosos afirmam que o livro de Jó é também de autoria de Moisés, o que daria ainda mais peso a este significado em Gênesis 6:1. Mesmo não havendo consenso quanto à autoria de Jó, ainda assim fica o fato de que não há nada no Antigo Testamento que remeta esta expressão a homens, mas apenas a anjos.

O que o Novo Testamento fez, principalmente através da pessoa de Jesus, e mais adiante pelos seus discípulos, foi *ampliar* o sentido de "filhos de Deus", para significar não mais apenas os anjos, mas também aqueles que seguem a Jesus com inteireza de coração. Mas este é um conceito ampliado do Novo Testamento que de forma alguma deve ser imposto sobre o Antigo. Quando Moisés falava sobre "filhos de Deus" em Gênesis 6:1 ele não tinha em mente seres humanos terrenos, mas seres espirituais, angelicais.

E quanto à expressão "filhas dos homens", que os intérpretes da primeira linha aplicam para a geração de Caim, que era ímpia? O Antigo Testamento simplesmente não mostra tal significado em lugar nenhum de seus 39 livros canônicos. Em lugar disso, o que ocorre é que a expressão é geralmente

[31] Nota-se que a NVI, por exemplo, decidiu traduzir a expressão "filhos de Deus", em Jó 1:6, como "anjos", indo direto ao significado da expressão (embora tenha deixado a questão em aberto em Gênesis 6:1).

empregada para os seres humanos em geral, e nas vezes em que o termo é mais específico ele ironicamente recai sobre os homens *justos,* e não sobre os ímpios! Por exemplo, este termo é usado muitas vezes para o próprio profeta Ezequiel (ex: Ez.2:1,3,6,8; 3:1,3,4,10,17,25; 4:1,16; 5:1; 7:2; 8:5-6, etc). Ele também é aplicado ao profeta Daniel (em Daniel 8:17), e profeticamente a Jesus, em Daniel 7:13.

Em síntese, nem a expressão "filhos de Deus", nem a expressão "filhas dos homens", favorecem a primeira linha de interpretação, que é a mais comum hoje. "Filhos de Deus" no Antigo Testamento não eram os homens descendentes de Sete, mas os anjos. E o termo "filho" ou "filhos" dos homens nunca foi usado para descrever uma geração ímpia, mas era em primeiro lugar um termo genérico descrevendo toda a raça humana ou, em alguns casos, a um homem justo em especial – o que também torna bastante improvável que as "filhas dos homens" de Gênesis 6:1 tenham sido as descendentes de Caim.

Mas o anacronismo está longe de ser o único problema da Linha 1. Os defensores desta corrente também são flagrados no ponto 6 dos problemas exegéticos destacados no capítulo anterior: a ausência de sentido. Para os intérpretes da Linha 1, este pecado que culminou no dilúvio na verdade se resume ao fato de que os descendentes de Sete começaram a se unir em casamento com as descendentes de Caim. Há vários problemas de sentido com isso.

Primeiro, porque o argumento parte do pressuposto de que *toda* a geração de Sete foi justa, e que *toda* a geração de Caim foi ímpia. Mas a Bíblia não diz nada disso. O que ela diz é que Sete foi justo e Caim foi ímpio, mas não que toda a descendência deles foi justa ou ímpia. Isso seria o mesmo que dizer que todos os descendentes de Nero até hoje são todos ímpios, ou que todos os descendentes de Moisés até hoje são todos justos. Isso é evidentemente falso.

Em segundo lugar, é necessário observar que este foi o ponto culminante para Deus enviar o dilúvio logo em seguida (v.7). Logo após o relato de Gênesis 6:1-4, é dito que "o Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na

terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal" (Gn.6:5). E quando o dilúvio finalmente veio, é nos dito que apenas Noé e sua família restavam de justos sobre a face da terra. Então o cenário bíblico é totalmente oposto à Linha 1, que infere que "filhos de Deus" são a descendência justa de Sete, e que "filhas dos homens" são a descendência ímpia de Caim. Ao contrário: *ambas* as descendências, tanto de Sete como de Caim, já haviam mergulhado na iniquidade.

Em terceiro lugar, não faz sentido que Deus puna o ser humano pelo simples fato de que a descendência de Sete tenha se juntado por meio de casamentos com a descendência de Caim, porque em toda a Bíblia não há um único lugar onde Deus tenha proibido que tal coisa ocorresse. Há lugares onde Deus proíbe que israelitas se casem com mulheres não-israelitas (Ne.13:25-27) e onde Deus proíbe que crentes se casem com descrentes (2Co.6:14-18), mas nenhum lugar onde a descendência de Sete tenha sido proibida de se juntar com a de Caim. Mais uma vez, os advogados da Linha 1 se metem em *eisegese,* presumindo o que nem de longe está na Bíblia.

Em quarto lugar, a Linha 1 também não tem sentido à luz do contexto imediato, que parece claramente traçar uma ligação entre dois acontecimentos. O primeiro é este, onde os "filhos de Deus" possuíram as "filhas dos homens", e o segundo está logo no verso 4, que diz que os filhos dessa junção entre os filhos de Deus e os filhos dos homens eram "os heróis do passado, os homens famosos" (v.4). Isso simplesmente não tem sentido nenhum caso tudo o que tenha ocorrido tenha sido relação sexual normal entre homens e mulheres, mas tem todo o sentido caso de fato tenha sido anjos caídos que "possuíram" aquelas mulheres, gerando filhos geneticamente modificados, os quais, por essa mesma razão, se tornaram mais fortes e poderosos que os demais, e viraram "heróis", "lendas" da época.

Alguns estudiosos chegam inclusive a afirmar que o mito de Hércules (filho da relação entre um "deus" e uma mulher), bem como outros mitos semelhantes, provém em grande parte destes "heróis" de Gênesis 6:4, cujas histórias foram preservadas pela tradição oral e transmitidas adiante de boca em boca, embora

obviamente alteradas para mais ou para menos com o passar do tempo, visto que tradições orais tendem a corromper em alguma medida o conteúdo original de uma mensagem. De qualquer forma, estes heróis do passado deixaram de existir com a chegada do dilúvio, e a ligação entre eles e o episódio de Gênesis 6:1-4 tem muito mais sentido e conexão com a Linha 2 do que com a Linha 1, que deixa o acontecimento sem explicação.

Quando analisamos o contexto geral, também vemos ampla base Escriturística para o fato de terem sido anjos. Judas faz uma referência a isso quando diz:

"E aos anjos que não conservaram suas posições de autoridade mas abandonaram sua própria morada, ele os tem guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia" (Judas 1:6)

Embora os intérpretes da Linha 1 entendam este texto não como uma referência aos "filhos de Deus" de Gênesis 6:1, mas sim como uma referência aos anjos que anteriormente caíram na rebelião de Satanás (vulgarmente conhecido como "Lúcifer"), o fato é que estes anjos descritos no texto de Judas **"abandonaram a própria morada"**, dando a entender uma ação deliberada, enquanto os anjos que caíram na rebelião de Satanás não abandonaram por conta própria, mas foram **expulsos** do Céu, após perderem a batalha contra Miguel e seus anjos (Ap.12:7-8). Portanto, a menção nos leva a crer que se trata do episódio de Gênesis 6:1-4, onde os anjos decidiram "abandonar sua própria morada" ao verem que "as filhas dos homens eram formosas", e não à rebelião original de Satanás e seus anjos.

Outra evidência no texto de Judas 1:6 que nos leva a crer que ele fazia referência aos anjos caídos de Gênesis 6:1-4 é que ele diz que estes anjos estão agora **"presos com correntes eternas"**, aguardando o juízo do grande dia. Este lugar é o mesmo identificado como "tártaro" (2Pe.2:4) ou "abismo" (Lc.8:31; Ap.9:1), para onde os demônios em Lucas 8:31 não queriam ser levados, e rogaram a Jesus para que ele lhes mandasse aos porcos. O Apocalipse nos diz que no futuro este abismo será aberto, para o momento no qual estes

demônios serão libertos temporariamente e atuarão junto aos demais no contexto da grande tribulação (Ap.9:1-6).

Agora observe a descrição que Paulo faz dos demônios em geral (i.e, os que foram expulsos do Céu na rebelião de Satanás). Ele não diz que os demônios em geral estão presos, mas soltos. Eles estão "nos ares", ou "nas regiões celestiais", conforme outras traduções:

"Pois a nossa luta não é contra pessoas, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal **nas regiões celestiais**" (Efésios 6:12)

É por isso que em outra ocasião Paulo chama Satanás de "o príncipe das potestades **do ar**" (Ef.2:2). Pedro é ainda mais enfático em sua descrição, deixando perfeitamente claro que Satanás não está preso, mas solto, inclusive andando em nosso redor, procurando a quem possa tragar:

"Sejam sóbrios e vigiem. O diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar" (1ª Pedro 5:8)

Perceba o quão evidente é o contraste entre os anjos que caíram na rebelião de Satanás e aqueles a quem Judas faz referência em Judas 6. Os que caíram originalmente foram expulsos, mas os que ele faz menção abandonaram deliberadamente sua própria morada. Os que caíram originalmente estão soltos, mas os que ele faz menção estão presos. Quando comparamos com o texto de Gênesis 6:1-4, que fala dos "filhos de Deus", vemos exatamente o mesmo cenário descrito por Judas, o que nos leva a crer que o texto de fato não está falando absolutamente nada dos "descendentes de Sete"!

Por fim, vamos ao ponto 9, que é a análise da história. O relato mais antigo preservado sobre o episódio descrito em Gênesis 6:1-4 vem do Livro de Enoque, o qual descreve o evento desta maneira:

"E aconteceu depois que os filhos dos homens se multiplicaram naqueles dias, nasceram-lhe filhas, elegantes e belas. E quando **os anjos, os filhos dos céus**, viram-nas, enamoraram-se delas, dizendo uns para os outros: Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas da progênie dos homens, e geremos filhos"[32]

Curiosamente, este mesmo livro era muito conhecido por Judas, que o citou de forma direta em sua epístola (Jd.1:14-15). É só mais tarde que Flávio Josefo, já em pleno século I da era cristã, propõe a interpretação de que o relato diz respeito à descendência de Sete, e não aos anjos[33]. Isso é bastante fácil de explicar. Como o fato de anjos terem tido relações sexuais com mulheres parece algo bastante forte aos olhos humanos, e até difícil de aceitar, autores posteriores tentaram reinterpretar o verso, para suavizar a mensagem – ainda que para isso tenham corrompido a exegese. Ironicamente, é justamente pelo fato de o acontecimento ter sido tão absurdo e monstruoso que foi a gota d'água para Deus ter enviado o dilúvio e destruído todo o mundo da época (Gn.6:1-7)!

Assim como naquele tempo, ainda hoje há muitos teólogos que preferem suavizar a mensagem enfática de Gênesis 6:1-4, em especial porque pensam que os anjos não podem dar filhos, uma vez que são seres espirituais. Isso é verdade. Em sua condição celestial, os anjos são puramente espíritos. No entanto, eles ignoram o fato de que sempre quando a Bíblia menciona um anjo ***vindo a terra***, este anjo se materializa, tomando forma totalmente humana. É por isso que os habitantes de Sodoma e Gomorra queriam ter relações sexuais com os anjos em forma humana (Gn.19:5), e que os anjos que conversaram com Abraão chegaram até a comer com ele (Gn.18:8). E foi nesta condição humana materializada que ocorreu o pecado, e não na condição espiritual celeste, a qual eles já haviam abandonado. Não há, portanto, qualquer conflito entre um fato e outro, e nenhuma necessidade de suavizar a mensagem original, a qual é perfeitamente compatível com a Linha 2.

[32] Apócrifo de Enoque, c. 7, 1-2.
[33] História das Antiguidades, Livro I, 2:10.

CAP. 3 – JEFTÉ SACRIFICOU SUA FILHA?

Outro texto tão controverso quanto o anterior é o que narra o voto que Jefté fez caso vencesse uma batalha. O contexto é este:

"E Jefté fez este voto ao Senhor: 'Se entregares os amonitas nas minhas mãos, aquele que vier saindo da porta da minha casa ao meu encontro, quando eu retornar da vitória sobre os amonitas, será do Senhor, e eu o oferecerei em holocausto'. Então Jefté foi combater os amonitas, e o Senhor os entregou nas suas mãos. Ele conquistou vinte cidades, desde Aroer até as vizinhanças de Minite, chegando a Abel-Queramim. Assim os amonitas foram subjugados pelos Israelitas. Quando Jefté chegou à sua casa em Mispá, sua filha saiu ao seu encontro, dançando ao som de tamborins. E ela era filha única. Ele não tinha outro filho ou filha. Quando a viu, rasgou suas vestes e gritou: 'Ah, minha filha! Estou angustiado e desesperado por tua causa, pois fiz ao Senhor um voto que não posso quebrar'. 'Meu pai', respondeu ela, 'sua palavra foi dada ao Senhor. Faça comigo o que prometeu, agora que o Senhor o vingou dos seus inimigos, os amonitas'. E prosseguiu: 'Mas conceda-me dois meses para vagar pelas colinas e chorar com as minhas amigas, porque jamais me casarei'. 'Vá!', disse ele. E deixou que ela fosse por dois meses. Ela e suas amigas foram para as colinas e choraram porque ela jamais se casaria. Passados os dois meses, ela voltou a seu pai, e ele fez com ela o que tinha prometido no voto. Assim, ela nunca deixou de ser virgem. Daí vem o costume em Israel de saírem as moças durante quatro dias, todos os anos, para celebrar a memória da filha de Jefté, o gileadita" (Juízes 11:30-40)

Novamente, duas linhas de interpretação têm sido propostas sobre o caso. A primeira é a leitura natural do texto: Jefté sacrificou sua filha em holocausto. A segunda é aquela que Paulo de Aragão Lins chamou de "exegetas medrosos"[34], que afirmam que Jefté apenas fez um "holocausto da virgindade"(?) da moça, impedindo ela de ter filhos por toda a vida.

[34] Paulo de Aragão Lins. *O que a Bíblia não diz... mas muitos pregadores e mestres dizem.*

Linha 1	Linha 2
Jefté sacrificou sua filha literalmente	Jefté "sacrificou" apenas a virgindade da filha

Vamos à análise do texto.

Em primeiro lugar, uma pesquisa bíblica simples sobre o termo "holocausto" (*`olah*) no Antigo Testamento nos mostra que, embora ele apareça nada a menos que **289 vezes** nas páginas da Bíblia, nunca, em parte alguma, tem o significado de "sacrificar a virgindade", ou de deixar a pessoa em estado de virgindade perpétua, sem poder se casar com alguém. Essa palavra significa primordialmente "oferta queimada"[35], e sempre quando aparece em contextos como esse diz respeito a algo que foi de fato sacrificado, morto em holocausto.

É essa mesma palavra que sempre ocorre nas muitíssimas passagens veterotestamentárias que falam de holocaustos de animais no templo (ex: Lv.1:4,6,17; 4:24,30; 9:2; 15:30; Nm.7:51,75; 15:5;24; Dt.27:6, etc), os quais eram sempre mortos. É essa mesma palavra também que aparece quando Noé ofereceu um holocausto ao Senhor de alguns animais puros depois do dilúvio (Gn.8:20), e quando Abraão ia sacrificar Isaque (Gn.22:2). Simplesmente não há qualquer razão exegética para pensar que em Juízes 11 o autor tenha empregado um termo hebraico que *sempre* significou sacrifício com morte, para dá-lo repentinamente um sentido completamente novo, para significar algo totalmente oposto ao seu significado fixo e recorrente nas Escrituras.

Em segundo lugar, a *análise do sentido* também torna bastante improvável a interpretação da Linha 2. Isso porque é completamente irracional supor que Jefté ficaria tão terrivelmente amargurado e destruído por dentro caso tudo o que estivesse em jogo fosse tão-somente a virgindade da sua filha. Note como a reação dele transmite algo muito mais profundo do que isso:

[35] Concordância de Strong, 5930.

"...quando a viu, rasgou suas vestes e gritou: 'Ah, minha filha! Estou angustiado e desesperado por tua causa, pois fiz ao Senhor um voto que não posso quebrar'" (v. 35)

Mas o que torna definitivamente absurdo que o voto de Jefté tenha sido relacionado à virgindade é que ele não fez o voto pensando em uma pessoa em particular, e nem em um grupo específico de pessoas jovens, mas sim a ***qualquer pessoa*** que fosse a primeira a vir até ele, ao voltar da batalha. Observe o que Jefté diz:

"...aquele que vier saindo da porta da minha casa ao meu encontro, quando eu retornar da vitória sobre os amonitas, será do Senhor, e eu o oferecerei em holocausto" (v. 31)

Ou seja: *qualquer pessoa* que fosse a primeira a sair ao seu encontro seria sacrificada em holocausto. O voto não foi feito especificamente em relação à sua filha, tanto é que quando ele viu que quem veio foi sua filha ele ficou desesperado. Mas se o voto se relacionava a qualquer pessoa hipoteticamente, seria absurdo que dissesse respeito à virgindade, primeiro porque ele sequer teria condições de garantir que essa pessoa fosse virgem (poderia ser qualquer adulto ou velho que viesse até ele!), e segundo porque ele também não teria absolutamente condição nenhuma de garantir que este voto fosse cumprido. Como ele poderia garantir que a pessoa "sacrificada" não voltaria a fazer sexo nunca mais? Impossível. Isso estaria totalmente fora do seu alcance, tornando seu voto completamente inútil.

O terceiro aspecto que torna absurda a tese da virgindade é o *cumprimento* do voto. Observe atentamente o que diz o verso 39:

"...passados os dois meses, ela voltou a seu pai, e ele fez com ela o que tinha prometido no voto" (v. 39)

A expressão **"ele fez com ela"** o que tinha prometido passa nitidamente a ideia de um ato em si, realizado em um momento específico. Não teria qualquer

sentido uma expressão como essa ter sido empregada para o fato dela jamais ter relações sexuais, visto que tal coisa não envolve um ato específico praticado por Jefté, mas apenas uma atitude contínua de abstinência por parte da moça. Se o texto diz que Jefté a sacrificou depois de passados os dois meses, é porque ela morreu mesmo.

Por fim, a parte final do relato não deixa absolutamente dúvida alguma sobre a natureza do sacrifício, pois diz:

"...daí vem o costume em Israel de saírem as moças durante quatro dias, todos os anos, para celebrar **a memória** da filha de Jefté, o gileadita" (vs. 39-40)

É óbvio que quem "celebra a memória" de alguém, só celebra porque a pessoa morreu. E também não teria lógica alguma que todos os anos as moças de Israel mantivessem um costume de quatro dias de luto por alguém que simplesmente não teve filhos com ninguém – o que era bastante comum na época, especialmente para as mulheres estéreis. Quem em sã consciência celebraria a memória de alguém que está vivo, e todos os anos ficaria de luto por algo tão natural?

Diante de tantas evidências inegáveis de que Jefté sacrificou sua filha, o que faz com que existam tantos numerosos "exegetas medrosos", que sustentam a Linha 2? Duas coisas. A primeira é que a menina demonstrou uma grande tristeza porque nunca mais se casaria (vs.37-38), e daí os "exegetas" da Linha 2 presumem que o sacrifício foi apenas da virgindade, ainda que o texto não diga isso em absolutamente lugar nenhum. Diante do contexto, a razão pela qual a moça ficou tão triste por não se casar não é porque o sacrifício era apenas de casamento, mas porque ela morreria, e de fato alguém que morre não se casa! Presumivelmente, a moça tinha um grande desejo de se casar, e este sonho foi destruído ao saber que seria sacrificada em holocausto pelo seu próprio pai.

A segunda razão pela qual os exegetas da Linha 2 tentam suavizar e torcer o texto bíblico é porque o sacrifício humano era proibido em Israel (Dt.12:31). No entanto, nem sempre o povo israelita obedecia as ordens do Senhor. Algumas

vezes eles chegavam a oferecer seus filhos em sacrifício a Moloque, assim como os pagãos faziam (Lv.20:2; v. tb. 2Cr.28:3). O problema é maior porque aqui não estamos falando de uma pessoa ímpia, mas de um justo. No entanto, pessoas justas na Bíblia não eram perfeitas, e há numerosos relatos onde os maiores personagens bíblicos cometem os mais terríveis atos.

Davi cometeu adultério com Bate-Seba e, como se não bastasse, mandou matar o marido dela, Urias, colocando-o na linha de frente de uma batalha corpo-a-corpo. Mesmo assim, ele é descrito como alguém que tinha o "coração totalmente dedicado ao Senhor" (1Rs.11:4), a despeito de seus pecados. Assim como o adultério e assassinato de Davi, o sacrifício de Jefté não foi ordenado por Deus. Jeová jamais pediu qualquer tipo de sacrifício humano, exceto no caso de Isaque, quando o plano era claramente de colocar a fidelidade de Abraão à prova, e não de sacrificar Isaque. A culpa no episódio não recai sobre Deus, mas sobre Jefté. Foi Jefté que agiu contra os princípios do Senhor e, pensando estar fazendo um bem, estava cometendo um ato insano e terrível. A Bíblia somente *descreve* – e não *prescreve* – a atitude de Jefté.

CAP. 4 – O DOM DE LÍNGUAS EM 1ª CORÍNTIOS 14

O dom de línguas é em disparado um dos assuntos mais polêmicos e disputados na Igreja de hoje, ao ponto de conseguir dividir evangélicos tradicionais de evangélicos pentecostais, e católicos tradicionais de católicos carismáticos. O tema é tão controverso que eu hesitei colocar aqui, e decidi me limitar a comentar 1ª Coríntios 14, delimitando o campo de estudo exegético ao invés de abordar a questão das "línguas estranhas" de uma forma mais ampla e geral.

De um lado, os cessacionistas afirmam que as línguas em questão eram *idiomas terrenos,* os quais eram usados pelos apóstolos para levar o evangelho a regiões distantes que falavam em outras línguas. Era basicamente, portanto, uma ferramenta de evangelização, para edificar o próximo. Já os pentecostais entendem que o dom de línguas consistia em *línguas espirituais,* as quais não podem ser compreendidas por ninguém a não ser que se tenha o dom da interpretação, e este dom servia apenas para a própria pessoa (edificação pessoal), e não para evangelizar alguém ou edificar terceiros.

Linha 1	Linha 2
Línguas terrenas	Línguas celestiais
Compreensível aos homens	Incompreensível
Edificação do próximo (evangelização)	Edificação meramente pessoal
Alguns entendem	Ninguém entende
Quem fala já sabe o que diz	Quem fala precisa orar para interpretar, a fim de edificar também a Igreja

Os cessacionistas em geral afirmam que o dom de línguas serviu apenas para aquela era apostólica e que teve como única finalidade a pregação em língua estrangeira para um estrangeiro. Por exemplo: eu falo português, mas quero evangelizar a Tailândia, então viajo à Tailândia, mas para pregar aos tailandeses teria que saber falar em tailandês. Então, para poupar tempo de estudo até

conseguir aprender a língua, Deus dá o dom de falar em tailandês e eu posso pregar aos tailandeses. A língua é, então, uma língua terrena, e não uma língua "celestial" (por "celestial" entende-se uma língua não criada pelos homens).

Este conceito já começa problemático, porque nenhum dom de Deus pode ser adquirido de forma natural. Se o dom de línguas é isso mesmo que os cessacionistas imaginam que seja, então qualquer um poderia aprender naturalmente, estudando o idioma durante alguns anos. Deus teria dado um dom que não seria mais do que os ímpios já praticam através do estudo. Mas da mesma forma que seria absurdo se disséssemos que é possível estudar profecia e se tornar profeta, é absurdo também que um estudo natural de idiomas terrenos faça o mesmo que Deus faz através de um dom. Dons de Deus são dádivas dele que o homem de modo algum conseguiria por seus próprios meios. Portanto, a língua falada não pode ser uma língua terrena.

Analisando o texto em questão mais de perto, vemos cada vez mais claramente o conceito de língua celestial ou incompreensível, a qual servia apenas de edificação individual de quem fala. A comunidade de Corinto tinha um problema, e esse problema não era que eles não falavam em línguas, e sim que eles falavam demais, de forma desorganizada e banalizada dentro da igreja. Os cultos estavam virando uma bagunça e Paulo teve que intervir com uma mensagem dura que lhes fizesse usar o dom de forma regular e equilibrada dentro da igreja. Ele disse:

"Sigam o caminho do amor e busquem com dedicação os dons espirituais, principalmente o dom de profecia. Pois quem fala em língua não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o entende; em espírito fala mistérios. Mas quem profetiza o faz para a edificação, encorajamento e consolação dos homens. Quem fala em língua a si mesmo se edifica, mas quem profetiza edifica a igreja" (1ª Coríntios 14:1-4)

Paulo começa dizendo que o dom de profecia é maior que o dom de línguas, e explica a razão: o dom de profecia serve para **edificação coletiva**, enquanto o dom de línguas serve apenas para **edificação pessoal**. Paulo traça um contraste

entre o dom de línguas e o de profecia. Ele diz que o que profetiza fala aos homens, mas o que fala em línguas não fala aos homens, mas a Deus. Seria absurdo e falso se ele estivesse se referindo ao ato de pregar o evangelho a um estrangeiro na língua do estrangeiro, pois assim ele estaria falando aos homens, que é exatamente o que ele diz que quem fala em línguas **não** faz!

Paulo diz que o que fala em línguas **não fala aos homens**. Como ele pode dizer que o que fala em línguas não fala aos homens, se o dom de línguas se refere exatamente ao ato de **pregar a homens** em língua humana? Se eu prego o evangelho em japonês para um japonês, eu não estaria falando a um homem? Sim, estaria. Da mesma forma que o dom de profecia é uma fala aos homens, o dom de línguas **também seria**, se fosse línguas terrenas. Mas Paulo diz que o homem, ao falar em línguas, não fala aos homens, mas a Deus somente. Isso está totalmente de acordo com o conceito pentecostal do dom de línguas, onde as línguas são uma linguagem sobrenatural de oração em nosso momento particular com Deus, para edificação pessoal, e que não serve pra nada se falado para outra pessoa.

Paulo também diz, sobre o que fala em línguas, que **ninguém o entende** (v.2). Isso é o contrário do que creem os cessacionistas, pois o homem que fala em línguas estaria falando a um não-convertido precisamente **em uma língua que ele entende!** Então, enquanto no pentecostalismo ninguém entende o que está falando em línguas (pois as línguas não são terrenas para serem compreendidas), no cessacionismo as línguas são precisamente aquilo que é entendido por aquele que está ouvindo.

Outro ponto que o texto nos mostra é que o que fala em línguas **em espírito fala mistérios** (v.2). Mas como seria um "mistério", se a língua é terrena e perfeitamente compreendida pelo descrente que a escuta? Um japonês que houve o evangelho em japonês está ouvindo algo misterioso ou perfeitamente compreensível? O "mistério" só existe se a língua não é terrena. Se é terrena, torna-se compreensível e perde-se o mistério. O "mistério" seria tão profundo que até um tradutor eletrônico o desvendaria. A frase **"ninguém o entende,**

pois em espírito fala mistérios" dificilmente pode ser entendida dentro da ótica cessacionista, de forma honesta e coerente.

Paulo ainda diz que o que fala em línguas a si mesmo se edifica, ao passo em que aquele que profetiza edifica a igreja (v.4). Isso também bate de frente com a tese de que o falar em línguas se refere a línguas idiomáticas que são faladas a um descrente para a salvação dele, pois isso seria de edificação do próximo, e não de edificação pessoal. Paulo diz que a profecia é de edificação coletiva porque o que profetiza não profetiza "a si mesmo", mas a alguém.

Se as línguas funcionassem como os cessacionistas acham que funciona, então aquele que falasse em línguas também estaria falando a alguém, e não a Deus. Consequentemente, também seria de edificação do próximo, assim como a profecia, e não de edificação pessoal. Se é de edificação pessoal e não coletiva, é porque funciona diferente da profecia e não se edifica o próximo com alguma mensagem, mas é edificado a si mesmo ao falar a sós com Deus. Isso é o oposto de uma "ferramenta de evangelização".

Paulo ainda diz algo que também não pode ser entendido dentro do prisma cessacionista, quando fala da interpretação das línguas. Ele afirma:

"Quem profetiza é maior do que aquele que fala em línguas, a não ser que as interprete, para que a igreja seja edificada" (1ª Coríntios 14:5)

Disso subtende-se que há pessoas que falam em línguas e pessoas que também podem interpretar as línguas. Isso faz sentido no conceito pentecostal, pois uma língua celestial pode ser interpretada sobrenaturalmente por dom divino, o que é conhecido como sendo o dom de interpretação de línguas. Mas como alguém que fala uma língua estrangeira não conseguiria "interpretar" aquilo que ele mesmo está falando? Ele pregaria a um descrente em uma língua desconhecida sem saber o que está falando? Que sentido há em Paulo dizer que "se alguém fala em línguas, ore para que a possa interpretar" (v.13)? Se o dom de línguas é a capacidade de falar em uma língua estrangeira, então por que aquele que *já falava* em línguas ainda precisava **orar para interpretar?**

Ele ainda diz:

"Pois, se oro em língua, meu espírito ora, mas a minha mente fica infrutífera. Então, que farei? Orarei com o espírito, mas também orarei com o entendimento; cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento. Se você estiver louvando a Deus em espírito, como poderá aquele que está entre os não instruídos dizer o 'Amém' à sua ação de graças, visto que não sabe o que você está dizendo? Pode ser que você esteja dando graças muito bem, mas o outro não é edificado" (1ª Coríntios 14:14-17)

Paulo disse que, ao falarmos em línguas, nosso espírito está orando, mas nossa mente está infrutífera. É exatamente isso o que os pentecostais creem. Não somos nós mesmos que falamos por nossa própria mente, mas é o Espírito Santo que ora através de nós. Nós estamos orando em espírito, mas nossa mente está livre para todas as outras atividades. Na Universidade da Pensilvânia, um estudo comprovou que, ao se falar em línguas, as áreas cerebrais não ficam ativas[36]. Isso é a demonstração clara do que Paulo disse sobre este dom: o espírito ora, mas a mente permanece infrutífera. Isso também é o contrário do que creem os cessacionistas, pois, ao falarem em línguas terrenas, tais crentes estariam desenvolvendo as áreas cerebrais, usando a mente. Não estariam orando "em espírito", de maneira alguma!

Paulo faz ainda uma distinção notável entre "orar com o espírito" e "orar com o entendimento" (v.15), mostrando que existem dois tipos diferentes de oração, e ele recomenda ambos. Orar com o entendimento é a oração comum, onde pensamos no que vamos orar, e então oramos. Orar com o espírito é quando não é nossa mente que produz nossas orações, mas o Espírito. Essa é a oração em línguas. O que ora ou canta em línguas não é entendido por ninguém (v.16), pois ele está edificando a si mesmo, mas não está edificando em nada o próximo (v.17). Como a Igreja é um local de edificação coletiva, Paulo diz que se deve falar em línguas humanas ali dentro, e não nas línguas estranhas:

[36] Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=5O14ei7vaJY

"Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos vocês. Todavia, na igreja prefiro falar cinco palavras compreensíveis para instruir os outros a falar dez mil palavras em língua" (1ª Coríntios 14:18-19)

Paulo tanto era a favor do dom de línguas que dava graças a Deus por falar mais do que todos os coríntios – e olhe que os coríntios falavam mesmo em línguas! Eles falavam tanto que isso estava se tornando um problema, pois estavam trazendo isso para dentro do culto, o que não podia, pois o culto é para edificação da igreja e não individual. Paulo falava em línguas constantemente em seu dia-a-dia, mas dentro da igreja preferia falar em língua natural, porque a igreja é um local para edificação do corpo, e não para edificar a si mesmo. É aí que entramos nos equívocos pentecostais do uso das línguas.

Ainda que os pentecostais acertem no conceito verdadeiro sobre o dom de línguas, a maioria se equivoca na prática, caindo exatamente no mesmo erro da igreja de Corinto da época. Como o dom de línguas é para edificação pessoal, devemos usá-lo quando estamos a sós com Deus, e não no meio do culto, que é um momento onde uma mensagem deve ser pregada para trazer exortação ao corpo de Cristo. Mas se todos começarem a falar em línguas, os pastores não conseguirão pregar e os descrentes ficarão escandalizados, pensando que todos estão loucos, falando ao mesmo tempo em línguas estranhas:

"Assim, se toda a igreja se reunir e todos falarem em línguas, e entrarem alguns não instruídos ou descrentes não dirão que vocês estão loucos?" (1ª Coríntios 14:23)

Ele ressaltou a importância de se falar em idiomas terrenos e compreensíveis *dentro da igreja,* porque a igreja não é local apropriado para a oração em línguas espirituais ou incompreensíveis:

"Agora, irmãos, se eu for visitá-los e falar em línguas, em que lhes serei útil, a não ser que lhes leve alguma revelação, ou conhecimento, ou profecia, ou doutrina? Até no caso de coisas inanimadas que produzem sons, tais como a flauta ou a cítara, como alguém reconhecerá o que está sendo tocado, se os

sons não forem distintos? Além disso, se a trombeta não emitir um som claro, quem se preparará para a batalha? Assim acontece com vocês. Se não proferirem palavras compreensíveis com a língua, como alguém saberá o que está sendo dito? Vocês estarão simplesmente falando ao ar" (1ª Coríntios 14:6-9)

Então, quais foram as instruções de Paulo para solucionar este problema? Ele impôs restrições ao uso do dom de línguas dentro da igreja. Dentre essas restrições, destaca-se o fato de que apenas três poderiam falar em línguas, um de cada vez, e somente se houvesse alguém com o dom de interpretação de línguas, para que a igreja seja edificada com uma mensagem de edificação coletiva:

"Se, porém, alguém falar em língua, devem falar dois, no máximo três, e alguém deve interpretar. Se não houver intérprete, fique calado na igreja, falando consigo mesmo e com Deus" (1ª Coríntios 14:27-28)

Infelizmente, esta norma de Paulo não é seguida por quase nenhuma igreja pentecostal, que abusa do dom de línguas dentro da igreja tanto quanto (ou até mais, em alguns casos) a igreja de Corinto fazia na época do apóstolo. Sem essas restrições, o culto tende a ficar uma bagunça e a cair na desordem, igual a certo "culto" assombroso de Kenneth Hagin[37].

Foi por isso que Paulo disse:

"Os espíritos dos profetas ***estão sujeitos*** aos profetas. Pois Deus não é Deus de desordem, mas de paz" (1ª Coríntios 14:32-33)

Em suma, é errado dizer que o dom de línguas chegou ao fim ou que não é mais útil nos dias de hoje, e é um equívoco muito grande afirmar que este dom se resumia meramente a línguas terrenas para pregar a um descrente. Isso contraria de forma gritante tudo o que Paulo escreveu no capítulo 14 de sua primeira epístola aos coríntios. Os que falam isso não estão apenas

[37] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kESE8wjEXCQ

contradizendo a Bíblia, mas estão também tentando impedir que mais pessoas possam falar em línguas, visto que este é um importante dom de edificação pessoal, que, se for bem usado, pode ajudar a matar a carne e a alimentar o espírito. Ele não existiu à toa, e não entrou em extinção no final do século I ou início do V.

Os cristãos de hoje precisam do dom de línguas tanto quanto os cristãos de outrora precisavam, pois ele nunca foi um meio de falar a homens para edificação do próximo, mas de falar a sós com Deus algo misterioso que só Deus entende, mas que serve de edificação pessoal. Ao orarmos em línguas, oramos em espírito, deixando nossa mente livre para pensarmos de uma forma tão natural como se não estivéssemos falando nada. Este dom, como muitos já presenciaram em suas próprias vidas, não pode ser forçado nem aprendido, mas deve vir diretamente do Espírito Santo, em um momento especial na vida de cada um. Muitos recém-convertidos e até mesmo tradicionais que nunca haviam falado em línguas e até eram contra isso passaram a falar em línguas e a desenvolver essa linguagem sobrenatural da oração[38].

Porém, não devemos de forma alguma pensar que aquele que não fala em línguas é algo menor do que aquele que fala. Deus distribui seus dons a cada um da forma que bem lhe apraz, de modo que nem todos usufruem dos mesmos dons, mas possuem dons diferentes (1Co.12:11). O famoso pastor batista John Piper crê no dom de línguas, mas diz que até hoje não o recebeu[39]. Se até o grande John Piper não recebeu este dom, ninguém deve pensar que quem fala em línguas é necessariamente "mais espiritual" do que alguém que não fala. O Espírito Santo distribui seus dons "a cada um conforme quer" (1Co.12:11), e por isso nem todo mundo tem os mesmos dons que outros têm (1Co.12:28-30).

De nada adianta ter o dom de línguas e viver como um descrente, como muitos em nosso meio. Muitos daqueles que não falam em línguas são muito mais

[38] Para ler mais sobre o dom de línguas, recomendo entusiasticamente o extraordinário livro "O Falar em Línguas: A Linguagem Sobrenatural da Oração", do pastor Luciano Subirá. Disponível em: http://www.orvalho.com/loja/home/o-falar-em-linguas/

[39] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LePVc-w1KRI

espirituais do que muitos que falam. Deus tem um modo e um tempo de trabalhar na vida de cada um. Discriminar ou rebaixar alguém por não falar em línguas é algo estúpido além de hipócrita, mas infelizmente é o que algumas igrejas fazem. Ninguém deve ser julgado pelos dons que possui ou que não possui, mas pelo Cristianismo que vive, na prática. São pelos frutos, e não pelos dons, que nós podemos diferenciar o joio do trigo.

CAP. 5 – UM SERÁ LEVADO, O OUTRO SERÁ DEIXADO

Um dos textos-base da doutrina do arrebatamento pré-tribulacional (que ensina que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação, em uma "volta secreta" de Jesus) é o de Mateus 24:40, que diz:

"Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro" (Mateus 24:40)

Deste texto eles tiraram a ideia de que uma pessoa – o justo – será levada para o encontro secreto com Jesus nos ares, e outra pessoa – o ímpio – será deixada nesta terra, para sofrer sete anos de tribulação no nosso planeta. Os pós-tribulacionistas (que creem em apenas uma volta de Jesus, ao final da grande tribulação) entendem que a Igreja passará pelas tribulações apocalípticas e que só será arrebatada ao final dos eventos tribulacionais, interpretando o verso de Mateus de maneira diametralmente oposta. No pós-tribulacionismo, o "levados" se aplica aos ímpios, e o "deixados" se aplica aos justos.

Linha 1	Linha 2
Os justos serão levados	Os ímpios serão levados
Os ímpios serão deixados	Os justos serão deixados

É interessante observar que em todos os livros e sites pré-tribulacionistas esta citação do texto bíblico vem sempre solta, completamente desligada de seu contexto, que é em todas as vezes omitido por seus proponentes. A citação bíblica dentro de seu devido contexto é a seguinte:

"E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que **veio o dilúvio, e os levou a todos**, assim será também a vinda do Filho do homem. Então, estando dois no campo, **será**

levado um, e deixado o outro; estando duas moendo no moinho, **será levada uma**, e deixada outra" (Mateus 24:37-41)

O texto, em seu devido contexto, diz exatamente o *contrário* daquilo que é argumentado pelos teólogos pré-tribulacionistas. Note que o exemplo citado por Jesus era o dilúvio, o qual **levou a todos**. Quem são esses que o dilúvio "levou"? Não foram os justos, mas os ímpios, ou seja, aqueles que no verso 38 Jesus diz que "comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento" (v.38), totalmente despreocupados com a pregação de Noé, que os exortava a abandonar seus pecados para poderem entrar na arca e serem salvos (2Pe.2:5). Portanto, esse "levados" se aplica aos ímpios, que serão levados mortos quando Jesus voltar, da mesma forma que por ocasião do dilúvio as águas "levaram" (i.e, mataram) a todos os ímpios.

O que dá ainda mais força a esta interpretação consistente e pós-tribulacionista é a continuação do verso (v.39), onde Jesus, após citar este paralelo com os dias de Noé, diz explicitamente que **"assim também será"** na sua vinda. Este "assim também será" deixa totalmente claro que na volta de Jesus ocorrerá o mesmo que sucedeu no dilúvio, ou seja, que da mesma forma que os ímpios foram "levados" (mortos) e os justos foram "deixados" (vivos), na volta de Jesus os ímpios serão mortos e os justos permanecerão em vida. Não se trata de um contraste ou antítese, mas sim de uma analogia com **o mesmo significado**. De outra forma, tanto a analogia de Cristo, como também o "assim também será" (vs.37,39), perderiam completamente o sentido, e adulterariam o significado dos textos de forma crucial.

Cristo não disse que "*diferentemente* de como foi nos dias de Noé, desta vez quem será levado serão os justos, e quem será deixado serão os ímpios". Não. Ele disse que seria **do mesmo jeito que foi na época de Noé**. O dilúvio levou a todos os que haviam sido condenados pelo pecado, e a volta de Jesus matará a todos os que não se arrependerem. É isso o que o texto paralelo no evangelho sinótico de Lucas nos diz. Na volta de Jesus, todos os ímpios serão consumidos, deixados sem vida, assim como os ímpios que viviam em Sodoma e Gomorra:

"E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem. Comiam, bebiam, casavam, e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, **e os consumiu a todos**. Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: Comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, **e os consumiu a todos**. Assim será no dia em que o Filho do homem se há de manifestar" (Lucas 17:26-30)

Note que no texto paralelo de Lucas há uma leve alteração de palavras, as quais são extremamente importantes para clarear ainda mais o significado do texto de Mateus. Ao invés de usar o verbo "levar" (que Mateus usa), Lucas usa o verbo "consumir" (vs.27,29), em referência ao destino dos ímpios na volta de Jesus. É óbvio que alguém que é consumido não pode viver mais sete anos em meio à grande tribulação! Jesus compara a situação dos ímpios em Sua volta com o dilúvio que consumiu todos os ímpios naquela época (matando a todos, literalmente) e com o fogo que matou (também literalmente) todos os habitantes ímpios de Sodoma e Gomorra. E, mais uma vez, para deixar ainda mais evidente, ele novamente cita o **"assim também será"** (v.30), para enfatizar que é a mesma coisa que ocorrerá na sua volta, e não alguma coisa diferente!

Ao invés de Jesus dizer que na Sua volta os ímpios serão deixados vivos aqui na terra para sofrerem mais sete anos de grande tribulação enquanto os justos são arrebatados, ele afirma exatamente o contrário: que os ímpios serão *consumidos,* isto é, serão mortos, deixarão de existir. Assim como foi no dilúvio, que consumiu (tirou a vida) a todos os ímpios, e com Sodoma e Gomorra, onde o fogo devorador consumiu a todos os ímpios que lá viviam, é assim também que ocorrerá na volta do Senhor Jesus. Esta é a mesma mensagem que Deus diz em Sofonias:

"Nem a sua prata nem o seu ouro poderão livrá-los no dia da ira do Senhor. No fogo do seu zelo o mundo inteiro será consumido, pois ele dará fim repentino a todos os que vivem na terra" (Sofonias 1:18)

Em síntese, o ensino de Jesus era diametralmente oposto à escatologia pré-tribulacionista. Quando ele voltar, os ímpios serão "levados" ou "consumidos" (mortos), e os vivos serão "deixados" (vivos) nesta terra. Da mesma forma que o justo Noé e sua família foram deixados aqui na terra enquanto os ímpios foram levados pelo dilúvio, assim também os salvos arrebatados serão deixados aqui para viverem o milênio junto a Cristo, nesta terra. Não há nem um mínimo indício de um "arrebatamento secreto" e pré-tribulacional aqui, mas sim de uma única volta de Jesus, ao final da grande tribulação, quando "todo olho o verá" (Ap.1:7), e os ímpios serão mortos, e os justos mantidos em vida[40].

[40] Escrevi mais sobre isso em meu livro "A Igreja na Grande Tribulação". Disponível em: http://apologiacrista.com/meu-novo-livro-a-igreja-na-grande-tribulacao

CAP. 6 – O QUE É O BATISMO COM FOGO?

O "batismo com fogo" (Mt.3:11; Lc.3:16) tem sido identificado por muitos pentecostais como sendo uma referência ao batismo no Espírito Santo, e este fogo seria o "fogo do Espírito". Muitos até oram pedindo o "batismo no fogo". Eu confesso: já fiz isso. Por anos. Graças a Deus, ele não respondeu essa oração!

Linha 1	Linha 2
Batismo com fogo é uma evidência do batismo no Espírito	O batismo no fogo é o fogo do inferno

Sim, isso mesmo. À luz do contexto imediato, está muito evidente que o batismo com fogo, citado por João Batista, não tinha nada a ver com o batismo com o Espírito Santo, nem com o dom de línguas, nem com um "fogo interior" queimando por dentro de uma pessoa em estado de transe espiritual, mas... ao inferno!

"O povo estava em grande expectativa, questionando em seus corações se acaso João não seria o Cristo. João respondeu a todos: 'Eu os batizo com água. Mas virá alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de curvar-me e desamarrar as correias das suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo **e com fogo**. Ele traz a pá em sua mão, a fim de limpar sua eira e juntar o trigo em seu celeiro; **mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga**'. E com muitas outras palavras João exortava o povo e lhe pregava as boas novas" (Lucas 3:15-18)

Em outras palavras, João estava exortando o povo sobre a existência de dois batismos. O primeiro é o batismo com o Espírito Santo, que é certamente uma coisa positiva, e em contraste com isso estava o "batismo com fogo", que é explicado logo no versículo seguinte que assegura que "ele traz a pá em sua mão, a fim de limpar sua eira e juntar o trigo em seu celeiro; mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga" (v.17). Uns são batizados no Espírito, e

serão ajuntados no "celeiro" de Deus (Reino dos céus), enquanto outros são "batizados" no fogo, e serão queimados no *geena.*

O evangelho sinótico de Mateus mantém o mesmo sentido, no mesmo contexto:

"Quando viu que muitos fariseus e saduceus vinham para onde ele estava batizando, disse-lhes: Raça de víboras! Quem lhes deu a ideia de fugir da ira que se aproxima? Dêem fruto que mostre o arrependimento! Não pensem que vocês podem dizer a si mesmos: 'Abraão é nosso pai'. Pois eu lhes digo que destas pedras Deus pode fazer surgir filhos a Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto **será cortada e lançada ao fogo**. Eu os batizo com água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de levar as suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo **e com fogo**. Ele traz a pá em sua mão e limpará sua eira, juntando seu trigo no celeiro, **mas queimará a palha com fogo** que nunca se apaga" (Mateus 3:7-12)

O "fogo", diante de todo o contexto, em nada tinha a ver com um sentimento emocional interior, ou com o próprio batismo no Espírito. Era o contrário. Os fariseus e saduceus recusavam o arrependimento, e então João diz que eles seriam "cortados e lançados ao fogo". Ele ressalta que Jesus não vem somente para batizar com o Espírito Santo, mas também com fogo. A vinda de Jesus traria salvação a muitos, mas condenação a tantos outros. Estes seriam queimados como a palha no fogo. É este o significado do "batismo com fogo", o qual não aparece em nenhum outro canto das Escrituras. Melhor, portanto, é orarmos *somente* pelo batismo no Espírito, e deixarmos o "fogo" para bem longe!

CAP. 7 – PEDRO DISSE QUE A ESCRITURA NÃO PODE SER INTERPRETADA INDIVIDUALMENTE?

Um texto bastante utilizado de forma isolada e deturpada por católicos romanos na tentativa de impugnar o livre exame da Bíblia é o que diz:

"Antes de tudo, sabei que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação pessoal" (2ª Pedro 1:20 – Versão Ave-Maria)

Os papistas pegam a parte que diz que "nenhuma... Escritura é de interpretação pessoal", e imediatamente concluem que o que Pedro estava querendo dizer com isso é que existe um magistério infalível em Roma que interpreta a Bíblia inerrantemente, sendo ele próprio o papa responsável por essa interpretação.

Linha 1	Linha 2
Nenhuma parte da Escritura pode ser interpretada individualmente	Nenhuma profecia da Escritura *provém* de interpretação particular

Este é mais um caso crônico, onde pessoas desesperadas em buscar fundamentação teórica para um engano teológico encontram na distorção de versos isolados a solução para suas doutrinas heréticas. O que Pedro realmente estava dizendo, em seu contexto, era isso:

"Assim, temos ainda mais firme a palavra dos profetas, e vocês farão bem se a ela prestarem atenção, como a uma candeia que brilha em lugar escuro, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em seus corações. Antes de mais nada, saibam que nenhuma profecia da Escritura **provém** de interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve **origem** na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo" (2ª Pedro 1:19-21 – NVI)

Diante do contexto, o sentido obviamente não é de que ninguém pode interpretar a Bíblia por si mesmo, e sim que os profetas do Antigo Testamento

não profetizaram por si próprios, mas sim pela vontade de Deus. É este o assunto abordado no verso 19, sempre omitido pelos apologistas católicos. Pedro não estava falando nada sobre quem pode e quem não pode interpretar a Bíblia, mas sim sobre a palavra dos profetas, que falaram nos tempos do Antigo Testamento. O verso 20 não muda o foco para se centrar no intérprete, mas continua dizendo que as *profecias* da Escritura não *provêm* de interpretação pessoal do profeta.

O verso 21 confirma este sentido, afirmando que a profecia não teve *origem* na "vontade humana", mas que veio de Deus, isto é, que os profetas falaram "impelidos pelo Espírito Santo". Em outras palavras, tudo o que o texto está dizendo é somente aquilo que os evangélicos já sabem desde sempre: que nenhum profeta disse nada por conta própria, mas impelido pelo Espírito Santo, sob a inspiração divina. Desde o verso 16 o foco estava na origem da mensagem, e não no intérprete moderno. Pedro diz:

"De fato, não seguimos fábulas engenhosamente inventadas, quando lhes falamos a respeito do poder e da vinda de nosso Senhor Jesus Cristo; pelo contrário, nós fomos testemunhas oculares da sua majestade" (2ª Pedro 1:16)

Pedro ressalta que os cristãos não seguem fábulas inventadas pela mente fértil do homem; ao contrário, eles seguem aquilo que os profetas falaram, não por si mesmos, mas por inspiração do Espírito Santo. O foco sempre esteve centrado no fato de que a Escritura não é uma invenção humana, mas é de origem divina. Chega a ser criminoso tirar do texto o verso 20 para fazer supor que Pedro estava dizendo que evangélicos não podem interpretar a Bíblia, e que o sentido do texto é que a interpretação da Bíblia está a encargo do papa romano!

Se Pedro tivesse falado o que os apologistas católicos *querem* que ele tenha dito, em primeiro lugar, ele não teria se referido aos profetas, mas à Escritura como um todo, porque para os católicos *nenhuma* Escritura é de interpretação pessoal. Ele se referiu somente à profecia, porque o foco não estava naquilo que o intérprete do século I ou do século XXI poderia ou não interpretar, mas sim no

fato de que o profeta do Antigo Testamento não interpretava algo de si mesmo, mas recebia a palavra de Deus, direto da fonte.

Em segundo lugar, se Pedro quisesse dizer aquilo que os papistas inferem que ele disse, seria absolutamente imprescindível que a continuação do verso dissesse que a tarefa de interpretação recaía apenas sobre ele ou sobre os bispos romanos. Mas ele não disse nada disso. Ao contrário, a continuação do verso reforça a interpretação protestante, uma vez que foca na *origem* da profecia, ressaltando que "jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo" (v.21). O que Pedro estava querendo dizer não é que "ninguém pode interpretar a Bíblia, exceto eu", mas sim que os profetas não inventaram uma mensagem da cabeça deles, mas falaram por inspiração do Espírito Santo.

Se o contexto imediato dá suporte total à interpretação protestante, o contexto geral lança ainda mais luz, pois por toda a Escritura o conceito de livre exame é bastante claro. Quando Jesus se referiu a uma profecia de Daniel, ele diz **"quem lê, entenda"**, ao invés de dizer que a interpretação daquela profecia recaía apenas sobre os ombros de bispos romanos investidos de um poderoso magistério infalível:

"Assim, quando vocês virem 'o sacrilégio terrível', do qual falou o profeta Daniel, no lugar santo – **quem lê, entenda**" (Mateus 24:15)

O apóstolo João é ainda mais claro, quando disse que os que estão em Cristo tem a unção dEle, e por isso não tem a necessidade de que alguém os ensine:

"E quanto a vós, a unção que dele recebestes fica em vós, e **não tendes necessidade de que alguém vos ensine**; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como vos ensinou ela, assim nele permanecei" (1ª João 2:27)

Aos efésios, o apóstolo Paulo afirmou:

"Pelo que, **quando ledes, podeis entender** a minha compreensão do mistério de Cristo" (Efésios 3:4)

O apóstolo não disse que eles quando lessem ***não*** poderiam entender, exceto se buscassem a interpretação excelsa e sublime do magistério da igreja de Roma, mas sim que **ao ler já podia entender**.

A muito conhecida passagem de Atos 17:11 deixa nítido o conceito positivo sobre o livre exame, quando Lucas elogia os bereanos por não aceitarem tudo sem questionar, mas *examinarem* tudo na Escritura a fim de confirmar a mensagem:

"Ora, os de Bereia eram mais nobres do que os de tessalônica, **porque examinavam diariamente nas Escrituras** para ver se o que Paulo dizia era mesmo assim" (Atos 17:11)

Esse **exame diário nas Escrituras** certamente era desprovido de um magistério romano infalível, o qual sequer existia em Bereia. Mesmo se a autoridade do magistério romano estivesse ali na pessoa de Paulo, o texto é bastante claro em dizer que os bereanos não aceitavam o que Paulo dizia sem antes analisarem por si mesmos a Bíblia. E este livre exame praticado pessoalmente pelos bereanos não foi repudiado pelo escritor bíblico, mas elogiado, inclusive chamando-lhes de mais nobres do que os de tessalônica. Portanto, sem dúvida o livre exame é prescrito e apoiado pela própria Escritura.

CAP. 8 – O QUE É O BATISMO PELOS MORTOS?

Mais uma doutrina polêmica, que divide opiniões, é a do "batismo pelos mortos", praticado pelos mórmons. A referência bíblica a este conceito se encontra em apenas um único texto bíblico, que diz:

"Se não há ressurreição, que farão aqueles que se batizam pelos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que se batizam por eles?" (1ª Coríntios 15:29)

Com base nisso, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias decidiu que era certo se batizar no lugar de alguém que já morreu sem o batismo. Em outras palavras, como o batismo seria teoricamente necessário para a salvação, e alguma pessoa morreu sem ser batizada, então um crente vivo se batiza no lugar dela, e desta forma a pessoa que morreu pode ser salva. No entanto, a expressão "batismo pelos mortos", em si mesma, permite múltiplas interpretações diferentes, e é apenas o contexto que pode nos ajudar a definir qual interpretação é a mais provável.

Linha 1	Linha 2
Batismo na esperança de rever os mortos	Batismo no lugar de alguém que já morreu

Há pelo menos três problemas cruciais com a Linha 2, adotada pelos mórmons. Em primeiro lugar, não há nenhuma evidência histórica de cristãos em qualquer era que praticassem um "batismo pelos mortos" no sentido mórmon do termo. A única evidência histórica de alguém que praticou isso foi Marcião, um herege gnóstico do século II, que foi muito combatido pelos crentes da época. O herege Marcião distorceu o significado de "batismo pelos mortos" igual Joseph Smith faria mais de um milênio depois.

Em segundo lugar, a Linha 2 atropela sem piedade o conceito bíblico de que a esperança de salvação para uma pessoa se limita apenas a esta presente vida (Hb.3:13; 2Co.6:1-2), e que depois da morte vem imediatamente o juízo da segunda vinda de Cristo (Hb.9:27), definindo inexoravelmente o destino final de salvos ou condenados. A Bíblia é clara ao dizer que "cada um prestará contas de si mesmo a Deus" (Rm.14:12), indicando assim que o que será julgado no dia do Juízo não serão as práticas de alguma outra pessoa em nosso favor, mas apenas as nossas próprias. Ou nós vivemos uma fé que produz obras e que gera a salvação, ou nós estaremos eternamente condenados. Não existe chance de salvação depois da morte, como o batismo mórmon faz supor.

Em terceiro lugar, a Linha 2, assim como outras linhas de interpretação que tem sido propostas pelos teólogos através dos séculos, fracassa miseravelmente na análise do contexto, que é a única coisa que neste caso particular pode nos ajudar a precisar o significado do texto em pauta. Por mais que a expressão em si – "batismo pelos mortos" – possa ser interpretada de muitas maneiras diferentes, o contexto como um todo só admite uma. Basta ver aquilo que Paulo argumentava desde o início do capítulo 15, que o sentido torna-se claro. O grande problema na comunidade de Corinto é que havia "crentes" ali que não criam na ressurreição dos mortos (v.12). Ou eles pensavam que a morte era a cessação de existência para sempre (como os epicureus), ou eles pensavam que quem morria sobreviveria em forma de espírito ou alma incorpórea consciente (como os platônicos).

Paulo então começa a rebater a crendice de que não há ressurreição. Ele começa argumentando que, se não há ressurreição dos mortos, então nem Cristo ressuscitou (v.13), e os apóstolos seriam falsas testemunhas da ressurreição de Jesus (v.15). Se não há ressurreição, então nem Cristo ressuscitou, e neste caso os que já morreram estão "perdidos", ou "pereceram" (v.18). Ainda neste caso, a nossa esperança se limitaria apenas a esta presente vida, pois não existiria uma vida póstuma em algum lugar (v.19). Então Paulo apresenta a realidade da esperança da vida futura, que consiste na expectativa de ressuscitar na volta de Cristo (vs.22-23), sendo vivificado por ele para uma vida eterna.

Depois disso, ele decide ampliar as consequencias daquilo que seria caso realmente os mortos não ressuscitassem jamais. Além da questão do batismo pelos mortos, ele diz também que nós estaríamos sofrendo perigos o tempo todo à toa (v.30), ou seja, sem razão, inutilmente. Uma vez que não existiria ressurreição no futuro para desfrutar de uma vida eterna com Deus, qualquer perigo que Paulo passasse para pregar o evangelho (e ele sofria como ninguém!) seria inócuo. No verso 32 ele complementa o pensamento, dizendo:

"Se foi por meras razões humanas que lutei com feras em Éfeso, que ganhei com isso? Se os mortos não ressuscitam, 'comamos e bebamos, porque amanhã morreremos'" (1ª Coríntios 15:32)

Se não existisse ressurreição no futuro, então Paulo teria "lutado com feras" em Éfeso sem ganhar nada com isso, porque a morte seria a cessação total de existência *para sempre,* e não apenas uma cessação *temporária* de existência, como é no caso de haver ressurreição póstuma. Na segunda parte do verso ele completa este pensamento: se os mortos não vão ressuscitar, então vamos viver uma vida hedonista e mundana, que consiste em "comer, beber e depois morrer". A vida após a morte, para Paulo, se dava na ressurreição. Por isso, se ela não existisse, esta vida presente seria a única que existiria, e neste caso qualquer coisa que se fizesse pelo evangelho seria em vão. Era essa toda a lógica do apóstolo, a tônica principal de 1ª Coríntios 15.

Tendo entendido o contexto, voltemos para o texto em discussão, e vejamos como o sentido se torna muito mais claro:

"Se não há ressurreição, que farão aqueles que se batizam pelos mortos? Se absolutamente os mortos não ressuscitam, por que se batizam por eles?" (1ª Coríntios 15:29)

Pelo contexto, Paulo não estava falando nada sobre o que se deve fazer ou não por quem já morreu. Pelo contexto, Paulo também não estava falando nada sobre a importância do batismo na fé cristã, como outros teólogos supõem. O

batismo era só um exemplo que caiu na ocasião para dentro de um pensamento maior, o qual era a inexistência de vida futura se não houvesse ressurreição. Os que se batizam pelos mortos são os que se batizavam na esperança de rever seus entes queridos que já haviam falecido. Na teologia paulina, o momento em que eles se encontrariam novamente com quem já morreu seria na ressurreição (veja 1Ts.4:13-18), mas, se essa ressurreição não existe, então essa esperança era vã, já que eles não veriam seus entes queridos nunca mais.

Consequentemente, os que se batizaram pelos mortos estariam se batizando por nada. Eles não iriam rever ninguém que já faleceu, porque, sem a ressurreição, os que já morreram pereceram para sempre. Paulo estava mostrando o quão insensato era se batizar pelos mortos esperando revê-los um dia, se a ressurreição não existe e portanto eles nunca mais os veriam. Se batizar na esperança de rever os mortos implica que os mortos ressuscitarão, isto é, voltarão à vida. Por isso vem a pergunta: "se não há ressurreição, por que se batizam pelos mortos?". A resposta implícita é: para nada. Seria inócuo e sem sentido... se os mortos não ressuscitassem.

Cabe ressaltar que Paulo não estava dizendo que todos os cristãos se batizavam pelos mortos. A expressão "aqueles que se batizam" mostra que isso não era uma prática unânime. Nem todos os que vinham à fé cristã e se batizavam faziam isso porque esperavam encontrar novamente quem já morreu. No entanto, alguns faziam isso, e Paulo ressalta que estes que faziam isso estavam fazendo inutilmente se a ressurreição não existe.

Essa é a única interpretação que respeita o contexto geral de 1ª Coríntios 15. Todas as outras distorcem a Palavra de Deus (como a interpretação mórmon) ou colocam a ênfase no batismo em si, o qual já vimos que estava longe de ser a intenção de Paulo. Se você ler o texto tendo como foco o batismo em si, ele não fará sentido. O efeito que irá surtir será como se Paulo tivesse quebrado sua linha de pensamento, e depois a retomado mais tarde. Mas se o sentido do "batismo pelos mortos" for o proposto pela Linha 1, ele se encaixa

perfeitamente bem em seu contexto geral, tendo em vista o que Paulo estava querendo provar, e onde ele queria chegar.

CAP. 9 – TATUAGEM, VÉU, ROUPAS, CABELO COMPRIDO E BARBA

Algumas igrejas pentecostais ainda mantém certas regras relacionadas a costumes e a coisas que não tem nada a ver com doutrina, como se fossem imprescindíveis ou fundamentais para o crente continuar congregando naquela denominação. Embora a maior parte das comunidades cristãs já tenha abandonado essas restrições sem sentido, infelizmente uma minoria de igrejas ainda mantém um rigor "ascético", proibindo coisas que a Bíblia não proíbe, e colocando uma carga desnecessária e pesada nas costas dos seus fieis. Abordarei aqui quatro destes elementos: tatuagem, véu, roupas e cabelo comprido – embora a lista pudesse ir mais longe.

Linha 1	Linha 2
Tatuagem é pecado	Tatuagem não é pecado
A mulher é obrigada a usar o véu	A mulher é livre para decidir usar ou não
Mulher só pode usar saia	Mulher pode usar calça caso queira
Homem tem que ter cabelo curto	Homem pode ter cabelo comprido se quiser

- **Tatuagem**

Não faltam cristãos que ainda veem a tatuagem com preconceito, como se ela por si só já fosse um pecado. Quem pensa deste jeito geralmente usa como base o verso de Levítico 19:28, que é o único em toda a Bíblia que parece se opor às tatuagens:

"Pelos mortos não dareis golpes na vossa carne; nem fareis marca alguma sobre vós. Eu sou o Senhor" (Levítico 19:28)

No entanto, usar este verso fora do contexto é completamente leviano, e, mais uma vez, um crime de exegese. Está muito óbvio que este verso faz parte do conjunto de "leis cerimoniais" da comunidade judaica – leis essas que nem de longe permanecem valendo para os dias atuais. Só para dar um exemplo, o verso anterior diz:

"Não cortareis o cabelo, arredondando os cantos da vossa cabeça, nem danificareis as extremidades da tua barba" (Levítico 19:27)

Qual igreja que, hoje em dia, ainda mantém as restrições descritas no verso? Nenhuma que eu conheça. Nem mesmo a Assembleia de Deus (a mesma que em geral proíbe a tatuagem do verso 28) observa o que diz o verso 27. Ao contrário: ela chega até a proibir a barba, ao invés de exigi-la, como o texto diz! Dois versos adiante, o livro prescreve também a guarda do sábado (v.30), o qual também não é observado pela grande maioria das igrejas. E os versos anteriores prescrevem sacrifícios de animais (vs.21-22) e proíbem que se plantem duas espécies de sementes em sua lavoura ou que se usem roupas feitas com dois tipos de tecido (v.19). Alguém observa isso hoje? Não? Então para o lixo este argumento.

Mesmo se o contexto permitisse uma aplicação literal para os dias de hoje desta regra cerimonial judaica de 3.400 anos atrás, ainda assim isso não proibiria a tatuagem. Note, em primeiro lugar, que a proibição às "marcas no corpo" está relacionada aos golpes na carne em favor dos mortos. Não tem nada a ver com uma tatuagem no sentido atual, mas sim com uma prática pagã dos povos da época, que costumavam cortar seu próprio corpo em sacrifício a um falso deus. Era esse tipo de "marca" que os adoradores de Baal faziam em seu corpo, na ocasião em que disputavam com o profeta Elias:

"Ao meio-dia Elias começou a zombar deles. 'Gritem mais alto!', dizia, 'já que ele é um deus. Quem sabe está meditando, ou ocupado, ou viajando. Talvez esteja dormindo e precise ser despertado'. **Então passaram a gritar ainda mais alto e a ferir-se com espadas e lanças, de acordo com o costume deles, até sangrarem**. Passou o meio-dia, e eles continuaram profetizando em transe até

a hora do sacrifício da tarde. Mas não houve resposta alguma; ninguém respondeu, ninguém deu atenção" (1ª Reis 18:27-29)

Isso tem alguma coisa a ver com a tatuagem dos dias atuais? É claro que não. A prática não tinha relação nenhuma com alguma tatuagem moderna por razões puramente estéticas, mas sim com autoflagelo praticado por povos pagãos para ganharem a atenção de um deus pagão. Era **isso** – e não uma tatuagem moderna – o que estava sendo proibido em Levítico 19:28. Maurício Zágari fez uma aplicação prática aos dias de hoje:

"Por que Deus estabeleceu essa norma para os israelitas? A resposta é que havia um povo, chamado caldeu, que tinha como hábito religioso cortar a carne de seus próprios corpos e fazer marcas com lâminas afiadas na pele como parte dos seus rituais aos falsos deuses que seguiam (a exemplo do que ocorre atualmente em muitas tribos africanas). Eram marcas que denunciavam idolatria. Em outras palavras, o que Deus está dizendo é que os hebreus não deviam cometer as práticas idólatras dos povos pagãos com que tinham contato. Se fosse em nossos dias, seria mais ou menos como dizer 'Não poreis despacho na encruzilhada' ou 'Não rezareis para santos mortos'"[41]

Há ainda uma outra passagem que de vez em quando é usada por algum fundamentalista contra tatuagens, que é o famoso texto que afirma que nós somos templo do Espírito Santo (1Co.6:19). O que é que isso tem a ver com tatuagens é um mistério que nunca foi desvendado. O que Paulo dizia no contexto é que não devemos nos meter com prostituição ou adultério (1Co.6:18), porque somos santuário de Deus, e por isso devemos fugir da imoralidade sexual. Não tinha absolutamente nada a ver com o uso de tatuagens. Se qualquer marca no corpo fosse automaticamente considerado pecado, a Bíblia não diria sobre Jesus que "em seu manto e ***em sua coxa*** está escrito este nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap.19:16) – e a Bíblia certamente não atribuiria um pecado a Jesus, nem mesmo alegoricamente!

[41] Disponível em: https://apenas1.wordpress.com/2012/05/20/cristao-deve-fazer-tatuagem/

É lógico que nem todo *tipo* de tatuagem deve ser aceito. Se alguém tatuar Belzebú no corpo, não me culpe no dia do Juízo. Embora a *tatuagem em si* não seja pecado, *o que é tatuado* pode ser – dependendo se fere um princípio moral ou não. Isso, contudo, está longe de ser o caso-padrão da maioria das pessoas que decidem fazer tatuagem. Não há nada intrinsecamente errado em se tatuar, mas é necessário ter cuidado sobre *o que* irá tatuar, da mesma forma que devemos ter prudência sobre todas as outras coisas da vida.

• **Véu**

A questão do véu não é exigida atualmente por nenhuma outra igreja exceto a Congregação Cristã no Brasil. Eles exigem o cumprimento atual e literal daquilo que Paulo disse em 1ª Coríntios 11:4-6:

"Todo homem que ora ou profetiza com a cabeça coberta desonra a sua cabeça; e toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça; pois é como se a tivesse rapada. Se a mulher não cobre a cabeça, deve também cortar o cabelo; se, porém, é vergonhoso para a mulher ter o cabelo cortado ou rapado, ela deve cobrir a cabeça" (1ª Coríntios 11:4-6)

O contexto da época é completamente ignorado, pois explica de forma perfeitamente razoável o porquê que as mulheres precisavam usar véu. A nota de rodapé da Bíblia de Estudos NVI assinala:

"Para a mulher, retirar em público o que lhe cobria os cabelos, expondo-os à vista de todos, era sinal de frouxidão moral e de promiscuidade sexual. Paulo diz que é como se raspasse a cabeça. Cabeça raspada significava que a mulher tinha sido submetida a humilhação pública por algum ato vergonhoso ou estava fazendo demonstração pública de independência e de recusa de submissão ao marido. A mensagem de Paulo a ela era: demonstre respeito e submissão ao marido cobrindo a cabeça durante o culto público"[42]

[42] Nota de rodapé da Bíblia de Estudos da Nova Versão Internacional, p. 1969.

Em seu "Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e 'Contradições' da Bíblia", Norman Geisler e Thomas Howe observam:

"Naqueles dias, o véu era um símbolo do respeito da mulher para com o seu marido. Em tal contexto cultural, era imperativo que a mulher usasse o véu na igreja, ao orar ou profetizar. Há uma diferença entre *mandamento* e *cultura*. Os mandamentos das Escrituras são absolutos, mas a cultura é relativa. Por exemplo, são poucos os que acreditam que ainda se aplica para o dia de hoje a ordem que Jesus deu a seus discípulos de não levarem um par de sandálias a mais, em suas jornadas evangelísticas. E a maior parte dos cristãos literalmente não mais saúda 'todos os irmãos com beijo santo' (1Ts.5:26). Nem acreditam que levantar 'mãos santas' durante a oração seja essencial na oração em público (1Tm.2:8)"[43]

Eles afirmam também:

"Há um *princípio* por trás de cada um desses mandamentos que é absoluto, mas sua *prática* não é. O que o crente deve fazer é absoluto, mas *como* fazê-lo é relativo, dependendo da cultura. Por exemplo, os cristãos devem cumprimentar-se um ao outro (isto é o 'o que'); mas *como* se cumprimentam é relativo à suas respectivas culturas. Em algumas culturas, como no NT, é com um beijo; em outras é com um abraço; e ainda em outras é com um aperto de mãos. Muitos eruditos bíblicos acreditam que esse princípio é também verdadeiro a respeito do uso do véu. Isto é, que as mulheres, em todas as culturas e em qualquer tempo da história têm de demonstrar ter respeito para com seus maridos (o 'o que'), mas 'como' tal respeito deve ser evidenciado nem sempre precisa ser com um véu. Por exemplo, pode ser pelo uso de uma aliança de casamento ou por qualquer outro símbolo cultural"[44]

Paulo escrevia a uma comunidade cristã em Corinto, num contexto específico daqueles dias, onde era costume de *todas* as mulheres usarem o véu, e somente as *prostitutas* que costumavam ficar com a cabeça descoberta. Em outras

[43] Norman Geisler e Thomas Howe. *Manual Popular de Dúvidas, Enigmas e 'Contradições' da Bíblia.* Mundo Cristão: São Paulo, 1999.
[44] ibid.

palavras, o que ele está dizendo neste texto é para que as mulheres cristãs não se assemelhem às prostitutas em seu modo de se vestir, pois isso seria um mau exemplo. É óbvio que, em uma cultura onde apenas as prostitutas não usam véu, e onde o não uso do véu é sinal de insubmissão, as mulheres cristãs devem usá-lo. Se em algum lugar do mundo atual isso ainda continua sendo a cultura predominante, esta ordenança ainda se aplica de forma literal neste lugar.

Mas este mandamento perde totalmente o sentido na *nossa* cultura, onde o uso ou não uso do véu não é um elemento que distingue a prostituta em relação às outras mulheres. O **princípio** (de não se assemelhar aos maus exemplos) é eterno, mas a sua **aplicação** depende do contexto cultural. Algo semelhante vemos em Lucas 10:4, quando Jesus diz para os seus discípulos não levarem sandália extra em suas missões evangelísticas. Seria ridículo, no entanto, que alguma igreja nos dias de hoje dissesse que os missionários estão proibidos de levar um tênis ou uma sandália da Havaianas em sua mala de viagem. O **princípio** (de não acumular muitos bens terrenos) permanece, mas a sua **aplicação** varia de contexto para contexto.

É importante sempre ter em mente o seguinte: a Bíblia nunca proíbe alguma coisa sem razão alguma. Tudo o que a Bíblia proíbe, que considera errado ou pecaminoso, tem uma razão de ser. Ela não possui normas arbitrárias, proibições sem sentido ou restrições inócuas e vazias. Sempre quando não encontramos um sentido razoável em alguma ordenança, é porque há um princípio maior atuando por detrás do mandamento em si. O problema é quando teólogos modernos descartam a existência deste princípio eterno, e tentam aplicar para os dias de hoje a mesma aplicação que tinha em uma época remota. É daí que surgem as regrinhas, as proibições, as imposições e as repressões irracionais, porque tentam trazer para os dias atuais uma aplicação que fazia sentido naquele tempo, mas não hoje.

• **Roupa**

Algumas igrejas pentecostais, como a Assembleia de Deus, decidiram proibir roupas também. Em muito lugar, mulher crente só pode andar de saia, porque "calça é do demônio". A única "base bíblica" para isso é (adivinhem) mais um trecho da lei de Moisés (que surpresa). Trata-se do texto que diz:

"A mulher não usará roupas de homem, e o homem não usará roupas de mulher, pois o Senhor, o seu Deus, tem aversão por todo aquele que assim procede" (Deuteronômio 22:5)

No entanto, o que este texto está combatendo não tem nada a ver com a calça moderna, mas sim com a prática de se vestir de modo a parecer alguém do sexo oposto. Se isso se aplica aos dias atuais, se aplicaria apenas aos travestis, não às mulheres em geral que usam calça! Sim, há roupas que são tipicamente masculinas (como a cueca) e outras que são tipicamente femininas (como a calcinha), mas a calça em nossa sociedade está muito longe de ser um vestuário "exclusivamente masculino", exceto para um punhado de pastores fundamentalistas e retrógrados que estacionaram no tempo e que vivem congelados desde o século XIX. A calça é um elemento tão natural a homens e mulheres quanto os óculos ou o tênis. Ninguém identifica uma mulher como um "homem" ou a confunde com um por causa da calça!

Totalmente desnecessário seria acrescentar que não há nada no Novo Testamento que chegue perto de uma proibição insana como o uso de calça para os dias atuais, e que o uso ou não uso de saia não muda absolutamente nada do aspecto interior, mas apenas altera o aspecto externo. Ninguém se torna mais espiritual por usar saia, nem mais pecador por preferir a calça. O que a pessoa é de fato, lá dentro, só Deus conhece. Quando os fariseus estavam muito focados no aspecto externo, cheios de regrinhas disso e daquilo, Jesus lhes disse:

"Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês limpam o exterior do copo e do prato, mas por dentro eles estão cheios de ganância e cobiça. Fariseu

cego! Limpe primeiro o interior do copo e do prato, para que o exterior também fique limpo. Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície" (Mateus 23:25-27)

É lógico que deve haver um limite para o uso de roupas. Todos devem concordar que é errado andar pelado por aí, ou seminu, de forma a se tornar uma pedra de tropeço, motivo de escândalo para muitos. No entanto, outros vão para o extremo oposto, e começam a proibir tudo – desde jogos de futebol, estilo de cabelo, televisão, cinema, roupa, música, enfim: tudo aquilo que a Bíblia não proíbe. Eles colocam cargas pesadíssimas nas costas dos fieis que já não teriam uma vida nada fácil se tivessem que lutar apenas contra aquilo que realmente é pecado, e desta forma os atolam em um poço de legalismos sem fim. O jugo acaba ficando tão pesado que nenhum jovem quer mais ir à igreja, até que chega o ponto onde chuta o balde de uma vez e vai para o mundo – o que não aconteceria de forma alguma, caso eles proibissem apenas o que a Bíblia proíbe, e se calassem onde a Bíblia se cala.

- **Cabelo comprido e barba**

Finalmente, chegamos à pior de todas as proibições: o cabelo comprido. Os que proíbem que o homem tenha cabelo comprido costumam usar essa passagem onde Paulo escreve:

"A própria natureza das coisas não lhes ensina que é uma desonra para o homem ter cabelo comprido, e que o cabelo comprido é uma glória para a mulher? Pois o cabelo comprido foi lhe dado como manto" (1ª Coríntios 11:14-15)

Este texto aparece logo na sequencia da imposição do véu às mulheres, que, como vimos, era uma regra culturalmente situada, que não deve ser imposta nos dias atuais. Mesmo com o contexto sendo tão nitidamente culturalmente condicionado, ainda assim algumas igrejas insistem em tirar esse verso do

contexto e o usam para prescrever o cabelo curto aos homens, mesmo sem requerer o véu às mulheres!

Em primeiro lugar, é necessário entender o que Paulo considerava "comprido", porque o que era "comprido" para ele pode não ser o que nós, no século XXI, consideramos "comprido". A verdade é que o cabelo comprido na Palestina da época era algo extremamente popular e comum. Toda a iconografia antiga sobre Jesus retrata um homem de cabelo comprido, assim como o Sudário de Turim, que, como demonstrei em meu livro "As Provas da Existência de Deus"[45], possui provas incontestáveis de autenticidade[46].

Além disso, é muito provável que o próprio apóstolo Paulo tivesse cabelo comprido para os padrões atuais, pois ele raspou a cabeça em certa ocasião em função de um voto que fez (At.18:18), e este voto só teria sentido se Paulo tivesse cabelo comprido. Se Paulo já tinha cabelo curto, cortar um pouquinho mais faria tão pouca diferença que não haveria nele nada de sacrificial ou de renúncia, que é o significado de um voto. Por outro lado, se Paulo tinha cabelo comprido (por exemplo, até os ombros), faz todo o sentido fazer um voto sobre cortar o cabelo. O que Paulo considerava "comprido" eram aqueles cabelos longos como o de mulher, que iam quase até a cintura, como as damas da época.

Mesmo assim, até este tipo de cabelo bastante comprido para o homem da época não era um pecado em si mesmo, porque o nazireu tinha cabelo tão comprido que Deus proibia cortá-lo (Nm.6:5)! O nazireu era alguém que fazia um voto de consagração ao Senhor, e é absurdo e impensável que Deus prescrevesse como forma de consagração a ele uma coisa que fosse pecaminosa em si mesma. Imagine como seria se para alguém se consagrar a Deus fosse necessário adulterar ou mentir. Não tem sentido por uma razão: é pecado. Se o cabelo bastante comprido fosse igualmente pecaminoso, Deus jamais iria prescrevê-lo a um grupo como forma de consagração a Ele.

[45] Disponível em: http://apologiacrista.com/as-provas-da-existencia-de-deus
[46] Disponível em: http://ateismorefutado.blogspot.com.br/2014/12/as-provas-da-autenticidade-do-sudario.html

A restrição quanto ao cabelo (seja do homem ou da mulher) deve estar sempre condicionada à cultura de cada povo. Há culturas onde um homem ter cabelo comprido ou a mulher ter cabelo curto é considerado um escândalo, e nestes casos é recomendável que o homem não tenha cabelo comprido, e que a mulher não tenha cabelo curto. No entanto, há culturas onde ambas as coisas são aceitas com naturalidade, e o cabelo comprido do homem não está associado à marginalidade ou rebeldia, mas apenas a um gosto particular que importa só a si mesmo. Nós não podemos tratar todas as coisas como se estivessem sob o mesmo tempo e cultura – o contexto histórico deve ser preservado e uma hermenêutica funcional deve ser priorizada.

Pior ainda são as igrejas que proíbem que o homem tenha barba(!), e sim, existe isso. Por incrível que pareça, há até certas editoras de linhas denominacionais mais rígidas que chegam até a apagar no photoshop a barba de indivíduos cujas fotos são publicadas em seus jornais e revistas. E, paradoxalmente, essa mesma denominação não tem problema nenhum com o bigode. Qual é a base bíblica para proibir a barba e permitir o bigode? Nada, é claro. É a teologia de *eisegese* fabricada por uma dúzia de anciãos jurássicos que não sabem nem o que ainda fazem na terra. Chega a ser cômico, se não fosse trágico!

A coisa fica ainda mais engraçada quando vemos que a Bíblia não fala nada sobre bigode, mas fala muito bem sobre a barba. Levítico 19:27 proíbe *cortar* a barba. O Salmo 133:2 elogia a "barba de Arão", sobre a qual o óleo da unção sacerdotal desce. Um dos episódios mais interessantes é quando um rei estrangeiro prendeu e humilhou alguns mensageiros israelitas enviados por Davi, cortando-lhes a barba (2Sm.10:4). Ao invés de o Davi assembleiano comemorar o fato de a barba ter sido cortada, ele fez isso:

"Quando Davi soube disso, enviou mensageiros ao encontro deles, pois haviam sido profundamente humilhados, e lhes mandou dizer: '**Fiquem em Jericó até que a barba cresça, e então voltem para casa**'" (2ª Samuel 10:5)

Não estou dizendo que todos devem ter barba, mas que ter barba ou não ter barba é algo que não compete a uma dúzia de velhos obsoletos, mas sim a cada

indivíduo em particular. Quer ter barba? Tenha. Não quer? Então não tenha. Isso é problema seu. Não é da conta dos outros. Foi por causa de regrinhas inúteis de proibições a coisas que não eram pecado que Paulo precisou escrever:

"Já que vocês morreram com Cristo para os princípios elementares deste mundo, por que é que vocês, então, como se ainda pertencessem a ele, se submetem a regras: 'Não manuseie!' 'Não prove!' 'Não toque!'? Todas essas coisas estão destinadas a perecer pelo uso, pois se baseiam em mandamentos e ensinos humanos. Essas regras têm, de fato, aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne" (Colossenses 2:20-23)

"Não toque", "não prove", "não isso", "não aquilo". Tradições e mais tradições humanas, em nenhuma conformidade com a Palavra de Deus, sendo impostas sem nenhuma razão lógica para colocar ainda mais peso na costa do fiel cristão. Regras inúteis, com sua falsa humildade e severidade para com o corpo, mas que não servem para porcaria nenhuma em termos de mortificação da carne. O tamanho do cabelo, o uso da barba, a tatuagem, o véu, a calça, nada disso vai ajudar a matar a carne, nem a deixará mais forte. São regrinhas que "não têm valor algum para refrear os impulsos da carne", e que não ajudam em nada para atacar o verdadeiro inimigo – o pecado.

CAP. 10 – QUEM SÃO OS 144 MIL?

As testemunhas de Jeová e os dispensacionalistas pré-tribulacionistas afirmam que os 144 mil descritos em Apocalipse 7:4-9 é um número literal de 144 mil pessoas. Para as testemunhas, estes 144 mil é o número total de pessoas que habitarão no Céu (ao passo em que as demais passarão a eternidade na terra), enquanto para os pré-tribulacionistas os 144 mil são judeus que estarão na terra enquanto a Igreja já terá sido arrebatada antes da grande tribulação.

As duas vertentes apresentam erros escatológicos enormes, seja por desconsiderar o fato de que *todos* passarão a eternidade na nova terra e não apenas 144 mil[47], seja por inventar um arrebatamento secreto numa vinda invisível de Jesus, da qual a Bíblia jamais fala[48]. Mas estes assuntos já foram abordados apropriadamente em outras oportunidades, e por isso me limitarei aqui apenas ao ponto principal: se os 144 mil são um termo literal ou não.

Linha 1	Linha 2
Os 144 mil são um número literal de pessoas	Os 144 mil é um termo alegórico que representa totalidade

Em primeiro lugar, devemos considerar a *natureza* do livro onde isso se encontra. Tragicamente, alguns teólogos de linha mais fundamentalista têm a péssima tendência de interpretar o Apocalipse literalmente, exceto se houver algo ali que seja obviamente não-literal (como as sete cabeças de um dragão). Eu conheço vários que pensam que o "candelabro" e a "oliveira" de Apocalipse 11 são Enoque e Elias. Conheço outros que creem que a ferida que a besta sofreu (Ap.13:3) é uma ferida literal em uma pessoa física, do tipo quando alguém leva um tiro ou uma facada. Conheço outros que acham que os quatro

[47] Escrevi sobre isso em: http://desvendandoalenda.blogspot.com.br/2013/08/onde-passaremos-eternidade-no-ceu-ou-na.html
[48] Escrevi sobre isso em: http://apologiacrista.com/meu-novo-livro-a-igreja-na-grande-tribulacao

seres viventes são quatro seres literais, um como o leão, outro como boi, outro como homem e outro como águia (Ap.4:7).

Infelizmente, eles lêem tudo no Apocalipse com uma lente literalista, e assim destroem e arruínam todo o sentido do que João escrevia, pois ele falava as coisas de forma simbólica ou figurada, cujo sentido maior deveria ser extraído do significado das alegorias. Quando você pega um livro fundamentalmente alegórico e o lê com óculos fundamentalista, tomando como literal aquilo que na verdade tem um significado oculto, você estraga todo o propósito de João ao escrever um livro daquela maneira.

Aqui não tenho disponibilidade para resumir o Apocalipse capítulo por capítulo, como já fiz em um artigo disponível na nota de rodapé deste livro, para quem se interessar em ler[49]. Mas basta uma leitura simples e de mente aberta ao livro do Apocalipse para perceber que o propósito era de falar verdades espirituais não na "superfície", mas por "debaixo" dela. A Bíblia possui 65 livros de característica mais literal, e um último profético, com significados que não são encontrados por uma leitura no literal, mas por uma leitura daquilo que está por *detrás* do literal.

Diante disso, se alguém como o apóstolo Paulo estivesse escrevendo uma epístola doutrinária falando as coisas naturalmente e em meio a isso escrevesse sobre os "144 mil", é lógico que isso deveria ser tomado literalmente. No entanto, alguém como João escrevendo um livro repleto de alegorias, simbologias e figuras de linguagem, onde nada é literal exceto se alguma coisa muito forte indicar isso, devemos entender que este número é simbólico, exceto se algo muito forte nos indicar que é literal. E quando entendemos a simbologia bíblica por detrás dos números, fica ainda mais patentemente óbvio de que não se trata de um número literal em um livro alegórico, mas de uma alegoria em um livro alegórico[50].

[49] Disponível em: http://heresiascatolicas.blogspot.com.br/2015/06/um-resumo-completo-do-apocalipse.html

[50] Para os mais desavisados, isso não tem nada a ver com aderir ao "método alegórico", que consiste em tomar qualquer parte da Bíblia como alegórica, em vez de literal. A esmagadora maioria dos teólogos de linha literal concorda que o Apocalipse é de linha alegórica, e isso não

O número 144 é o resultado de 12x12. O número doze na Bíblia é o número que representa a completude. Foram doze as tribos de Israel, que simbolizavam a totalidade do povo de Deus no Antigo Testamento, e também doze os apóstolos, que simbolizavam a totalidade do povo de Deus no Novo Testamento. Era tão importante completar com o número doze que mesmo nas vezes onde há variações nas descrições das tribos de Israel ainda assim sempre terminava com doze, como vemos no quadro abaixo:

Gn 30	Gn 49	Nm 13	Dt 33	Js 13-21	Ez 48	Ap 7
Filhos de Jacó	Bênção de Jacó	Espias das tribos	Bênção de Moisés	Divisão da terra	Divisão da terra	144 mil selados
Aser	Aser	Aser	Aser	Aser	Aser	Aser
Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim	Benjamim
Dã	Dã	Dã	Dã	Dã	Dã	
		Efraim	Efraim	Efraim	Efraim	
Gade	Gade	Gade	Gade	Gade	Gade	Gade
Isaacar	Isaacar	Isaacar		Isaacar	Isaacar	Isaacar
José	José	José	José			José
Judá	Judá	Judá	Judá	Judá	Judá	Judá
Levi	Levi		Levi			Levi
			Manassés	Manassés	Manassés	Manassés
Naftali	Naftali	Naftali	Naftali	Naftali	Naftali	Naftali
Rúben	Rúben	Rúben	Rúben	Rúben	Rúben	Rúben
Simeão	Simeão	Simeão		Simeão	Simeão	Simeão
Zebulom	Zebulom	Zebulom	Zebulom	Zebulom	Zebulom	Zebulom

significa aderir ao método alegórico, mas somente dizer que a interpretação de um livro depende da natureza do mesmo. Em outras palavras, se a natureza do livro é fundamentalmente literal, as coisas devem ser interpretadas literalmente exceto se algo muito forte indicar o contrário. Da mesma forma, se a natureza de um livro é fundamentalmente alegórica, as coisas devem ser interpretadas alegoricamente exceto se algo muito forte indicar o contrário. É isso o que significa o método gramático-histórico, que não tem nada a ver com tomar tudo ao pé da letra independentemente do contexto, do teor ou da natureza de um texto!

Note que, mesmo nas vezes em que uma tribo não era citada, ainda assim o autor inspirado fazia questão de fechar com doze. É inegável que havia uma mensagem específica em torno do número doze, e que isso não é mera coincidência. No caso dos apóstolos, mesmo depois que Judas já tinha se suicidado, ainda assim Paulo fez questão de se referir ao grupo apostólico como "os doze" (1Co.15:5), e dias mais tarde eles escolheriam Matias no lugar de Judas, para fechar com doze (At.1:26).

Mas o caso do Apocalipse é ainda mais interessante, porque João não diz apenas "doze". Ele *multiplica* o doze por doze, somando 144. E, mais impressionante ainda, após chegar ao número 144 ele novamente não pára por aí, mas multiplica por mil(!), chegando ao número completo de 144.000! Para qualquer intérprete sagaz, qual é a mensagem que ele está deixando bastante evidente neste texto? De que o número dos "selados" se limita a 144.000 literalmente? É claro que não. Ele estava passando o sentido de **totalidade**. O "doze" já representa a completude, mas, para destacar ainda mais este fato, ele multiplica por mais doze. E como se isso não fosse o bastante, ele volta a multiplicar novamente, desta vez por mil. É a *totalidade da totalidade,* por assim dizer!

É por isso que logo no versículo seguinte ele expressa a mesma coisa, mas com outras palavras:

"Depois disso olhei, e diante de mim estava uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, de pé, diante do trono e do Cordeiro, com vestes brancas e segurando palmas. E clamavam em alta voz: 'A salvação pertence ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro'" (Apocalipse 7:9-10)

Os literalistas geralmente costumam desassociar este verso de seu contexto, como se João de repente tivesse deixado de falar dos 144 mil e passasse a falar de um outro grupo totalmente distinto. Todavia, não é isso o que o contexto nos mostra. Os que são aqui citados são os mesmos "144 mil", só que com outras palavras. Nos versos anteriores, João havia falado de uma enorme e

incontável multidão de salvos através da linguagem simbólica de 144 mil (12x12x1000), e agora ele expressa a mesma coisa, mas através de uma linguagem diferente – uma **"grande multidão que ninguém pode contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas"**. Em outras palavras, nada mais era senão uma referência simbólica a todos os salvos, no período da grande tribulação.

Alguém poderia objetar, dizendo que João afirmou que se tratava de "todas as tribos de Israel" (Ap.7:4), o que leva a crer que só se trata de judeus. Não será preciso repetir novamente que o Apocalipse retrata as coisas de forma não-literal, e que a Igreja é o "Israel de Deus" (Gl.6:16), ou seja, aquilo que dá prosseguimento ao plano de Deus na terra, cujo pacto ou aliança havia sido inicialmente com Israel. Jesus, que viveu no final da antiga aliança, disse que Deus "arrendará a vinha a outros lavradores, que lhe dêem a sua parte no tempo da colheita" (Mt.21:41), e Paulo diz que a Igreja foi "enxertada" no lugar de Israel (Rm.11:19-20).

Se alguém não se satisfizer com essa explicação e ainda insistir em tomar a linguagem de "144 mil" literalmente, basta ver que na lista fornecida por João **não aparece a tribo de Dã**, que é citada em absolutamente todas as outras listas das tribos de Israel. E para piorar, a tribo de Manassés é contabilizada em separado da tribo de José, o que é impossível, já que Manassés era filho de José, e, portanto, qualquer um que fosse de Manassés já seria automaticamente de José também! Essa é a razão pela qual em todas as outras listas José é mencionado sem Manassés, ou Manassés sem José (e com Efraim, o outro filho de José).

A mensagem que João parece estar nos passando é claramente para não tomarmos isso em sentido literal, porque o sentido literal não tem o menor sentido! Em vez disso, devemos entender os 144 mil como uma representação simbólica de todo o povo de Deus, o qual obtém Sua proteção espiritual em meio à grande tribulação.

CAP. 11 – O QUE É O CORPO ESPIRITUAL DE 1ª CORÍNTIOS 15:44?

Alguns neo-gnósticos que negam a ressurreição por redefinição costumam dizer que a ressurreição da carne não existe, e que a ressurreição de que a Bíblia fala é de um mero "corpo espiritual". Quando eles falam em "corpo espiritual", eles se referem a um corpo não-físico, não-material, como um espírito fluídico e imaterial – um fantasminha. É fato que o termo "corpo espiritual" aparece claramente na Bíblia (em 1ª Coríntios 15:44). Não é isso o que está em debate aqui. O que está em debate é se o termo "espiritual" implica necessariamente em algo "não-físico" (o que implicaria em negar a ressurreição da carne), ou se ele tem outro sentido – neste caso, o de não-carnal.

Linha 1	Linha 2
Corpo espiritual é um corpo não-carnal	Corpo espiritual é um corpo sem carne

Uma coisa é não ser *de carne,* e outra coisa bem diferente é não ser *carnal.* A Bíblia faz clara distinção entre ambos. Mas, primeiramente, vamos ao texto em discussão:

"Assim será com a ressurreição dos mortos. O corpo que é semeado é perecível e ressuscita imperecível; é semeado em desonra e ressuscita em glória; é semeado em fraqueza e ressuscita em poder; é semeado um corpo natural e ressuscita um corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual" (1ª Coríntios 15:42-44)

A primeira coisa importante para se ter em mente aqui é que Paulo **já havia** confirmado a ressurreição física naquele mesmo capítulo. Ele não deixou para comentar sobre isso somente a partir do verso 42. Consequentemente, ao chegar ao verso 42 o objetivo era meramente dizer **de que forma que este corpo físico ressuscitará**, e não "se" este corpo é físico ou não. É nos versos 3

ao 32 que Paulo fala da ressurreição da carne. Ele usa o exemplo de Jesus, cuja ressurreição física estaria comprovada pelo fato de Ele ter aparecido aos discípulos:

"Pois o que primeiramente lhes transmiti foi o que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Pedro e depois aos Doze. Depois disso apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, a maioria dos quais ainda vive, embora alguns já tenham adormecido. Depois apareceu a Tiago e, então, a todos os apóstolos; depois destes apareceu também a mim, como a um que nasceu fora de tempo" (1ª Coríntios 15:3-8)

Estes versos simplesmente não fazem sentido nenhum dentro do prisma de quem defende a consciência pós-morte e ao mesmo tempo nega a ressurreição da carne. E isso por uma razão simples: Jesus teria morrido e sua alma ou espírito teria sobrevivido conscientemente fora do corpo, em algum lugar. Por isso, se este Jesus aparecesse aos discípulos, isso não seria nenhuma prova ou evidência de que ele tivesse "ressuscitado", mas tão-somente que continuava vivo "no além", como um espírito imaterial ou "alma penada". Por que este Jesus em forma espiritual e não-física seria alguma evidência de que passou por uma ressurreição dos mortos? Simplesmente, não seria. Ele não seria mais do que um espírito do mundo dos mortos que de vez em quando "aparece" para um ser humano vivo. Se os apóstolos concluíram que ele *ressuscitou,* é porque algo real, visível e tangível aconteceu.

O próprio Cristo ressurreto confirmou que não era um "espírito", mas um ser humano físico, de carne e osso:

"Vejam as minhas mãos e os meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho" (Lucas 24:39)

E o apóstolo Paulo disse que nós ressuscitaremos da mesma forma que Jesus ressuscitou – ou seja, fisicamente (1Co.15:12). Quando Paulo chega ao verso 42,

a grande questão não era mais se a ressurreição física existe ou não, mas sim *de que forma* que estes corpos físicos ressurgiriam. Então Paulo responde dizendo que este corpo irá ressuscitar desta forma:

• Imperecível.
• Glorioso.
• Poderoso.
• Espiritual.

De todos estes termos, apenas o último é usado pelos neo-gnósticos para tentar refutar a doutrina tradicional da ressurreição da carne. Isso porque eles têm em mente uma visão platônica da palavra "espírito", que tem que sempre ser uma referência a um elemento não-físico. É claro que essa interpretação do termo "espiritual" confronta toda a Bíblia, pois nem sempre este termo implica em algo não-físico. Por exemplo, se eu digo que o pastor John Piper é "espiritual", eu não estou nem de longe tentando dizer que ele é um ser não-físico, mas sim que ele é uma pessoa que "segue o espírito", ou seja, que não é dominado pelo poder da carne (o que seria "carnal"). A "carne" na Bíblia tem muitas vezes o sentido de inclinação pecaminosa, ao invés de ser uma referência à parte física do homem. Observe estes textos:

"Portanto, irmãos, estamos em dívida, não para com a carne, para vivermos sujeitos a ela" (Romanos 8:12)

"Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus" (Romanos 8:8)

"Quem vive segundo a carne tem a mente voltada para o que a carne deseja; mas quem, de acordo com o Espírito, tem a mente voltada para o que o Espírito deseja" (Romanos 8:5)

"Porque, aquilo que a lei fora incapaz de fazer por estar enfraquecida pela carne" (Romanos 8:3)

"A mentalidade da carne é inimiga de Deus porque não se submete à lei de Deus, nem pode fazê-lo" (Romanos 8:7)

É óbvio nestes textos que a "carne" nestas ocasiões não é uma referência a um corpo físico, mas sim à inclinação ao pecado que temos desde a Queda. Ela pode ser em muitos destes textos simplesmente substituída pela própria palavra "pecado", sem enfraquecer o sentido dos mesmos. Quando Paulo diz que "os que pertencem a Cristo Jesus **crucificaram a carne**, com as suas paixões e os seus desejos" (Gl.5:24), ele não estava pregando a mutilação do corpo físico ou o suicídio, mas apenas a mortificação do pecado que habita em nós (Rm.7:17).

O Dr. William Lane Craig concorda com isso ao dizer:

"A palavra traduzida como 'natural' (*psychikos*), literalmente significa 'tipo alma'. Agora, obviamente, Paulo não quer dizer que nosso corpo presente é feito de alma. E, sim, com esta palavra ele quer dizer 'dominado por', ou 'pertencente à natureza humana'. Da mesma forma, quando ele diz que o corpo da ressurreição será 'espiritual' (*pneumatikos*), ele não quer dizer 'feito de espírito'. Mas, ele quer dizer 'dominado por' ou 'orientado para o Espírito'"[51]

Neste sentido, portanto, ser alguém "carnal" refere-se a ser dominado pelos instintos pecaminosos do coração do homem, ao passo em que ser alguém "espiritual" significa ser alguém dominado pelo Espírito Santo, e não pelo pecado. É neste mesmo sentido que Paulo usa exatamente a mesma palavra "espiritual-*pneumatikos*" (de 1ª Coríntios 15:44) em Gálatas 6:1:

"Irmãos, se alguém for surpreendido em algum pecado, vocês, **que são espirituais** [*pneumatikos*] deverão restaurá-lo com mansidão. Cuide-se, porém, cada um para que também não seja tentado" (Gálatas 6:1)

Não, Paulo não estava dizendo que os gálatas não eram pessoas físicas de carne e osso, mas sim que eles eram controlados pelo Espírito, e não pelo pecado!

[51] William Lane Craig. *Corpo de Jesus*. Disponível em: http://www.reasonablefaith.org/portuguese/Corpo-de-Jesus

Há um texto que lança ainda mais luz ao de 1ª Coríntios 15:44, que traça **o mesmo** contraste entre o "natural" (*psuchikos*) e o "espiritual" (*pneumatikos*), e que, curiosamente, foi escrito pelo mesmo apóstolo Paulo. Trata-se de 1ª Coríntios 2:14-15, que diz:

"Ora, o **homem natural** (*anthropos psuchikos*) não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas **o que é espiritual** (*pneumatikos*) discerne bem tudo, enquanto ele por ninguém é discernido" (1ª Coríntios 2:14-15)

Note que Paulo contrasta o homem "natural-*psuchikos*" com o homem "espiritual-*pneumatikos*", usando exatamente as mesmas palavras no grego que ele usa em 1ª Coríntios 15:44. Mas perceba que isso não tem nada a ver com ser físico ou não ser físico! Tanto o homem "natural" quanto o homem "espiritual" são seres humanos de carne e osso, que habitam hoje na terra. A diferença é que o homem "natural" não aceita as coisas do Espírito, ao passo em que o homem "espiritual" (mas também físico) aceita. O contraste entre o *psuchikos* e *pneumatikos* na concepção de Paulo nunca teve nada a ver com "físico vs imaterial", mas sim sobre aceitar ou rejeitar as coisas de Deus!

Comentando este texto em comparação com o de 1ª Coríntios 15:44, Craig afirma:

"*Homem natural* não quer dizer 'homem físico', mas 'homem orientado para natureza humana', e *homem espiritual* não quer dizer 'homem intangível e imaterial', mas 'homem orientado para o Espírito'. O contraste é o mesmo em 1ª Coríntios 15. O corpo presente e terreno será liberto de sua escravidão da natureza humana pecaminosa e tornar-se, em vez disso, completamente apoderado e dirigido pelo Espírito de Deus"[52]

[52] ibid.

Semelhantemente, Jesus diz em João 3:6:

"O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito" (João 3:6)

Aqui, mais uma vez, o que nasce da carne é um ser físico, e o que nasce do Espírito também. Não há nenhuma diferença no quesito de ser físico ou não ser físico, mas no sentido de ser espiritual ou ser carnal. Os "que nascem do Espírito" são os crentes regenerados, que embora sejam considerados "espírito", permanecem vivendo em corpos físicos de carne e osso, porque são "espírito" no sentido de serem pessoas espirituais, ao invés de serem dominadas pelo pecado, aqui representado pela "carne".

Em suma, o que Paulo estava dizendo em 1ª Coríntios 15:44 não tinha absolutamente nada a ver com um corpo ser físico e o outro corpo (o da ressurreição) não ser físico, mas sim com um corpo ser inclinado para o pecado (em função da nossa natureza pecaminosa atual), e o outro corpo ser inclinado apenas e exclusivamente ao Espírito. Em outras palavras, enquanto o primeiro corpo (este que temos hoje) tem inclinações pecaminosas, o corpo da ressurreição será inteiramente dominado pelo Espírito Santo, de tal forma que não teremos nenhum desejo de pecar, mas seremos completamente espirituais!

O corpo da ressurreição, portanto, é um corpo imperecível (i.e, que não se desgasta com o tempo), glorioso, poderoso e espiritual. Ele é fisicamente imortal e ao mesmo tempo é espiritual, por não ser mais dominado pelas paixões da carne, mas pelo Espírito do Deus vivo. É por isso que Paulo diz, em seguida, que "carne e sangue não podem herdar o Reino de Deus" (1Co.15:50). Pela expressão "carne e sangue", ele não estava se referindo ao fato de ser físico ou não ser físico, mas sim ao fato de ser ***mortal***. "Carne e sangue" era uma típica expressão idiomática semítica com este sentido. Quando o sentido pretendido pelo autor não era de "natureza *mortal",* mas sim de "natureza *física",* o termo utilizado não era "carne e sangue", mas "carne e ossos" (cf. Gn.3:23; Lc.24:39).

Dr. Craig comenta:

"Virtualmente todos os comentaristas reconhecem que a expressão 'carne e sangue' é típica idiomática semita, indicando nossa natureza humana fraca. Em outro local, Paulo usa a expressão para significar 'criaturas mortais' (Efésios 6:12) ou apenas 'pessoas' (Gálatas 1:16). Portanto, a segunda metade do verso entra em paralelo com a primeira: 'Nem a corrupção herda a incorrupção'. O corpo presente deve ser liberto de sua corruptibilidade, não sua materialidade, a fim de estar pronto para o domínio eterno de Deus"[53]

Outro ponto interessante neste texto é que Paulo não diz que "carne e sangue não **podem** herdar o reino", mas sim que "carne e sangue não **pode** [no singular] herdar o reino". Embora aparentemente esta seja uma distinção muito pequena, ela faz toda a diferença, pois mostra que Paulo não estava falando *literalmente* de um pedaço de carne e *literalmente* de um sangue correndo pelas veias, mas sim de uma coisa só, ou seja, de uma natureza mortal (mortalidade natural do homem).

Em outras palavras, "carne e sangue" (i.e, um indivíduo *mortal*) não pode herdar o Reino de Deus, e é por isso que ele precisa primeiro ser **tornado imortal** (através da ressurreição ou do arrebatamento) para entrar na glória. É por isso que a continuação do mesmo versículo, geralmente ignorada pelos neo-gnósticos, diz: "nem a corrupção pode herdar a incorrupção" (v.50). Dito em termos simples, o corpo é tornado imortal e incorruptível por Deus na ressurreição, e então, nesta forma glorificada, herda o reino de Deus.

Este é o sentido simples, lógico e exegético do texto, razão pela qual sempre foi interpretado desta forma ao longo dos séculos, desde os primeiros cristãos até os dias de hoje. Todos os "sucessores dos apóstolos", isto é, os que ouviram a palavra de Deus direto da boca de um apóstolo e que escreveram sobre esta doutrina por escrito ainda no primeiro ou início do segundo século, creram convictamente na realidade de uma ressurreição da carne – tanto de Jesus,

[53] ibid.

como também dos mortos em geral, no dia final da ressurreição (1Co.15:51-54; 1Ts.4:13-17; Jo.6:54).

Comecemos com Inácio de Antioquia (35-107 d.C), que viveu na mesma época dos apóstolos e foi doutrinado por eles. Ele se tornou bispo de Antioquia a partir do ano 68 d.C em diante, quando alguns apóstolos ainda viviam. Ele não inventou uma doutrina nova particular, mas apenas reiterou o corpo doutrinário já aceito até então pelos apóstolos, os mesmos que escreveram o Novo Testamento cristão. Inácio escreveu diversas vezes sobre a realidade da ressurreição da carne, mas aqui destacarei apenas uma delas, presente em sua carta aos erminiotas:

"Quanto a mim, sei e creio que, mesmo depois da ressurreição, ele [Jesus] estava na sua carne. Quando veio até aos que estavam em torno de Pedro, lhes disse: 'Pegai, tocai-me, e vede que eu não sou espírito sem corpo'. E imediatamente eles o tocaram e, ao contato com sua carne e seu espírito acreditaram. É por isso que eles desprezaram a morte e foram reconhecidos superiores à morte. E depois da ressurreição, comeu e bebeu junto com eles, como um ser de carne, embora espiritualmente unido ao Pai"[54]

Inácio disse isso para refutar alguns hereges e cismáticos que estavam dizendo que a ressurreição aconteceria sem corpos físicos, mas semelhantes a espíritos:

"Ele sofreu tudo isso por nós, para que sejamos salvos. E ele sofreu realmente, assim como ressuscitou verdadeiramente. Não sofreu, apenas na aparência, como dizem alguns incrédulos. São eles que existem 'apenas na aparência'. Assim como pensam, para eles acontecerá serem sem corpos e semelhantes a espíritos"[55]

Outra fonte importante que temos ainda no século I d.C é Clemente (35-97), que foi bispo de Roma a partir de 88 d.C, até a data da sua morte. Ele era contemporâneo de Inácio e ouviu a doutrina direto da boca dos apóstolos, em

[54] Inácio aos Erminiotas, 3:1-3.
[55] Inácio aos Erminiotas, 2:1.

especial de Paulo, que o cita em Filipenses 4:3, na carta que escreveu em Roma. Ao escrever aos coríntios, Clemente deixou muito claro sua crença na ressurreição da carne, ao dizer que "Tu ressuscitarás minha carne, que suportou todas essas coisas"[56].

Outro escritor cristão que conviveu com apóstolos e viveu no século I d.C foi Papias de Hierápolis, nascido em algum momento próximo a 60 d.C. Infelizmente, temos apenas alguns fragmentos de Papias preservados, mas o que temos é suficiente para confirmar a crença em uma ressurreição física. Eusébio de Cesareia, citando Papias, escreveu:

"Entre essas coisas, diz que haverá mil anos após a ressurreição dos mortos e que então o reino de Cristo se estabelecerá fisicamente nesta nossa terra"[57]

Se o reino eterno de Cristo se estabelecerá fisicamente nesta terra[58], ao invés de ocorrer nas nuvens do Céu, então é óbvio que nossa ressurreição será em corpos físicos, que possam habitar em um Paraíso terrestre e físico como será na eternidade. E o milenarismo de Papias, segundo Eusébio, tinha chegado a ele diretamente pelos apóstolos.

Ao chegarmos ao século II, temos acesso ao conteúdo dos chamados "Pais apologistas", entre eles Atenágoras de Atenas (133-190), que escreveu uma "Petição em Favor dos Cristãos", os quais estavam sendo duramente perseguidos na época. Entre as coisas que escreve, ele faz questão de sublinhar que os cristãos não eram antropófagos (como eram acusados de ser), e a razão pela qual os crentes se ausentavam desta prática era justamente porque criam que os corpos físicos ressuscitariam. Ele escreve:

"Além disso, quem crê na ressurreição quererá oferecer-se como sepultura dos corpos que hão de ressuscitar? Não é possível alguém acreditar que nossos

[56] 1ª Clemente 26:3.
[57] Preservado em História Eclesiástica, Livro III, 39:12-14.
[58] Para confirmar este ensino bíblico, acesse: http://desvendandoalenda.blogspot.com.br/2013/08/onde-passaremos-eternidade-no-ceu-ou-na.html

corpos ressuscitarão e, ao mesmo tempo, os coma, como se não devessem ressuscitar; pensar que a terra devolverá seus próprios mortos e, ao mesmo tempo, pensar que aqueles que engoliu não reclamarão"[59]

Um contemporâneo de Atenágoras, chamado Teófilo (120-186), também convertido ao Cristianismo, igualmente ensinava a ressurreição da carne, dizendo:

"Quando depuseres a mortalidade e te revestires da incorruptibilidade, verás a Deus de maneira digna. Com efeito, Deus ressuscitará a tua carne, imortal, juntamente com tua alma. Então, tornado imortal, verás o imortal, contanto que agora tenhas fé nele. Então reconhecerás que falaste injustamente contra ele"[60]

Também na mesma época, Taciano, o Sírio (120-180), escreveu dizendo que "nem a alma poderia por si mesma jamais se manifestar sem o corpo, e nem a carne ressuscita sem a alma"[61]. Para Taciano, a alma não era um fantasminha que se manifestava fora do corpo, e, da mesma forma, a *carne* não ressuscita sem a alma. A crença na ressurreição da carne era tão fundamental para os primeiros cristãos que o antigo Credo Apostólico, um resumo das principais doutrinas cristãs, diz em seu 11º artigo: "Creio na ressurreição da carne".

O interessante é que essa crença cristã primitiva em uma ressurreição física dentre os mortos era levada tão a sério na Igreja primitiva que os cristãos da época faziam questão de escrever longos tratados para defendê-la frente aos céticos e pagãos da época. Foi assim que surgiu a obra "Sobre a Ressurreição dos Mortos", de Atenágoras, e também a obra "Da Ressurreição", de Justino. Todos defendendo vigorosamente a ressurreição da carne. Eles tinham que fazer isso, pois a crença cristã na ressurreição era o maior alvo de deboche, zombaria e chacota entre os pagãos da época.

Para eles, acostumados com a imortalidade natural e incondicional da alma, era completamente inadmissível a ideia de uma ressurreição física. Eles criam que o

[59] Petição em Favor dos Cristãos, 36.
[60] Primeiro Livro a Autólico, 7.
[61] Discurso contra os Gregos, 15.

homem era espírito puro, revestido de um pedaço de carne, o qual se tornava desnecessário depois da morte. Os cristãos lutaram bravamente contra isso, provando com argumentos lógicos e racionais que a ressurreição da carne é uma crença verdadeiramente consistente.

Quem, na época, negava a ressurreição da carne? Sabemos que os cristãos não eram. Na verdade, quem costumava negar eram os gnósticos "cristãos", que eram um grupo totalmente separado do Cristianismo tradicional (originado por Jesus e pelos apóstolos), mas que queriam misturar certos elementos cristãos com a doutrina gnóstica tradicional, já existente na época. Mas para eles haviam coisas que não batiam, as quais eram consideradas absurdas nos padrões helenistas da época. Entre elas, estava a ideia de que "o Verbo se fez carne" (Jo.1:14). Então João precisou dizer que "muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Tal é o enganador e o anticristo" (2Jo.1:7).

Outro grupo pseudo-cristão eram os docéticos, que defendiam que o corpo de Jesus era uma ilusão, como se fosse um holograma moderno. Então João precisou enfatizar que não apenas seus olhos o viram, mas que também "as nossas mãos o apalparam" (1Jo.1:1). O que unia os hereges gnósticos e os hereges docéticos era, obviamente, a negação à ressurreição da carne, pois se já era inadmissível que Jesus tivesse vindo em carne, quanto mais inadmissível seria dizer que ele *ressuscitou* em carne! Então surgiu a ideia de que a ressurreição de Jesus foi apenas em um "corpo espiritual", distorcendo o sentido das palavras de Paulo em 1ª Coríntios 15:44.

Embora gnósticos e docéticos já não existam mais hoje, há muitos neo-gnósticos que continuam sustentando as mesmas crenças básicas dos antigos hereges e anticristãos, contra os quais os crentes ortodoxos, os próprios apóstolos e os sucessores dos apóstolos lutaram arduamente para combater, sustentando firmemente a crença mais absurda e irracional do mundo da época: a ressurreição da carne, que era combatida por todo mundo, em todo lugar.

O que os neo-gnósticos de hoje querem que aceitemos, basicamente, é que os primeiros cristãos – os que ouviram de perto a doutrina pela boca dos próprios apóstolos – estavam todos errados, que seus seguidores e discípulos também estavam todos errados, que todos os teólogos ortodoxos ao longo de vinte séculos também estavam todos errados, e que na verdade o que está certo é uma interpretação bíblica defeituosa que "coincidentemente" chega precisamente à mesma conclusão de todos os grupos hereges e sectários que a Igreja cristã sempre combateu ao longo de toda a sua trajetória: gnósticos, docéticos, platônicos e espíritas, só pra começar.

CAP. 12 – 1ª CORÍNTIOS 3:15 FALA DO PURGATÓRIO?

A Igreja Católica Romana ensina a existência de um lugar chamado purgatório, o qual, segundo eles, se trata de um estado intermediário entre a morte e a ressurreição, onde certas pessoas salvas (mas não plenamente santificadas) passam por um "fogo purificador", a fim de poderem entrar no Céu depois. Logicamente, este ensinamento não tem qualquer fundamento bíblico, embora apologistas católicos afora tenham se mostrado bastante hábeis na arte de distorção de textos bíblicos para tentar dar base a esta doutrina exclusivamente romana[62]. O principal texto usado distorcidamente pelos apologistas romanos é um que é sugerido no próprio catecismo católico, que diz:

"A Igreja denomina Purgatório esta purificação final dos eleitos, que é completamente distinta do castigo dos condenados. A Igreja formulou a doutrina da fé relativa ao Purgatório sobretudo no Concílio de Florença e de Trento. Fazendo referência a certos textos da Escritura, a tradição da Igreja fala de um fogo purificador"[63]

E a passagem que supostamente fala deste "fogo purificador" é a que afirma:

"Se pegar fogo, arcará com os danos. Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo" (1ª Coríntios 3:15 – Versão Ave-Maria)

Linha 1	Linha 2
O "fogo" é o fogo do purgatório	O "fogo" é uma força de expressão

Em primeiro lugar, para entendermos do que se trata este "fogo", é necessário analisarmos cuidadosamente o contexto no qual a passagem está inserida. O contexto, na mesma versão católica utilizada, afirma:

[62] Por "exclusivamente romana", me refiro ao fato de que nem a Igreja Católica Ortodoxa oriental, nem tampouco qualquer igreja protestante, adota esta doutrina. Por isso, ela é exclusiva da Igreja Romana.
[63] §1031 do Catecismo Católico.

"Agora, se alguém edifica sobre este fundamento, com ouro, ou com prata, ou com pedras preciosas, com madeira, ou com feno, ou com palha, a obra de cada um aparecerá. **O dia (do julgamento) demonstrá-lo-á**. Será descoberto pelo fogo; o fogo provará o que vale o trabalho de cada um. Se a construção resistir, o construtor receberá a recompensa. Se pegar fogo, arcará com os danos. Ele será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo" (1ª Coríntios 3:12-15)

Note que Paulo não está falando de um dia qualquer, mas **do dia do julgamento**. O problema para os apologistas católicos é que, biblicamente, este dia do julgamento só ocorrerá na segunda vinda de Cristo, que não ocorreu ainda, e que se dará quando não houver mais qualquer "purgatório" para queimar alguém, pois o estado intermediário já terá passado para dar lugar ao estado eterno. É por isso que Paulo diz:

"Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente" (2ª Timóteo 4:1)

Note que o dia do julgamento está diretamente relacionado ao dia da volta de Jesus, quando o Reino será manifestado visivelmente. E neste dia, segundo a própria doutrina católica, não existirá mais "purgatório" para queimar alguém. Logo, o texto não pode estar falando de purgatório nenhum!

Para resolver este dilema, os teólogos papistas resolveram criar a doutrina dos dois juízos, que nunca existiu na igreja oriental. Segundo esta tese católica-romana, existe dois juízos: um é o juízo individual, que ocorre imediatamente após a morte, dando início ao estado intermediário na vida de quem já morreu, e o outro é o juízo geral, que ocorre na volta de Jesus, ao final do estado intermediário. Para eles, portanto, cada pessoa passa por dois juízos: o individual e o geral. E assim eles pensam ter salvado a doutrina do purgatório, simplesmente sugerindo que nesta passagem de 1ª Coríntios 3:15 o apóstolo

estivesse se referindo ao juízo individual após a morte, e não ao juízo da segunda vinda de Cristo.

Mas essa tese remendada suscita ainda mais problemas teológicos intransponíveis. Em primeiro lugar, porque o próprio contexto de 1ª Coríntios 3:15 parece estar fazendo referência ao juízo geral, e não a alguma espécie de juízo individual. O verso 13, por exemplo, declara:

"...o Dia a trará à luz; pois será revelada pelo fogo, que provará a qualidade da obra de cada um" (v. 13)

Duas coisas aqui parecem favorecer a visão do juízo na segunda vinda de Cristo. Primeiro, porque o texto diz que este dia **"trará a luz"** o pecado que esteve oculto por toda a vida. Jesus disse que "não há nada oculto, senão para ser revelado, e nada escondido senão para ser trazido à luz" (Mc.4:22). Este texto tem sido tradicionalmente entendido como sendo uma referência ao juízo geral da segunda vinda de Cristo, quando todos estiverem reunidos e o pecado de cada um de nós se tornar exposto e manifesto a todas as pessoas – quando nada que há em oculto permanecerá oculto. Diante disso, é muito mais provável que 1ª Coríntios 3:13 seja uma referência a este mesmo juízo geral, do que a algum juízo individual inventado por Roma.

Além disso, o verso 13 diz também que o fogo provará a qualidade da obra "de cada um", e não de uma pessoa individualmente. O texto transmite a ideia de uma reunião geral, onde várias pessoas estão como "réus", sendo julgadas, e não onde uma única pessoa se encontra sozinha com Deus após a morte.

Em segundo lugar, e o ponto mais problemático para a doutrina católica, a Bíblia não fala em absolutamente lugar nenhum de um juízo individual ocorrido em um estado intermediário antes da ressurreição, e muito menos diz em qualquer lugar que exista mais de um juízo para cada pessoa. Este ensinamento simplesmente não é bíblico, embora seja bastante popular. O texto mais usado pelos seus adeptos é o que diz que "depois da morte vem o juízo" (Hb.9:27), mas lugar nenhum deste texto ou de qualquer outro canto da Bíblia diz que

este juízo em questão ocorre antes da ressurreição. A Bíblia é unânime em dizer que Deus não julgou os mortos ainda:

"Porquanto tem **determinado um dia** em que com justiça **há de julgar o mundo**, por meio do homem que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (Atos 17:31)

"Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que **há de julgar** os vivos **e os mortos**, na sua vinda e no seu reino" (2ª Timóteo 4:1)

"Os quais **hão de dar conta** ao que está **preparado** para julgar os vivos e os mortos" (1ª Pedro 4:5)

"No dia em que Deus **há de julgar** os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho" (Romanos 2:16)

"Quando o Filho do Homem **vier em sua glória**, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. **Então** o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Venham, benditos de meu Pai! **Recebam como herança o Reino** que lhes foi preparado desde a criação do mundo" (Mateus 25:31-32)

Note como é claro o ensinamento bíblico de que Deus não julgou nada ainda, mas ainda está para julgar, no futuro, relacionado ao dia da volta de Jesus. 2ª Timóteo 4:1 é ainda mais mortal, porque diz que Deus **"há de julgar"** não apenas os vivos, mas também os mortos, passando a ideia de que nem os mortos foram julgados ainda. 1ª Pedro 4:5, em consonância, declara que Deus está **preparado** para julgar os mortos – o que implica que ele ainda não os julgou. Acima de tudo, não há absolutamente texto nenhum que diga o contrário, isto é, que sugira a ideia de que quem morreu já passou por um juízo individual e que ainda terá que passar por mais um!

Em terceiro lugar, a análise do sentido também torna bastante improvável a existência de dois juízos, isso porque um só juízo já seria mais do que o suficiente para condenar alguém irremediavelmente. Embora dois ou mais

juízos existam em nosso mundo, isso só ocorre porque o primeiro juízo não é "final", no sentido de que ainda há possibilidade de apelo a um novo julgamento, que pode revogar o anterior. Mas o juízo divino não pode ser revogado e nem pode incorrer em equívoco, o que torna completamente inútil qualquer existência de um segundo juízo.

Na visão católica, se você for um ímpio e morrer, passará por um "juízo individual" depois da morte e sua alma será imediatamente condenada ao inferno. Você passará alguns anos ou milênios neste terrível lugar, até que em um momento você deixará o inferno para se religar ao corpo que "dorme" no túmulo e passará por uma ressurreição para um novo julgamento na volta de Cristo. O resultado? Condenação de novo (que surpresa). Então você volta novamente para o mesmo lugar de fogo e tormento em que estava antes, para sofrer horrivelmente do mesmo jeito que já estava sofrendo, só que desta vez com o corpo e com a alma, e não somente com a alma...

Compare esta visão completamente distorcida com o simplismo bíblico sobre a morte: você morre e permanece na condição de morto (sem vida) até a ressurreição, quando então será julgado e obterá a vida eterna ou a morte eterna. É impossível que um leitor honesto das Escrituras conclua que a primeira visão é mais parecida com o teor bíblico puro e simples do que a segunda. Isso porque a primeira, além de não ser bíblica, é inconsistente internamente.

Em quarto lugar, em todas as vezes que a Bíblia fala do juízo para cada pessoa ela emprega o **singular**, passando vividamente a ideia de que não há mais do que um único juízo para cada indivíduo. Os seguintes textos empregam o juízo no singular, indicando a existência de um juízo apenas para cada indivíduo:

• Mt.10:25; Mt.11:22; Mt.11:24; Mt.12:36; Mt.12:41; Mt.12:42; Lc.10:14; Lc.11:31; Lc.11:32; Jo.5:29; Jo.9:39; Jo.12:8; Jo.12:11; At.24:25; Hb.6:2; Hb.9:27, Tg.2:23; 2Pe.2:4; 2Pe.2:9; 2Pe.3:7; 1Jo.14:17.

Adicione a isso o fato de que nenhum lugar da Bíblia diz que alguém passará por dois juízos, e que **sempre** o juízo está relacionado à volta de Jesus

(Mt.25:31; Ap.20:12; 2Tm.4;1; At.7:31). A conclusão mais sensata que chegamos é que o juízo descrito em Hebreus 9:27, que ocorre depois da morte, é o mesmo juízo mencionado por toda a Bíblia, como ocorrendo na segunda vinda de Cristo, e não antes[64]. Tendo isso em mente, é altamente improvável que em 1ª Coríntios 3:15 o apóstolo Paulo estivesse contradizendo o teor geral de toda a Escritura e inventando um "juízo individual" antes da volta de Jesus, para encaixar um "purgatório" ali.

Mas se o "fogo" ali não se trata do purgatório, então do que se trata?

Embora a versão católica supracitada traduza o verso por "será salvo, porém passando de alguma maneira através do fogo", não é isso o que o texto original nos diz. Essa é mais uma tradução católica tendenciosa, que tenta obscurecer a força de expressão usada por Paulo neste texto. As versões evangélicas, por exemplo, traduzem assim:

"Se o que alguém construiu se queimar, esse sofrerá prejuízo; contudo, será salvo **como** alguém que escapa através do fogo" (Nova Versão Internacional)

"Se a obra de alguém se queimar, sofrerá detrimento; mas o tal será salvo, todavia **como** pelo fogo" (Almeida Corrigida e Revisada Fiel)

Note que nas versões protestantes há a importante adição do **"como"**, no texto em pauta. Em outras palavras, Paulo não estava falando que o indivíduo será salvo "pelo fogo", mas sim "*como* que pelo fogo". Isso faz toda a diferença, pois mostra que ele estava traçando uma analogia, uma comparação, e não dizendo exatamente como as coisas são. Mas antes de chegarmos a esta conclusão, é necessário primeiro vermos se o original grego favorece a tradução protestante, ou se dá base à versão católica. O original em questão diz:

[64] O problema é quando se pensa que antes do juízo já estamos no Céu ou no inferno, o que já foi refutado em outras oportunidades, especialmente em meu livro "A Lenda da Imortalidade da Alma", disponível em: http://apologiacrista.com/a-lenda-da-imortalidade-da-alma, e também em meu livro "Os Pais da Igreja contra a Imortalidade da Alma", disponível em: http://www.apologiacrista.com/os-pais-da-igreja-contra-a-imortalidade-da-alma.

"ει τινος το εργον κατακαησεται ζημιωθησεται αυτος δε σωθησεται ουτως δε **ως** δια πυρος"

Aquela pequena palavrinha ali no final, "ως" (que é transliterado como *hos*), é exatamente a que significa **"como"**. A versão católica preferiu suprimi-la do texto, porque ela tira muito do sentido católico do mesmo. Ela aparece em textos como Mateus 10:16, que diz:

"Eu os estou enviando **como** [*hos*] ovelhas entre lobos. Portanto, sejam prudentes **como** [*hos*] as serpentes e simples **como** [*hos*] as pombas" (Mateus 10:16)

É claro que Jesus não estava dizendo que nós somos literalmente "ovelhas". Ele também não estava dizendo que nós deveríamos ser literalmente uma "serpente", e nem que deveríamos nos transformar literalmente em "pombas". O *hos* é simplesmente uma analogia, uma comparação. Paulo também não estava dizendo que nós literalmente passaremos por um fogo em 1ª Coríntios 3:15, mas sim que a salvação de quem produziu poucos frutos será *como* que "pelo fogo", que é somente uma forma de dizer que será salvo "por pouco". O grego possui forças de expressão diferentes do português, mas se passássemos para o nosso idioma seria como alguém dizendo que "será salvo por um triz". Ou seja: que escapará da condenação por pouco.

Alguém que escapa "através do fogo" sem se queimar é realmente um "sortudo", pois a tendência é sempre perecer em meio ao fogo. Por isso, "escapar como que pelo fogo" era uma expressão proverbial grega com o sentido de "escapar por um triz". Essa comparação e não-literalidade é reforçada pelo emprego do *hos* e pelo fato deste juízo ser, como vimos, na segunda vinda de Cristo, quando não mais existirá "purgatório" para "queimar" alguém. Infelizmente, quando se procura encontrar "base bíblica" para uma doutrina inventada de fora para dentro, o resultado natural do que se dá é uma eisegese que perverte grosseiramente o significado do texto original.

CAP. 13 – O NOME DO DIABO É LÚCIFER?

Muita confusão tem sido feita a respeito de Lúcifer, que teria sido o primeiro anjo celestial a se rebelar contra Deus e a levar consigo um terço dos anjos, que foram juntos com ele atirados à terra como consequencia de seu pecado. De um lado, alguns dizem que Deus já criou o diabo como "diabo", isto é, que aquele que hoje é conhecido como Satanás foi desde sempre um opositor, e que ele nunca foi um anjo celestial. Segundo essa visão, é errado chamar Satanás de "anjo caído", porque ele nunca foi anjo, e nunca caiu – uma vez que já foi criado com natureza satânica. Do outro lado, há muita gente que pensa que Deus criou um ser chamado Lúcifer, e que este é o nome do anjo que caiu e que continua sendo chamado assim até hoje.

Linha 1	Linha 2
Lúcifer é nome próprio	Lúcifer não é nome próprio

Afinal de contas, quem é Lúcifer?

Em primeiro lugar, devemos ter em mente se Deus criou Satanás como "Satanás" (que significa "opositor"), ou se um anjo se *tornou* Satanás após deliberadamente se insurgir contra Deus. Os que negam que Satanás seja um anjo caído ignoram uma série de passagens que provam isso de forma bastante clara. Jesus disse explicitamente que os demônios eram anjos:

"Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o **Diabo e os seus anjos**'" (Mateus 25:41)

Obviamente, esses anjos não são os anjos de Deus, que estão hoje no Céu, os quais são obedientes a Deus. Por consequencia, só podem ser anjos *caídos,* isto é, que perderam suas posições no Céu, por desobediência.

Em Atos 8:26, é dito que "um anjo *do Senhor* disse a Filipe...". Se não existissem anjos que não fossem "do Senhor", este texto não faria muito sentido.

Em 1ª Coríntios 6:3, o apóstolo Paulo diz:

"Vocês não sabem que haveremos de julgar os anjos? Quanto mais as coisas desta vida!" (1ª Coríntios 6:3)

Este texto também não teria sentido caso os anjos aqui fossem os anjos de Deus. Se eles vão ser *julgados* – e ainda por nós, meros humanos – é muito provável que seja uma referência aos anjos *caídos,* isto é, aos demônios.

Em 1ª Timóteo 5:21, Paulo se refere aos seres que estão agora no Céu e fala sobre "anjos eleitos". Novamente, se não há anjos que não são "eleitos", faz pouco sentido falar em "anjos eleitos", ao invés de falar apenas em "anjos", uma vez que tal distinção ou destaque não seria necessário.

No Apocalipse, lemos que os demônios "tinham um rei sobre eles, o **anjo** do Abismo, cujo nome, em hebraico, é Abadom e, em grego, Apoliom" (Ap.9:11).

Os demônios também são chamados de anjos em:

"Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o **dragão e os seus anjos** revidaram" (Apocalipse 12:7)

"O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. **Ele e os seus anjos** foram lançados a terra" (Apocalipse 12:9)

A noção de que os demônios são anjos caídos, que sugere fortemente o fato de que um dia eles eram anjos celestiais como os demais, também é ressaltada em Lucas 10:18, ocasião na qual Jesus diz:

"Eu vi Satanás **caindo do céu** como relâmpago" (Lucas 10:18)

Paulo diz ainda que o bispo cristão "não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o diabo" (1Tm.3:6). A declaração sugere que o que levou o diabo à queda foi o orgulho. Portanto, há bastante base bíblica para a concepção ortodoxa de que o diabo era um anjo de luz, que caiu de sua condição celestial ao deixar o orgulho falar mais alto, almejando o lugar de Deus[65]. Em outras palavras, Deus não criou Satanás como Satanás – foi o anjo que *decidiu* desobedecer a Deus e se tornar o que se tornou. Tudo o que Deus fez é bom (Gn.1:31; Ec.7:29).

No entanto, será que há base bíblica para afirmarmos também que este anjo que originalmente se rebelou contra Deus e que trouxe consigo outros anjos em sua rebelião chamava-se Lúcifer? Por incrível que pareça, o nome "Lúcifer" não existe em parte alguma da Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse. O que existe é a expressão "estrela da manhã", em Isaías 14:12:

"Como caíste desde o céu, ó **estrela da manhã**, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!" (Isaías 14:12)

Estas palavras ("estrela da manhã") foram traduzidas para o latim da versão de Jerônimo (conhecida como Vulgata), no século V, da seguinte maneira:

"QUOMODO CECIDISTI DE CAELO **LUCIFER** QUI MANE ORIEBARIS CORRUISTI IN TERRAM QUI VULNERABAS GENTES"

Na versão de Jerônimo aparece a palavra "Lucifer", mas não como nome próprio de um ser, e sim apenas como a tradução para o latim do termo "estrela da manhã". É por isso que em 2ª Pedro 1:19 a mesma expressão "estrela da manhã" (ou "estrela da alva") é traduzida por Jerônimo como "Lucifer", mais uma vez:

[65] Muitos teólogos ainda suscitam os textos de Isaías 14 e de Ezequiel 28 como aplicação a Satanás, mas como estes textos são controversos e suscitariam um debate ainda maior, preferi deixá-los para uma outra oportunidade.

"Assim, temos ainda mais firme a palavra dos profetas, e vocês farão bem se a ela prestarem atenção, como a uma candeia que brilha em lugar escuro, até que o dia clareie e a **estrela da alva** nasça em seus corações" (2ª Pedro 1:19)

"ET HABEMUS FIRMIOREM PROPHETICUM SERMONEM CUI BENE FACITIS ADTENDENTES QUASI LUCERNAE LUCENTI IN CALIGINOSO LOCO DONEC DIES INLUCESCAT ET **LUCIFER** ORIATUR IN CORDIBUS VESTRIS"

A diferença é que, em 2ª Pedro 1:19, o sujeito referido como sendo a "estrela da manhã" não é o diabo, mas o Senhor Jesus!

Como vemos, Jerônimo apenas traduziu o termo "estrela da manhã" por "Lucifer" (no latim), não como nome próprio, pois até Jesus era "Lucifer" (=estrela da manhã). A confusão começou quando a famosa versão King James, a tradução inglesa do século XVII, decidiu manter para o inglês a palavra latina Lucifer, como se fosse nome próprio. Assim, eles traduziram por:

"How art thou fallen from heaven, O **Lucifer**, son of the morning! how art thou cut down to the ground, which didst weaken the nations!"

Este foi o grande erro da versão King James, que ao invés de traduzir direto do grego (o que ficaria "day star"), preferiu seguir a versão latina de Jerônimo e confundir a expressão "Lucifer" como se fosse nome próprio(!), fazendo com que "Lucifer" virasse um sujeito! Como essa versão da Bíblia acabou sendo a mais famosa nos séculos que se seguiram, várias traduções no mundo todo copiaram este erro nas mais diversas línguas, inclusive algumas versões em português, que verteram por "Lúcifer" (como nome próprio) em Isaías 14:12, embora tenham mantido o termo "estrela da manhã" em 1ª Pedro 1:19. Felizmente, este erro tem sido cada vez mais corrigido nas versões mais atuais, de modo que se o leitor conferir em sua própria Bíblia o texto de Isaías 14:12 é bastante provável que a palavra "Lúcifer" não apareça.

Em síntese, "Lúcifer" nunca foi o nome próprio do diabo. ***Se*** realmente Isaías 14 faz referência ao diabo, o máximo que poderíamos inferir disso é que o ser que

hoje é o diabo *um dia* foi um "lúcifer", ou seja, uma "estrela da manhã" – algo que ele já não é mais, pois já perdeu toda a glória e a luz que tinha antes da queda. Hoje, o máximo que ele pode fazer é *se fingir* de anjo de luz (2Co.11:14). As igrejas que continuam chamando Satanás de "Lúcifer", além de cometerem um erro teológico, ainda estão fazendo um favor ao diabo, atribuindo-lhe aquilo que ele não é mais!

CAP. 14 – AUSENTE DO CORPO PARA HABITAR COM O SENHOR

Uma das passagens mais utilizadas pelos defensores da doutrina da imortalidade da alma é aquela onde Paulo expressa seu desejo sobre "deixar este corpo para habitar com o Senhor" (2Co.5:8), em consonância com sua vontade de "partir e estar com Cristo" (Fp.1:23), expressa aos filipenses. Os imortalistas usam isso como a "prova" de que Paulo esperava que sua alma imortal se separasse do corpo após a morte e fosse para a presença de Deus antes mesmo da ressurreição.

Tal conceito, no entanto, esbarra no fato de que a natureza humana na Bíblia é apresentada holisticamente, consistindo em um todo indivisível onde corpo, alma e espírito são características da mesma pessoa, de forma que todas as três partes são fundamentais e necessárias para a existência de vida. Este conceito se opõe diametralmente ao dualismo grego entre corpo e alma. Mas como já abordei este assunto ao longo de mais de 1.200 páginas de três livros já escritos sobre o tema até o momento[66], me limitarei aqui apenas à análise do texto em questão.

Linha 1	Linha 2
Paulo esperava estar com o Senhor corporalmente, na ressurreição	Paulo esperava estar com o Senhor em forma incorpórea, no estado intermediário

Como sempre, a primeira coisa que devemos fazer é analisar o texto dentro de seu contexto maior, que aqui é imprescindível para determinar o significado do mesmo:

[66] Para ter acesso aos livros já escritos por mim, confira em: http://apologiacrista.com/meus-livros

"Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus. E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu; Se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito. Por isso estamos sempre de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor (porque andamos por fé, e não por vista). Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor" (2ª Coríntios 5:1-8)

Os imortalistas tem o péssimo hábito de isolar o verso 8 para fazer parecer que tudo o que Paulo disse foi que desejava "deixar este corpo para habitar com o Senhor". Mas Paulo não disse apenas isso. Ele falou muito mais sobre isso nos versos anteriores, que são sempre, em 100% das vezes, completamente omitidos pela totalidade dos teólogos imortalistas. A razão pela qual eles nunca falam do contexto é porque este contexto refuta a tese de que Paulo esperava estar com Cristo em um estado intermediário antes da ressurreição, supostamente em forma de espírito incorpóreo.

Paulo inicia dizendo:

"...se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (v. 1)

Qual é a "casa não feita por mãos humanas", que Paulo também chama de "edifício"? Os imortalistas costumam pensar que Paulo estava se referindo a uma casa literal, como uma "mansão celestial", igual a casa em que nós moramos na terra, só que muito maior e mais gloriosa. No entanto, independentemente se existem "mansões celestiais" ou não, o fato é que Paulo não estava falando nada disso aqui. A "casa", diante do contexto, não era um edifício literal, mas **o corpo da ressurreição**. Essa é a chave para o entendimento de 2ª Coríntios 5.

O apóstolo inicia dizendo:

"...se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer" (v. 1)

Que tipo de "casa terrestre" ele estava falando? Obviamente não tinha nada a ver com a nossa casa literal, este lugar entre quatro paredes onde estou escrevendo estas linhas. Paulo não estava falando que sua casa na praia ou seu sobrado alugado iria "desabar" e cair. Ele sequer tinha residência certa (1Co.4:11), pois vivia viajando para pregar o evangelho e muitas vezes escrevia na prisão! A "casa" que Paulo se refere aqui é, obviamente, este **corpo corruptível** que nós temos hoje. Ele sabia que um dia este corpo corruptível não iria aguentar e passaria pelo mesmo processo natural que todos passaremos um dia: a morte.

É neste mesmo sentido de "casa" que o autor de Hebreus (que alguns cogitam tratar-se do mesmo apóstolo) escreve:

"... mas Cristo é fiel como Filho sobre a casa de Deus; e **esta casa somos nós**, se é que nos apegamos firmemente à confiança e à esperança da qual nos gloriamos" (Hebreus 3:6)

A nossa "casa terrestre", portanto, não tinha nada a ver com uma casa literal feita à base de madeira e tijolos onde Paulo morava, mas com o presente corpo mortal e corruptível. Mas Paulo não pára aqui. Ele continua com a analogia do corpo, dizendo:

"...temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (v. 1)

Ele não muda o foco, mas prossegue com a mesma analogia da "casa". Se a casa deste tabernáculo se refere ao nosso corpo mortal e corruptível, então a "outra casa" só pode se referir ao **corpo imortal e incorruptível** da ressurreição. Paulo não estava mudando a analogia, mas mantendo o mesmo

padrão. O sentido da "casa" no fim do verso é o mesmo que ela tem no início – não uma mansão literal, mas um corpo físico. Paulo diz aqui que a primeira "casa" é da terra, e a segunda "casa" é do céu (v.1). Isso é o mesmo que ele disse em 1ª Coríntios 15:47-49, ocasião na qual ele explicitamente falava da ressurreição do corpo:

"O primeiro homem era do pó da terra; o segundo homem, **do céu**. Os que são da terra são semelhantes ao homem terreno; os que são do céu, **ao homem celestial**. Assim como tivemos a imagem do homem terreno, teremos também a imagem **do homem celestial**" (1 Coríntios 15:47-49)

Embora se trate da mesma pessoa sendo ressuscitada, Paulo costumava falar em termos de "dois homens", como representação dos dois corpos – um é o nosso corpo terreno presente, que é "da terra", e o outro é o nosso corpo glorioso da ressurreição, que é "do céu", ou "celestial". Não estamos falando aqui de uma casa literal onde um espírito incorpóreo vai habitar no Céu, mas sim sobre o **corpo celeste da ressurreição**, isto é, um corpo glorioso, imortal e incorruptível. Paulo afirma que iria morrer fisicamente (casa terrestre deste tabernáculo se desfazendo), para obter um edifício superior e eterno (corpo imortal da ressurreição). A esperança dele não era encontrar o Senhor em um estado desencarnado, mas ressurreto!

Note ainda que Paulo emprega a expressão: **"casa não feita por mãos humanas"** (v.1). O único lugar da Bíblia onde essa mesma linguagem aparece é em Marcos 14:58, texto no qual Jesus estava claramente falando do seu próprio corpo físico, como todos os teólogos do mundo reconhecem:

"Nós ouvimos-lhe dizer: Eu derrubarei este templo, construído por mãos de homens, e em três dias edificarei outro, **não feito por mãos de homens**" (Marcos 14:58)

João explica que quando Jesus disse isso sobre edificar um templo não feito por mãos humanas "ele falava do templo do seu próprio corpo" (Jo.2:21). Em outras palavras, para Jesus, este "edifício não feito por mãos de homens" se referia ao

corpo ressurreto, e Paulo expressa exatamente **a mesma** linguagem aqui em 2ª Coríntios 5:1, para falar, da mesma forma que Cristo, do corpo da ressurreição. O sentido era claro: ainda que nosso corpo corruptível pereça, nós teremos um corpo glorioso na ressurreição. Era deste modo que Paulo esperava estar com Cristo, e não em um estado incorpóreo desencarnado.

Ele complementa este pensamento no verso seguinte, onde diz:

"...e por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu" (v. 2)

Mais uma vez, os imortalistas costumam tirar este verso do contexto e corrompê-lo ao ponto de passar a impressão de que essa "habitação" que Paulo queria ser "revestido" se tratava de uma casa literal no Céu. Mas o propósito do texto era obviamente uma continuação no mesmo sentido do verso 1: Paulo desejava ser revestido do corpo ressurreto, que é "do céu" (1Co.15:47). A expressão **"revestir"** (no grego *ependuomai*) aqui usada por Paulo torna completamente sem sentido a interpretação imortalista, porque não há lógica alguma em se "revestir" de uma casa celestial literal.

Paulo poderia falar sobre "entrar" em uma mansão celeste, mas dificilmente empregaria a linguagem do "revestir", que de modo algum se aplica ao caso. Revestir significa "vestir de novo", e se aplica perfeitamente bem à ressurreição de um corpo que já morreu, isto é, que já foi "despido". A única ocorrência desta palavra no Novo Testamento fora deste texto é em 1ª Coríntios 15:53-54, onde ela está, "coincidentemente", relacionada explicitamente com a **ressurreição dos mortos** na volta de Jesus:

"Eis que eu lhes digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados. Pois é necessário que aquilo que é corruptível se **revista** de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se **revista** de imortalidade. Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é

mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: 'A morte foi destruída pela vitória'" (1ª Coríntios 15:51-54)

Paulo usou o verbo "revestir" apenas duas vezes em seus escritos, e em ambas as vezes relacionado à ressurreição do corpo, em que a natureza humana corruptível se transformará em incorruptível, quando Jesus voltar para nos dar a vida eterna (Jo.5:28-29). Portanto, Paulo estava dizendo que iria morrer para ser **revestido de um corpo glorioso ressurreto**. Ele não estava neste verso dizendo que *iria para o Céu*, mas que seria *revestido* de algo que é **do** Céu. Ele não disse: "desejando *ir* para a nossa habitação *no* Céu"; mas sim: "desejando ser *revestido* da nossa habitação, que é *do* Céu". Com efeito, a ideia aqui transmitida não é de morrer e ir para o Céu sem um corpo, mas sim de ser **revestido de um corpo ressurreto**, que é "do Céu", isso é, celestial, glorioso, em contraste a este presente corpo mortal, corruptível.

A nota de rodapé da NVI (Nova Versão Internacional) parece concordar com tal interpretação lógica do texto bíblico, com "habitação terrestre" sendo uma referência ao corpo terreno e onde "gememos" esperando o revestimento de um **corpo glorioso ressurreto**:

"*Temporária habitação terrena em que vivemos.* Nosso corpo (v. 2Pe 1.13). Como uma tenda, temporária e pouco durável, nosso corpo é frágil, vulnerável e se desgasta (4.10-12,16)"[67]

"*Gememos*. Porque ansiamos pela perfeição que será nossa ao nos vestirmos do glorioso corpo espiritual (1Co 15.42-49)"[68]

Portanto, podemos ver que o desejo de Paulo, pelo qual ele "gemia" (v.2), não era de habitar no Céu como um espírito incorpóreo antes da ressurreição dos mortos em algum estado intermediário, mas sim de **alcançar a ressurreição dos mortos**. A tradução da CNBB verte o verso 2 de forma ainda mais

[67] Nota de rodapé da Nova Versão Internacional em 2Co.5:1, p. 1991.
[68] Nota de rodapé da Nova Versão Internacional em 2Co.5:1, p. 1992.

direta: "Por isso, suspiramos neste estado, **desejosos de revestir o nosso corpo celeste**".

Paulo então faz um adendo, no verso 3:

"...se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus" (v. 3)

Se o **"revestido"** é o estado futuro em corpo ressurreto, então o **"vestido"** é o estado presente em corpo mortal. Paulo diz que o revestimento do corpo glorioso só será possível se, enquanto ainda vivemos, não formos encontrados "nus", que é uma condição espiritual de pecado (Gn.3:10-11; Ap.3:17). Aqui há uma diferença de tradução entre a Almeida Corrigida e Revisada Fiel para com a Nova Versão Internacional:

• **Almeida:**

"Se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus"

• **NVI:**

"Porque, estando vestidos, não seremos encontrados nus"

Note que a diferença não é pequena, embora em nenhum dos dois casos o sentido do texto diante do contexto se perca. Se a tradução da versão corrigida de Almeida estiver correta, então o que Paulo estava dizendo é que nós só alcançaremos isso (i.e, o corpo glorioso e imortal da ressurreição) se não formos encontrados em pecado, ou seja, se aqui na terra levarmos uma vida comprometida com Deus. Isso porque os ímpios não terão corpos imortais e incorruptíveis como os justos terão (Rm.2:7; 2Tm.1:10; Gl.6:8). Por outro lado, se a tradução da NVI for a mais apropriada, o que Paulo estava dizendo é que, uma vez ressurretos, não seremos mais dominados pelo pecado – o que também é verdadeiro.

Embora ambas as traduções sejam possíveis diante do teor geral da Escritura e também diante do contexto de 2ª Coríntios 5, a expressão grega *eige,* empregada aqui neste texto, significa **"se"** (e não "porque", que seria a palavra grega *gar*), o que fortalece a tradução de Almeida que, especificamente neste texto, é a mais plausível. Paulo estava dizendo que nós alcançaremos este corpo imortal da ressurreição, mas somente ***se*** não formos encontrados em estado de nudez espiritual.

Então ele prossegue o pensamento no verso 4, onde diz:

"...Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida" (v. 4)

Aqui é o xeque-mate na doutrina imortalista: Paulo não queria ser "despido" (i.e, morrer), mas **revestido** (i.e, ressuscitar)! Em outras palavras, a finalidade de Paulo em desejar a morte não era pela morte em si, mas pela ressurreição que viria logo após a morte. Era pensando nessa ressurreição que Paulo desejava morrer. Não era porque queria estar "despido" (na morte), mas porque queria ser "revestido" (na ressurreição). Como vemos, Paulo só contemplava dois estados com vida: o "vestido" (vida neste corpo mortal presente) e o "revestido" (vida no corpo imortal da ressurreição).

O "despido" não era um estado que ele almejava, porque despir-se é simplesmente morrer, o que implica em deixar de existir temporariamente. Quem desejaria isso? Ninguém. É por isso que Paulo ***não queria*** se despir, mas se revestir. Uma vez que para se revestir (ressuscitar) é necessário morrer, então ele desejava a morte, não pela morte em si, mas porque depois da morte vem a ressurreição, que é o que Paulo almejava de fato. Mas se o estado de "despido" é um no qual Paulo já estaria com Deus em forma de espírito incorpóreo no Céu, então seria imprescindível que ele desejasse isso também, pois tudo o que o crente mais quer é estar com Cristo, não importa se com ou sem um corpo!

Quem é que não iria querer o estado de despido, se neste estado já estaria com o Senhor? É ilógico, inócuo e incoerente. O texto implica que o "despir" é um estado onde Paulo não estaria com o Senhor, e é por essa mesma razão que o que ele desejava era o revestir da ressurreição. Os imortalistas se metem em enormes confusões e sandices quando tentam interpretar 2ª Coríntios 5:4 com a ótica deles. O pastor Airton Evangelista da Costa, por exemplo, comenta sobre a passagem:

"2 Co 5.4: '...não queremos ser despidos, mas vestidos de novo, para que o mortal seja recolhido pela vida'. O estado do crente de ser despido não se refere ao corpo no sepulcro, mas ao espírito que aguarda o 'corpo da glória' na ressurreição"[69]

"Vestido"	"Despido"	"Revestido"
Estado presente em corpo corruptível	Estado na morte, sem corpo	Estado futuro, em corpo incorruptível

Mas se o "despido" não se refere ao corpo no sepulcro, e sim a uma alma no Paraíso, por que Paulo foi tão enfático em dizer que ***não queria*** estar despido? Na ótica aniquilacionista isso faz completo sentido; afinal, ninguém vai desejar morrer para ter seu corpo morto no sepulcro. Quem morre, morre esperando o que vem *depois* disso: a ressurreição. É por isso que Paulo não queria ser "despido, mas revestido". No entanto, essa noção é totalmente ilógica dentro da ótica imortalista, a qual entende o estado de despido como sendo uma "alma no Céu". Quem não desejaria isso também? Quem não gostaria de estar imediatamente com o Senhor na glória? Mas Paulo diz que não queria isso, mas sim a ressurreição. É bastante nítido o contraste entre a visão paulina sobre a morte, e a visão imortalista sobre Paulo!

Se a condição de "despido", conforme os imortalistas dizem, se refere a uma condição consciente no Céu onde já estamos com Cristo em forma de espírito incorpóreo, Paulo iria desejar isso mais do que tudo, pois o maior

[69] Disponível em: http://solascriptura-tt.org/AntropologiaEHamartologia/ReflexoesImortalidadeAlma-AECosta.htm

desejo do cristão é estar com Cristo, independentemente se isso vai acontecer com ou sem um corpo. Seria muito estranho que o "despido" se relacionasse a um espírito com consciência e personalidade que vai para o Paraíso esperando a ressurreição, pois se fosse assim Paulo não acentuaria tanto que **não** desejava estar neste estado.

O fato de Paulo ter declarado tão enfaticamente que não queria ser despido põe por terra a teoria imortalista de que esse "despido" se refira a uma condição consciente no Céu em um estado intermediário. Seria o mesmo que Paulo estar dizendo: "Eu não quero estar no Céu com Cristo como espírito em um estado intermediário, mas sim ser revestido". Isso faz sentido? É claro que não. Para Paulo, não existia uma condição consciente no Céu sem o revestimento de um corpo.

Este estado entre a morte e a ressurreição não era de valor algum, mas o que ele queria mesmo era ser revestido (ressuscitar) em seguida. Joe Crews também observa isso nas seguintes palavras:

"Ele não está ansioso para o sono da morte (sendo 'despidos') quando ele não estaria com o Senhor, mas ele está esperando pela redenção do corpo quando ele ia ser revestido com a 'casa eterna nos céus'. Nesta vida ele estaria vestido com um corpo mortal, e depois a mortalidade seria 'absorvida pela vida', e ele teria um celestial corpo imortal. Mas tanto no tabernáculo terreno quanto no celestial ele continua a ter um corpo. Paulo não faz referência a uma alma separada do corpo. Ou ele possui um corpo neste planeta e está ausente do Senhor, ou ele possui um corpo redimido no Céu, e está presente com o Senhor"[70]

Paulo não diz que queria ser despido (para encontrar o Senhor na morte) e *também* revestido (para continuar com Ele na ressurreição). Em vez disso, ele diz que **não** queria ser despido, mas apenas revestido – o que transmite

[70] Disponível em: https://setimodia.wordpress.com/2008/12/16/livreto-o-que-a-biblia-diz-sobre-estar-ausente-do-corpo/

vividamente a ideia de que era na ressurreição, e não no estado intermediário, que Paulo esperava encontrar o Senhor.

Note ainda que Paulo diz que neste momento em que ele ansiava encontrar Cristo o mortal seria absorvido pela vida (v.4). Essa linguagem só aparece em um único lugar fora daqui, e adivinhem: no texto que fala da ressurreição! É no "ressoar da última trombeta" (1Co.15:52) que "os mortos ressuscitarão incorruptíveis" (1Co.15:52) e "a morte será tragada pela vitória" (1Co.15:54). A morte ser "tragada pela vitória" é a mesma coisa do mortal ser "absorvido pela vida". Em um a morte perde, no outro a vida vence. Trata-se de um único e mesmo acontecimento: a ressurreição na volta de Jesus.

Como bem reparou Joe Crews:

"O que se entende pelo termo 'despido'? **Repare que Paulo especificamente declara que ele não tinha vontade de estar nu ou despido. Podemos estar certos, então, que o estado despido não envolvia estar com o Senhor, uma vez que Paulo não deseja estar despido [e ele desejava estar com o Senhor]**. De fato, o apóstolo fez referência a estar vestido em apenas duas casas, a terrena e a celeste. No estado despido, ele não estava nem vestido com o corpo terreno e nem com o celeste. Isso deixa apenas uma explicação possível. Estar 'despido' ou 'nú' é a condição de morte que é o intervalo entre a dissolução da casa terrena e a entrada na celestial"[71]

A eisegese imortalista se vê sem saída, pois é forçada a afirmar que Paulo estava desejando estar com Cristo e ao mesmo tempo não queria estar com Cristo, uma vez que este "estar com Cristo" se referia a um estado de "despido", do qual Paulo expressava explicitamente que não queria estar!

Além disso, o notável paralelo entre 2ª Coríntios 5:1-5 e o texto de Romanos 8:22-23 nos mostra claramente que, de fato, apenas na ressurreição é que o desejo de Paulo se concretizaria:

[71] ibid.

"Mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (Romanos 8:22-23)

2ª Coríntios 5:1-5	Romanos 8:22-23
"Neste tabernáculo nós gememos" (v.4)	"Também gememos em nós mesmos" (v.23)
"O qual nos deu como penhor o Espírito" (v.5)	"Temos as primícias do Espírito" (v.23)
"Desejando ser revestido da nossa habitação, que é do Céu" (v.2)	"Aguardando a nossa adoção, a saber, a redenção do nosso corpo" (v.23)

É possível honestamente concluir que Paulo estava falando de dois eventos totalmente distintos, e que em 2ª Coríntios 5 estivesse se referindo à vida póstuma em forma de espírito ou alma incorpórea, enquanto usava **a mesma** linguagem em Romanos 8:22-23 para falar explicitamente da ressurreição? É lógico que não. A comparação deixa perfeitamente claro que o momento em que seremos "revestidos da nossa habitação que é do Céu" (2Co.6:2) é o mesmo momento em que teremos "a redenção do nosso corpo" (Rm.8:23) – ambos remetem não a um estado intermediário, mas à ressurreição dos mortos.

Mais uma vez, Joe Crews é certeiro:

"A comparação revela que este revestimento para o Céu tem lugar na 'redenção do corpo' (...) Em outras palavras, mesmo que a morte deva dissolver esse corpo mortal, Paulo torna muito claro que não seremos revestidos da nossa habitação que é do Céu até a vinda de Jesus e a redenção do corpo. Isto também é estabelecido por repetidas referências ao estado 'nu' ou 'despido'"[72]

É só depois de tudo isso que Paulo expressa seu desejo de deixar o corpo para habitar com o Senhor, texto este que os imortalistas fingem que caiu de paraquedas ali:

[72] ibid.

"Portanto, temos sempre confiança e sabemos que, enquanto estamos no corpo, estamos longe do Senhor. Porque vivemos por fé, e não pelo que vemos. Temos, pois, confiança e preferimos estar ausentes do corpo e habitar com o Senhor" (2ª Coríntios 5:6-8)

O verso 6 afirma que enquanto estamos no corpo, estamos longe do Senhor. Será que isso significa que em um estado incorpóreo estaremos com Ele? Diante de todo o contexto que vimos até aqui, qual é a resposta sensata? Diante do fato de que Paulo não queria estar despido, e de que desde o início o desejo dele em morrer era com o único propósito de ressuscitar na sequencia, qual resposta honesta deve ser dada? Obviamente, não a de que ele ansiava por estar com Cristo em um estado incorpóreo, que é algo que ele havia acabado de negar.

Para Paulo, estar ausente "do" corpo não era o mesmo que estar ausente "de" corpo. Paulo se ausentaria do corpo terreno corruptível, mas para alcançar no futuro o corpo celestial incorruptível, não para viver como uma alma incorpórea no Céu. Como vimos, a "vida" só existe em dois estados: neste corpo presente (o terreno) e no corpo futuro (o celestial). O sentido do verso é que *neste* corpo presente (o terreno) nós estamos longe do Senhor, porque perto do Senhor nós só estaremos de fato quando formos revestidos do corpo celestial. E é só depois de todas essas considerações que aparece o verso 8, onde Paulo expressa seu desejo em se ausentar do corpo para habitar com Cristo. Se ausentar do corpo significa morrer, e pelo contexto o "habitar com o Senhor" é quando Paulo seria "revestido" – na ressurreição.

As duas sentenças estão relacionadas porque não há qualquer lapso de tempo entre a morte e a ressurreição na perspectiva de quem já morreu. A sensação da passagem de tempo só é presente para quem ainda está vivo, e até mesmo entre os vivos há diferença nas sensações. Quando você acorda de uma noite de sono, não parece que já passou tanto tempo desde que você colocou a cabeça para dormir, a não ser que você tenha tido uma noite de insônia. Para quem morreu o contraste é ainda maior, porque a morte é apenas *metaforicamente* um sono. A alma não "dorme" literalmente, mas *morre*. Assim sendo, a

ressurreição vem em um piscar de olhos na perspectiva de quem já morreu, ainda que longos anos tenham se passado para quem ainda vive.

Martinho Lutero compreendia isso muito bem, pois disse:

"Repentinamente ressuscitaremos no último dia, sem conseguir compreender como morremos e como passamos pela morte"[73]

O pastor anglicano Hermes Fernandes discorre também:

"A morte é sucedida imediatamente pelo juízo (Hb.9.27). Não há hiato entre os dois eventos. Ao deixarmos essa vida, somos transportados ao Tribunal de Cristo, e à Sua presença imediata. Deixamos o tempo, e entramos em uma esfera atemporal, chamada também de eternidade. Não há estado intermediário entre a morte e a ressurreição, ou entre a morte e o juízo. Foi a doutrina do estado intermediário que proveu um terreno fértil para o surgimento de doutrinas como a do purgatório e da intercessão dos santos, que não possuem qualquer respaldo bíblico consistente. Não devemos esperar que ao morrermos sejamos levados ao Seio de Abraão, para ali esperarmos o momento da ressurreição"[74]

E mais:

"Para quem está vivo no mundo hoje, pode parecer que esse dia esteja num futuro remoto. Mas para quem deixa o mundo hoje, é como se esse dia chegasse imediatamente. Não há intervalo. É como se entrássemos numa máquina do tempo, e fôssemos arremessados em um futuro distante. Lá chegando, não apenas nos encontraremos com o Senhor nos ares, vindo em direção a Terra para julgar os vivos e os mortos, como também encontraremos todos os eleitos de Deus, de todas as eras. Dentre os que morreram em Cristo, ninguém vai chegar primeiro (...) Por isso Jesus disse que os amigos que

[73] WOLF, Manfred. *Mais uma pergunta, Dr. Lutero...: entrevista com o Reformador*. São Leopoldo: Sinodal, 2011, p. 92.
[74] Disponível em: http://www.hermesfernandes.com/2009/12/afinal-pra-onde-vamos-ao-morrer-parte-1.html

granjearmos aqui na terra, serão os mesmos que nos receberão 'nos tabernáculos eternos' (Lc.16.). Na verdade, nos recepcionaremos uns aos outros, pois chegaremos todos juntos. Há ordem de partida, mas não há ordem de chegada. Por vivermos confinados ao tempo e ao espaço, assistimos à partida de cada pessoa que deixa essa vida. Mas na eternidade não haverá ordem de chegada. Todos compareceremos diante do Trono de Deus concomitantemente"[75]

É por isso que Paulo desejava "partir e estar com Cristo" (Fp.1:23). Não era pela morte em si ("*não queremos ser despidos*"), mas pela ressurreição que vinha logo depois ("*mas revestidos*"). É este o momento em que estaremos com o Senhor. Uma vez que a morte era o caminho para a ressurreição, sim, Paulo desejava morrer, mas visando algo maior do que a morte em si. Como Azenilto Brito observa, "Paulo estava contemplando o além-túmulo, para além da ressurreição, àquele glorioso momento em que iria saudar a Jesus face a face e viver com Ele para sempre"[76].

Em suma, diante de todo o contexto, está claro que o desejo de Paulo em partir e estar com Cristo não se concretizaria em um estado intermediário despido de corpo, mas *na própria* ressurreição dos mortos. É por isso que ele só esperava receber sua coroa da justiça na volta de Jesus (2Tm.4:8), é por isso que o consolo dele aos parentes falecidos dos tessalonicenses baseava-se exclusivamente na esperança da ressurreição (1Ts.4:13-18), é por isso que para ele só haveria vida póstuma com a ressurreição (1Co.15:19), e é por isso que, "se os mortos não ressuscitam, então comamos e bebamos, porque amanhã morreremos" (1Co.15:32).

[75] Disponível em: http://www.hermesfernandes.com/2009/12/pra-onde-vamos-ao-morrer-parte-2.html
[76] Disponível em: http://www.c-224.com/Ausente.html

CAP. 15 – ENOQUE MORREU?

Se eu tivesse escrito este livro até pouco tempo atrás, não teria escrito este capítulo. Quase ninguém questionava o fato de que Enoque foi transladado vivo ao Céu e que, por isso, não passou pela morte. No entanto, tem crescido muito nos últimos tempos a teoria de que Enoque foi transportado a algum outro local da terra, onde viveu por mais algum tempo até morrer. Analisaremos os dois lados da moeda a fim de examinar se eles têm razão na crítica.

Linha 1	Linha 2
Enoque morreu	Enoque não morreu

A Linha 1 possui evidências bastante fortes de que Enoque não morreu. O texto que mais claramente indica isso é o que diz:

"E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus o tomou para si" (Gênesis 5:24)

Se Deus **tomou Enoque para si** (לָקַח אֹתוֹ), é porque Enoque está na presença dEle, e não que Deus tenha "matado" Enoque, ou o mandado para alguma região remota do planeta. A evidência de que Enoque não passou pela morte fica ainda mais forte quando comparamos a descrição a respeito dele com a descrição que é feita a respeito de todos os demais personagens citados no mesmo capítulo. A descrição feita sobre Adão, por exemplo, era a fórmula-padrão, que continha sempre: (a) a idade que viveu sobre a terra; (b) os filhos que gerou; (c) a morte.

"E foram os dias de Adão, depois que gerou a Sete, oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. E foram todos os dias que Adão viveu, novecentos e trinta anos, e morreu" (Gênesis 5:4-5)

Todos os outros citados no capítulo seguem o mesmo esquema, que inclui a morte, como podemos ver na tabela abaixo.

Personagem	Viveu	Depois
Adão	930 anos	Morreu
Sete	905 anos	Morreu
Enos	910 anos	Morreu
Cainã	830 anos	Morreu
Maalaleel	895 anos	Morreu
Jerede	962 anos	Morreu
Enoque	365 anos	Deus o tomou para si
Matusalém	969 anos	Morreu
Lameque	777 anos	Morreu

Dado o evidente contraste entre Enoque e os demais personagens bíblicos registrados no contexto, torna-se inevitável a conclusão de que, diferentemente de todos os outros, com ele ocorreu algo em especial: **ele não morreu!** O fato de Deus ter tomado Enoque para si foi considerado o oposto à morte. Além disso, há um detalhe que não deixa dúvidas de que Enoque foi para o Céu ao invés de ter sido lançado a outro lugar da terra:

"E andou Enoque com Deus, depois que gerou a Matusalém, trezentos anos, e gerou filhos e filhas. **E foram todos os dias de Enoque trezentos e sessenta e cinco anos**. E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou" (Gênesis 5:22-24)

Note que o texto diz claramente que 365 anos foram **todos** os dias de Enoque na terra. Se esse tempo de 365 anos foi o total de dias em que Enoque viveu, então é absurdo presumir que ele só foi transladado a outra parte do planeta para viver ali mais vários anos até morrer. Se este tivesse sido o caso, 365 não teria sido o total de anos da vida dele, mas apenas de uma parte da vida dele, e Enoque teria vivido muito mais depois disso. O escritor bíblico inspirado não teria dito que "todos os dias de Enoque" foram 365 anos, mas sim que depois de ter alcançado essa idade ele foi transportado a outra parte da terra, onde

viveu mais algum tempo. Portanto, a evidência parece bastante esmagadora para o lado de que Enoque não morreu.

Enoque só volta a ser mencionado na Bíblia em Hebreus, onde o autor declara:

"Pela fé Enoque foi trasladado para não ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara; visto como antes da sua trasladação alcançou testemunho de que agradara a Deus" (Hebreus 11:5)

Os advogados da Linha 1 contestam, afirmando que Filipe foi transladado para outro lugar da terra (At.8:39), e que o mesmo teria ocorrido com Enoque. Contudo, a diferença entre ambos os casos é imensa. Note com que naturalidade o escritor descreve o arrebatamento terreno de Filipe:

"E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou. E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho. E Filipe se achou em Azoto e, indo passando, anunciava o evangelho em todas as cidades, até que chegou a Cesareia" (Atos 8:38-40)

Ao que parece, a transladação de Filipe não foi digna de muita ênfase. O escritor simplesmente diz que Filipe foi arrebatado e apareceu em Azoto, onde continuou pregando o evangelho. O contraste com o arrebatamento de Enoque, cuja ênfase é incomparavelmente superior, já deveria ser o bastante para inferir que o arrebatamento de Enoque não foi para uma outra parte da terra, mas para o Céu. É isso o que explica tamanha discrepância entre um relato e outro.

Com Filipe, o arrebatamento foi apenas um detalhe mencionado de passagem. Com Enoque, o arrebatamento foi o foco da vida dele. Não é dito que Filipe "não viu a morte" em função de seu arrebatamento, mas com Enoque sim. Não é dito que Filipe "não foi achado", mas com Enoque sim. Não é dito que Filipe foi arrebatado por ter agradado a Deus, mas com Enoque sim. Claramente, o arrebatamento de Enoque é visto como uma espécie de recompensa inusitada

que o distinguia de todos os demais, o que só tem sentido se Deus de fato o tomou para si (Gn.5:24).

Os adeptos da Linha 1 argumentam que Deus transladou Enoque para outro lugar da terra porque ele estava sendo perseguido pelos ímpios da época, e então Deus teria salvado Enoque de ser assassinado, e seria essa a razão pela qual Enoque não viu a morte. O problema com essa teoria é que ela não tem a mínima base. Embora alguns usem um trecho de Judas, não há nada no trecho citado que diga que Enoque sofria algum sério risco de morte:

"E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos; para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade, que impiamente cometeram, e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele" (Judas 1:14-15)

Enoque não estava fazendo mais do que *todos* os profetas do Antigo Testamento faziam constantemente, predizendo o juízo de Deus contra os ímpios. Não há nada no texto que sugira que Enoque estava para ser assassinado por alguém. O livro de Jasar, que é citado duas vezes na Bíblia (2Sm.1:18; Js.10:13), descreve a vida de Enoque de uma forma totalmente oposta, onde Enoque não apenas pregava livremente, como também reinava sobre todos da época:

"E o espírito do Senhor estava sobre Enoque, e ele ensinou a todos os seus homens a sabedoria do Senhor e seus caminhos. E os filhos dos homens serviram ao Senhor todos os dias de Enoque, e eles vinham para ouvir sua sabedoria. E todos os reis dos filhos dos homens, primeiros e últimos, juntamente com os seus príncipes e juízes, vinham a Enoque quando ouviram falar da sua sabedoria, e eles curvavam-se a ele, e eles também exigiram de Enoque reinar sobre eles, e ele consentiu. E eles reuniram-se todos, cento e trinta reis e príncipes, e eles fizeram Enoque rei sobre eles e eles andaram todos sob seu comando e poder. E Enoque lhes ensinou sabedoria, conhecimento e os caminhos do Senhor; e ele trouxe paz entre eles, e a paz foi por toda a terra

durante a vida de Enoque. E Enoque reinou sobre os filhos dos homens, trezentos e quarenta e três anos, e ele fez Justiça, e justiça com todos os seus povos, e ele levou-os nos caminhos do Senhor"[77]

O mesmo livro diz ainda que Enoque foi arrebatado ao Céu, direto para a presença de Deus[78]. Semelhantemente, o livro apócrifo de Eclesiástico afirma que Enoque "foi transportado ao Paraíso, para excitar as nações à penitência"[79]. A ideia de que Enoque foi apenas transladado a uma outra parte da terra para ali viver por mais algum tempo e então morrer simplesmente **não existe** na literatura judaica, e é uma tese moderníssima.

Portanto, não há base nem bíblica e nem histórica para inferir que Enoque estivesse sendo "perseguido" e que por isso Deus tivesse precisado mandá-lo para outra parte do planeta, onde viveria isolado pelo resto de sua vida. Muitos profetas do Antigo Testamento foram severamente perseguidos neste sentido, mas Deus *nunca* os transladou a algum lugar isolado e remoto do planeta em função disso. Isso sequer tem sentido, pois ninguém é capaz de viver sozinho por tanto tempo, além de ser uma enorme crueldade para com Enoque, visto que o homem foi feito para viver em comunidade, em comunhão com as outras pessoas. Ninguém consegue viver absolutamente sozinho, para o resto da vida. Deus fez o homem para viver em sociedade, não em isolamento.

Por fim, os proponentes da Linha 1 argumentam que o autor de Hebreus, após citar Enoque junto a vários outros personagens bíblicos de renome, disse que "todos estes morreram", o que seria a prova de que Enoque morreu:

"Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra" (Hebreus 11:13)

No entanto, à luz de todas as evidências esmagadoras de que Enoque não morreu, este texto deve ser entendido sob a ótica da generalização. Isto é, pelo

[77] Livro de Jasar, 3:8-12.
[78] Livro de Jasar, 4:2.
[79] Eclesiástico 44:16.

fato de que todos os outros citados morreram, o autor usou o "todos", e Enoque é apenas uma exceção à regra geral. Casos assim não são incomuns na Bíblia. Marcos diz que alguns discípulos se incomodaram com o "desperdício de perfume" (Mc.14:4), mas João afirma que quem reclamou foi apenas *um* dos discípulos, Judas (Jo.12:4-6). Quando o diabo levou Jesus a um monte muito alto, lhe mostrou "todos os reinos da terra" (Mt.4:8), mas é claro que não se podia ver literalmente todos os reinos do mundo nem mesmo do monte mais alto do planeta. Jesus viu *muitos* reinos, e o autor generalizou com o *todos.*

Em Mateus 26:31, Jesus disse que *todos* os discípulos o abandonariam. No entanto, houve um discípulo, João, que o seguiu até o pé da cruz (Jo.19:26). Se há ocasiões em que efetivamente o "todos" não se aplica a literalmente todos, mas a uma grande maioria dos mencionados, então Hebreus 11:13 pode perfeitamente se aplicar ao caso, ainda mais com tantas evidências de que, realmente, Enoque não passou pela morte. O foco sequer estava centrado no fato de terem morrido ou não, mas sim no fato de terem morrido *na fé.* Enoque não morreu, mas quando foi arrebatado e deixou este mundo certamente esteve na fé, assim como todos os demais (que morreram). Portanto, o mais plausível é que Enoque, realmente, foi tomado para a presença de Deus (Gn.5:24), de forma que não viu a morte (Hb.11:5).

CAP. 16 – A IGREJA É A COLUNA E SUSTENTÁCULO DA VERDADE?

Sim, é claro que é. A Bíblia ensina explicitamente isso em 1ª Timóteo 3:15, que diz:

"Mas, se eu demorar, saiba como as pessoas devem comportar-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade" (1ª Timóteo 3:15)

O que será discutido aqui é que *aplicação* que este fato tem na prática. Isso porque atualmente apologistas católicos têm distorcido gritantemente este verso na tentativa de propor que a Igreja deles é a *detentora da verdade,* no sentido de que ela pode manipular a verdade a seu bel prazer, e que supostamente era isso que o apóstolo Paulo estava ensinando em 1ª Timóteo 3:15 – na prática, algo como a infalibilidade da Igreja de Roma!

Linha 1	Linha 2
A Igreja é a proclamadora da verdade	A Igreja é a detentora da verdade

O primeiro crime exegético praticado pelos militantes papistas é a suposição de que o termo *ekklesia* em 1ª Timóteo 3:15 fosse uma referência à Igreja Romana. Ironicamente, o católico não tem absolutamente argumento nenhum que prove isso no contexto. Ele simplesmente infere isso, e toma como verdade *a priori.* Em outras palavras, ao invés dele provar exegeticamente que o termo "Igreja" neste texto seja uma referência específica à Igreja Romana, ele já parte automaticamente da premissa de que é a Igreja Romana, e com base nisso prossegue a formulação do argumento. Chega a ser ridículo.

Paulo jamais esteve se referindo à Igreja de Roma em particular, em 1ª Timóteo 3:15. Ele escreveu uma epístola inteira aos romanos, mas não disse nada disso a eles. Em vez disso, o que ele afirmou aos romanos foi uma clara e enfática

declaração de que eles poderiam cair e ser cortados do Reino, assim como o Israel incrédulo foi:

"Se alguns ramos foram cortados, e você, sendo oliveira brava, foi enxertado entre os outros e agora participa da seiva que vem da raiz da oliveira, não se glorie contra esses ramos. Se o fizer, **saiba que não é você quem sustenta a raiz, mas a raiz a você**. Então você dirá: 'Os ramos foram cortados, para que eu fosse enxertado'. Está certo. Eles, porém, foram cortados devido à incredulidade, e você permanece pela fé. **Não se orgulhe, mas tema. Pois se Deus não poupou os ramos naturais, também não poupará você**. Portanto, considere a bondade e a severidade de Deus: severidade para com aqueles que caíram, mas bondade para com você, desde que permaneça na bondade dele. **De outra forma, você também será cortado**" (Romanos 11:17-22)

Não se orgulhe, mas tema!

Mas temer o que, se eles já eram "infalíveis" e os romanos "não podem errar na fé"? Fica claro que Paulo não tinha a mínima ideia de infalibilidade para a igreja de Roma, nem para igreja nenhuma. **Eram todas falíveis, pecadoras, sujeitas ao erro e à repreensão**. É por isso que o significado primordial de *ekklesia,* aquela que as portas do inferno não prevalecerão (Mt.16:18), não tem nada a ver com uma comunidade cristã visível em particular (como Roma), mas com o conjunto de todos os crentes verdadeiros e regenerados, onde quer que eles estejam.

De acordo com a Concordância de Strong:

1577 εκκλησια ekklesia

de um composto de 1537e um derivado de 2564; TDNT - 3:501,394; n f

1) reunião de cidadãos chamados para fora de seus lares para algum lugar público, assembléia.

1a) assembléia do povo reunida em lugar público com o fim de deliberar.

1b) assembléia dos israelitas.

1c) qualquer ajuntamento ou multidão de homens reunidos por acaso, tumultuosamente.
1d) num sentido cristão:
1d1) assembléia de Cristãos reunidos para adorar em um encontro religioso;
1d2) grupo de cristãos, ou daqueles que, na esperança da salvação eterna em Jesus Cristo, observam seus próprios ritos religiosos, mantêm seus próprios encontros espirituais, e administram seus próprios assuntos, de acordo com os regulamentos prescritos para o corpo por amor à ordem.
1d3) aqueles que em qualquer lugar, numa cidade, vila, etc, constituem um grupo e estão; unidos em um só corpo.
1d4) **totalidade dos cristãos dispersos por todo o mundo**.

Onde quer que haja "dois ou três reunidos em Meu nome" (Mt.18:20), ali está a *ekklesia,* ali está Jesus. A Igreja não consiste essencialmente em instituições religiosas ou em placas denominacionais, mas em *pessoas.* É por isso que Paulo costumava dizer que a igreja estava em uma casa; não porque a casa em si fosse a "Igreja de Cristo", mas porque naquela casa se reuniam os cristãos sinceros:

"As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor áqüila e Priscila, **com a igreja que está em sua casa**" (1ª Coríntios 16:16)

"E à nossa amada Áfia, e a Arquipo, nosso camarada, e **à igreja que está em tua casa**" (Filemom 1:2)

"Saudai aos irmãos que estão em Laodicéia e a Ninfa e **à igreja que está em sua casa**" (Colossenses 4:15)

"Saudai a Priscila e a Áqüila, meus cooperadores em Cristo Jesus, Os quais pela minha vida expuseram as suas cabeças; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios. Saudai também **a igreja que está em sua casa**" (Romanos 16:3-5)

É claro que quando Paulo diz que a igreja se reúne na casa de alguém ele não estava falando que a "Igreja Católica Romana" estava naquela casa. Este não era o sentido de *ekklesia* que Paulo usava. Os romanistas incorrem em gravíssimo erro de anacronismo quando tomam o sentido usual papista dos dias de hoje sobre o significado de "Igreja" e tentam injetá-lo para dentro dos textos bíblicos, que estão falando de coisa totalmente diferente. Vale ressaltar que para os católicos ortodoxos orientais o termo "Igreja" se refere não à Igreja Romana, mas à Igreja Ortodoxa – e esta briga continua há mil anos, sem ninguém chegar à conclusão alguma.

Mas o pior não é o erro de anacronismo em si, o que já é absolutamente comum vindo dos apologistas católicos, mas especialmente, neste caso, da *interpretação* que eles fazem em cima disso, particularmente em 1ª Timóteo 3:15. Mesmo se concordássemos com a absurda e sofismável tese de que a Igreja ali se refere à Igreja Romana dos dias atuais, ainda assim isso não implicaria de forma alguma que qualquer coisa que a Igreja fizesse seria correta "porque a Igreja fez". Os papistas usam de forma completamente inapropriada e descabida o termo "coluna e sustentáculo da verdade", querendo passar a ideia de que isso significa que a Igreja (Romana) é a **detentora** da verdade, e que isso significa que necessariamente qualquer coisa que ela faça será sempre a verdade.

Em outras palavras, para o papista, este texto é um passe-livre para toda e qualquer manipulação da verdade que a Igreja de Roma tenha feito ao longo de toda a sua história, porque, para eles, qualquer coisa que a Igreja faz é sempre correto, usando como justificativa o argumento circular de que "a Igreja fez". Por este prisma, se a Igreja lançou mão de inquisições, cruzadas, venda de indulgências e de relíquias sagradas, se distorceu a Bíblia e inventou dogmas novos, ela está sempre certa em fazer todas estas coisas, porque, afinal, ela é a "coluna e sustentáculo da verdade", e portanto a verdade é dependente da Igreja (e não o contrário).

Essa é a razão pela qual repetidamente surgem psicopatas tentando defender moralmente a inquisição, como se fosse certo ter torturado, queimado e

assassinado "hereges", porque eles pensam que tem que "defender a Igreja" a todo tempo, e a qualquer custo. A Igreja tem que estar sempre certa. Por causa disso, os apologistas católicos se lançam a uma árdua tarefa de revisionismo histórico e de cauterização moral, para tentar justificar atos terríveis e abomináveis com argumentos do tipo – "queimar um herege foi bom, porque se o herege não tivesse sido morto ele iria corromper a fé de muita gente, desviando essas pessoas da fé católica".

Este tipo de argumento – e outros piores – tem se tornado cada vez mais comum na militância católica, especialmente nos católicos "tridentinos". Mas a raiz do problema é justamente a infalibilidade da Igreja: a partir do momento em que você pensa que a sua Igreja está sempre certa, independentemente do que possa ter feito, você automaticamente irá buscar justificativa e moralização para tudo, nem que para isso seja necessário manipular os dados históricos criminosamente, ou apresentar um senso moral desprezível. É lógico que o apóstolo Paulo não estava pensando em nada disso quando disse que a Igreja é a coluna e sustentáculo da verdade. Ele não estava falando da Igreja Romana, e muito menos estava condicionando a verdade à Igreja.

Coluna é uma coisa completamente diferente de fundamento. O papista que argumenta que a verdade está sujeita à Igreja mostra que não entende nada sobre o significado de "Igreja" e menos ainda de "coluna". **A coluna não é um fundamento, mas está edificada sobre o fundamento!** Paulo usou aqui duas palavras gregas, uma chamada *hedraioma*, que significa "suporte, apoio, escora"[80]. A outra foi *stulos*, que significa "pilar ou coluna"[81]. Como vemos, nenhuma delas tem o sentido de "fundamento" (como vertem algumas traduções católicas adulteradas), mas de algo que está **sobre** o fundamento.

Assim sendo, o sentido do texto não é o de que a verdade está sujeita ou dependente da Igreja, ***mas o contrário***. Assim como a coluna é dependente do fundamento, a Igreja é dependente da verdade. O fundamento (verdade) vem antes, e a coluna (Igreja) vem depois. A Igreja, portanto, tem o papel de

[80] De acordo com a Concordância de Strong, 1477.
[81] De acordo com a Concordância de Strong, 4769.

anunciar esta verdade, e não de *manipular* essa verdade, como se qualquer coisa que a Igreja dissesse fosse verdade pela única razão de que a Igreja disse.

Para elucidar a questão, vamos a um texto onde o mesmo apóstolo Paulo usa a mesma palavra grega *stulos* (coluna), ao dizer:

"Reconhecendo a graça que me fora concedida, Tiago, Pedro e João, tidos como **colunas** [*stulos*], estenderam a mão direita a mim e a Barnabé em sinal de comunhão" (Gálatas 2:9)

Tiago, Pedro e João obviamente não estavam "acima da verdade", muito menos acima da Igreja como um todo. Isso também não significa que a Igreja não existiria sem eles. Eles eram apenas "colunas" que se destacavam dentre as demais. Se Pedro estivesse acima da verdade por ser coluna, ele não poderia ter sido repreendido por Paulo (Gl.2:11-14), ou ter negado Jesus (Jo.18:27). Ser uma coluna não garante pregar sempre a verdade, e *muito menos* estar acima da verdade.

Os apóstolos, assim como os cristãos nos dias de hoje (Igreja), tinham a função de pregar essa verdade, pois são colunas dela. Se os cristãos não pregarem a verdade, o mundo não a ouvirá, e, consequentemente, não crerá no evangelho. É por isso e é neste sentido que a Igreja é a coluna da verdade, pois ela tem a obrigação de proclamar a verdade das Escrituras e manter a verdade tal como ela é.

Sem observar este fato, alguns papistas mais insolentes chegam a demonstrar total desprezo com a Bíblia, dizendo coisas do tipo – "é a Igreja [Romana], e não a Bíblia, a coluna e sustentáculo da verdade" – como se a verdade tivesse que ser extraída da boca do papa, ao invés das Escrituras. Eles só não entenderam ainda que, enquanto a Igreja é a ***coluna*** da verdade (algo inferior à verdade, que tem a supremacia), a Bíblia é ***a própria verdade***, pois Jesus disse:

"Santifica-os na verdade; **a Tua Palavra é a verdade**" (João 17:17)

Pedro disse o mesmo:

"Purificando as vossas almas pelo Espírito na obediência à **verdade**, para o amor fraternal, não fingido; amai-vos ardentemente uns aos outros com um coração puro; sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, **pela Palavra de Deus**, viva, e que permanece para sempre" (1ª Pedro 1.22-23)

Antes que algum papista diga que a verdade é a tradição e não a Bíblia, cabe ressaltar que foi o próprio Senhor Jesus que fez distinção entre uma coisa e outra, ao dizer que os judeus abandonavam a Palavra (referindo-se às Escrituras) por causa das suas tradições:

Mateus 15:6 – Assim vocês anulam a palavra de Deus por causa da tradição de vocês.

Marcos 7:3 – Assim vocês anulam a palavra de Deus, por meio da tradição que vocês mesmos transmitiram. E fazem muitas coisas como essa.

Essa **Palavra de Deus**, que Jesus disse que os fariseus anulavam, e que estava em oposição à tradição, nada mais era senão as Escrituras, de onde ele cita Isaías e os mandamentos de Deus:

Marcos 7:6-7 – Bem profetizou Isaías acerca de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, Mas o seu coração está longe de mim; em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

Marcos 7:8 – Vocês negligenciam os mandamentos de Deus e se apegam às tradições dos homens.

Marcos 7:9 – Vocês estão sempre encontrando uma boa maneira para pôr de lado os mandamentos de Deus, a fim de obedecer às suas tradições!

Mateus 5:13 – E por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da tradição de vocês?

Os Pais da Igreja concordavam sobre isso também. Agostinho disse que a Bíblia é a "Palavra escrita de Deus"[82], e Ambrósio, seu tutor na fé, disse que a Palavra de Deus é o que está **escrito**:

"Os incrédulos se recusam a acreditar na **Palavra de Deus**. Pois o Filho de Deus, como você encontrará **escrito** no **Evangelho**, disse: 'Pai, glorifica o teu nome. Então veio uma voz do céu que dizia: Já o tenho glorificado, e outra vez o glorificarei' (Jo.12:28)"[83]

"Eles não acreditam na Sua eternidade, apesar de na **Palavra de Deus** estar **escrito**: 'No princípio era o Verbo' (Jo.1:1)"[84]

Em síntese, a Palavra de Deus, seja a Palavra escrita (Escrituras) ou a Palavra revelada (Jesus), é **a própria verdade**. Estes sim não podem falhar, e a estes tudo está sujeito, inclusive a Igreja, que não é um "fundamento" da verdade, mas uma *coluna*, algo que *está sobre*, e não que *coloca sobre si* a verdade. A Bíblia realmente não é a coluna da verdade, porque ela é *muito mais* que uma coluna. Ela não é como uma coluna (que depende de algo), mas o fundamento, a própria verdade. Todos os verdadeiros cristãos (=a Igreja), por sua vez, são *colunas* da verdade, pois a eles cabe a obrigação de anunciar e proclamar esta verdade ao mundo. Afinal, se nós não proclamarmos a verdade do evangelho, o mundo não a ouvirá, e se não ouvir, não crerá (Rm.10:14). É daí que vem a famosa declaração de Agostinho – "Eu não creria no evangelho, se não fosse a autoridade da Igreja"[85].

[82] Letter 77, 1.
[83] Exposição da Fé Cristã, Livro II, Capítulo 15.
[84] Exposição da Fé Cristã, Livro III, Capítulo 8.
[85] Eu disponibilizei em meu blog um excelente artigo de João Calvino a este respeito, disponível em: http://heresiascatolicas.blogspot.com.br/2014/01/agostinho-eu-nao-creria-no-evangelho-se.html

CAP. 17 – A PROIBIÇÃO AO HOMOSSEXUALISMO EM LEVÍTIVO 18:22 JÁ CHEGOU AO FIM?

Levítico 18:22 afirma:

"Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante" (Levítico 18:22)

Para alguns teólogos liberais, este verso não se aplica mais aos dias de hoje, porque faz parte do conjunto de leis do Antigo Testamento, que já chegou ao fim. Eles colocam essa lei no mesmo grupo de leis que caíram, como a proibição a cortar parte da barba (Lv.19:27), a circuncisão (Lv.12:3) e outras leis mosaicas que os cristãos em geral concordam que chegaram ao fim na cruz. Cristãos ortodoxos discordam, sustentando que nem tudo na lei não se aplica mais aos dias de hoje, e que esta seria uma das partes que não caiu.

Linha 1	Linha 2
Levítico 18:22 ainda se aplica aos dias de hoje	Levítico 18:22 não se aplica mais aos dias de hoje

Duas coisas devem ser observadas aqui, que nos ajudam a estabelecer certos parâmetros. Primeiro, que há praticamente um consenso de que os cristãos (especialmente gentios) não precisam guardar toda a lei mosaica. Segundo, há também certo consenso de que nem *tudo* que está na lei já "caiu", pois há coisas que permanecem válidas até hoje. A tarefa do teólogo é justamente estabelecer os parâmetros mais exatos, delimitando com mais precisão o que é que *foi,* e o que é que *ficou*. Mas que certas coisas se foram e que outras ficaram, isso quase ninguém discute.

O Novo Testamento é bastante claro em estabelecer que a lei da antiga aliança deu lugar à graça, na nova aliança. E isso certamente implica que algumas coisas caíram, senão ainda estaríamos no velho regime da lei mosaica:

• "Antes que viesse esta fé, estávamos sob a custódia da lei, nela encerrados, até que a fé que haveria de vir fosse revelada. Assim, a lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor" (Gálatas 3:23-25).

• "Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas" (Romanos 3:21)

• "Se os que vivem pela lei são herdeiros, a fé não tem valor, e a promessa é inútil" (Romanos 4:14),

• "Pois o pecado não os dominará, porque vocês não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça" (Romanos 6:14)

• "Assim, meus irmãos, vocês também morreram para a lei, por meio do corpo de Cristo" (Romanos 7:4)

• "Porque o fim da lei é Cristo, para a justificação de todo o que crê" (Romanos 10:4)

• "Fomos libertados da lei, para que sirvamos conforme o novo modo do Espírito, e não segundo a velha forma da lei escrita" (Romanos 7:6)

• "Eu mesmo não estou debaixo da lei" (1ª Coríntios 9:20)

• "Por meio da lei eu morri para a lei, a fim de viver para Deus" (Gálatas 2:19)

• "Os que são pela prática da lei estão debaixo de maldição" (Gálatas 3:10)

• "Se vocês são guiados pelo Espírito, não estão debaixo da lei" (Gálatas.5:18)

• "Cristo anulou em seu corpo a lei dos mandamentos expressa em ordenanças" (Efésios 2:15)

Estes textos parecem perfeitamente claros. Não é possível alguém honestamente dizer que ainda estamos debaixo da antiga lei, tendo que seguir rigorosamente a cada um dos 613 preceitos mosaicos observados pelos judeus ortodoxos. No entanto, há outras evidências igualmente claras de que nem tudo na lei passou. Por exemplo:

• "Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir" (Mateus 5:17)

• "Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra" (Mateus 5:18)

• "Pois quem obedece a toda a Lei, mas tropeça em apenas um ponto, torna-se culpado de quebrá-la inteiramente. Pois aquele que disse: 'Não adulterarás', também disse: 'Não matarás'. Se você não comete adultério, mas comete assassinato, torna-se transgressor da Lei" (Tiago 2:10-11)

• "Quando Jesus ia saindo, um homem correu em sua direção, pôs-se de joelhos diante dele e lhe perguntou: 'Bom mestre, que farei para herdar a vida eterna?' Respondeu-lhe Jesus: Por que você me chama bom? Ninguém é bom, a não ser um, que é Deus. Você conhece os mandamentos: 'não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não enganarás ninguém, honra teu pai e tua mãe'" (Marcos 10:17-19)

• "Anulamos então a lei pela fé? De maneira nenhuma! Pelo contrário, confirmamos a lei" (Romanos 3:31)

Então também parece bastante claro que há pelo menos certos preceitos na lei que não chegaram ao fim. Mas como resolver este dilema, que tem tudo a ver com a discussão sobre a permanência ou não de Levítico 18:22? Alguns teólogos tentam resolver este problema de forma simplista: os dez mandamentos ficam, e o resto vai embora. Mas, longe de entrar no âmbito da

discussão se todos os dez mandamentos ainda permanecem em vigência ou não, isso não parece resolver o problema. Isso porque em certa ocasião Jesus afirmou que os maiores mandamentos da lei eram dois que não faziam parte dos dez:

"Certa ocasião, um perito na lei levantou-se para pôr Jesus à prova e lhe perguntou: 'Mestre, o que preciso fazer para herdar a vida eterna?' 'O que está escrito na Lei?', respondeu Jesus. 'Como você a lê?' Ele respondeu: 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento' e 'Ame o seu próximo como a si mesmo'. Disse Jesus: 'Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá'" (Lucas 10:25-28)

Amar a Deus e ao próximo fazia parte da lei, mas não constava explicitamente na lista dos dez mandamentos descrita em Êxodo 20:1-17. Amar a Deus de todo o coração, alma e entendimento está presente em Deuteronômio 6:5, e amar ao próximo como a si mesmo está em Levítico 19:18. No entanto, Jesus os considerou superiores a qualquer um dos dez mandamentos formalmente descritos em Êxodo 20:1-17. Além disso, o Concílio de Jerusalém, em Atos 15, trouxe da lei mosaica alguns princípios que deveriam ser mantidos para os gentios, e nenhum deles tinha a ver com os dez mandamentos (embora os mandamentos pudessem estar implícitos, mas certamente não se *limitava* a eles).

Portanto, a distinção que eu creio ser mais válida para determinar o que permanece e o que não permanece na nova aliança não é se faz parte ou se não faz parte dos dez mandamentos, mas se faz parte ou se não faz parte da *lei moral,* que é bem mais ampla. Isso significa que Jesus e os apóstolos trouxeram da antiga para a nova aliança os *princípios morais* da lei, e deixaram de fora os preceitos cerimoniais (entre eles o da barba, da circuncisão, etc). A grande questão aqui é: Levítico 18:22 se situa dentro do contexto de princípios *morais* da lei, ou não?

Não é preciso fazer muito esforço para descobrir isso. Basicamente, basta ler o texto em sua unidade.

Levítico 18

6 Ninguém poderá se aproximar de uma parenta próxima para se envolver sexualmente com ela. Eu sou o Senhor.

7 "Não desonre o seu pai, envolvendo-se sexualmente com a sua mãe. Ela é sua mãe; não se envolva sexualmente com ela.

8 "Não se envolva sexualmente com a mulher do seu pai; isso desonraria seu pai.

9 "Não se envolva sexualmente com a sua irmã, filha do seu pai ou da sua mãe, tenha ela nascido na mesma casa ou em outro lugar.

10 "Não se envolva sexualmente com a filha do seu filho ou com a filha da sua filha; isso desonraria você.

11 "Não se envolva sexualmente com a filha da mulher do seu pai, gerada por seu pai; ela é sua irmã.

12 "Não se envolva sexualmente com a irmã do seu pai; ela é parenta próxima do seu pai.

13 "Não se envolva sexualmente com a irmã da sua mãe; ela é parenta próxima da sua mãe.

14 "Não desonre o irmão do seu pai aproximando-se da sua mulher para com ela se envolver sexualmente; ela é sua tia.

15 "Não se envolva sexualmente com a sua nora. Ela é mulher do seu filho; não se envolva sexualmente com ela.

16 "Não se envolva sexualmente com a mulher do seu irmão; isso desonraria seu irmão.

17 "Não se envolva sexualmente com uma mulher e sua filha. Não se envolva sexualmente com a filha do seu filho ou com a filha da sua filha; são parentes próximos. É perversidade.

18 "Não tome por mulher a irmã da sua mulher, tornando-a rival, envolvendo-se sexualmente com ela, estando a sua mulher ainda viva.

19 "Não se aproxime de uma mulher para se envolver sexualmente com ela quando ela estiver na impureza da sua menstruação.

20 "Não se deite com a mulher do seu próximo, contaminando-se com ela.

21 "Não entregue os seus filhos para serem sacrificados a Moloque. Não profanem o nome do seu Deus. Eu sou o Senhor.

22 "Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante.
23 "Não tenha relações sexuais com um animal, contaminando-se com ele. Mulher nenhuma se porá diante de um animal para ajuntar-se com ele; é depravação.
24 "Não se contaminem com nenhuma dessas coisas, porque assim se contaminaram as nações que vou expulsar da presença de vocês.

Note como é claro que, diante do contexto, Levítico 18:22 faz parte do conjunto de leis morais que permanecem em vigência até hoje. Este é o contexto que trata da questão da **imoralidade sexual** na Bíblia, e ter relação com alguém do mesmo sexo é considerado pecado tanto quanto o incesto ou a zoofilia[86]. Quando Jesus falava contra a imoralidade sexual (por exemplo, em Mateus 15:19) ele não estava falando de um conjunto de leis fantasmas ou totalmente subjetivas, que vai da cabeça de cada um. Não. Ele estava se referindo justamente àquilo que aquele povo judeu a quem ele se dirigia considerava "imoral", e o único capítulo que tratava especificamente sobre a temática da imoralidade sexual era justamente Levítico 18, que inclui explicitamente o homossexualismo.

Portanto, Jesus condenou o homossexualismo por inferência. Da mesma forma que ninguém precisa hoje citar letra por letra do alfabeto quando quer se referir a todas elas (basta dizer "o alfabeto" que já estará incluindo todas elas), Jesus também não precisou combater cada pecado de imoralidade sexual especificamente, porque o próprio termo "imoralidade sexual" já incluía todos eles. Nem Jesus e nem os apóstolos condenaram explicitamente a zoofilia (sexo com animais), mas sabemos que isto é imoral e pecaminoso porque foi condenado em Levítico 18:23 – exatamente um versículo depois da condenação expressa ao homossexualismo!

O apóstolo Paulo também concordava que Levítico 18 era um capítulo de princípios morais que ainda permanecia em vigência, porque ele condenou

[86] Embora a gravidade ou nível de cada pecado varie de caso a caso, é indiscutível que todos eles são pecados em alguma instância.

severamente um membro da igreja de Corinto que estava tendo relações sexuais com sua madrasta, o que é explicitamente proibido em Levítico 18:7, embora Jesus nunca tenha falado *especificamente* contra este tipo de pecado. A lógica é a seguinte: a lei moral do Antigo Testamento prescrevia os tipos de imoralidade sexual (em Lv.18); Jesus, ao invés de condenar esta lei, a reiterou, também condenando o pecado de imoralidade sexual; portanto, os pecados de imoralidade sexual descritos em Levítico 18 continuam sendo pecados.

A prova mais forte de que os discípulos consideraram este capítulo de Levítico como sendo válido no tempo da graça foi a decisão tomada por eles no Concílio de Jerusalém, que se reuniu exatamente para tratar esta questão: o que o cristão gentio ainda é obrigado a seguir da lei? Eles poderiam ter deixado de fora a parte de Levítico 18 (que aborda o que é considerado imoralidade sexual), mas fizeram questão de incluir isso na lista de coisas que permanecem em vigência até hoje:

"Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não impor a vocês nada além das seguintes exigências necessárias: Abster-se de comida sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados **e da imoralidade sexual**. Vocês farão bem em evitar essas coisas. Que tudo lhes vá bem" (Atos 15:28-29)

Contra aqueles que queriam que os gentios guardassem toda a lei, os apóstolos decidiram que somente alguns aspectos continuavam valendo, e entre estes aspectos eles **mantiveram a questão da imoralidade sexual**. E a questão da imoralidade é tratada especificamente em Levítico 18, que inclui o homossexualismo na lista de práticas consideradas pecaminosas. Portanto, é inevitável a conclusão lógica de que Levítico 18:22 permanece válido no tempo da nova aliança, uma vez que é um preceito moral e não um meramente cerimonial.

Como se isso não bastasse, Paulo ainda é bem específico em condenar a prática homossexual, considerando-a pecaminosa. Ele fez isso, por exemplo, em Romanos 1:25-27, que diz:

"Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém. Por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas. Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras, contrárias à natureza. Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão" (Romanos 1:25-27)

Embora alguns teólogos liberais de linha esquerdista cheguem ao cúmulo de dizer que Paulo não estava condenando o homossexualismo aqui, mas apenas os heterossexuais que quisessem ter relações homossexuais, isso não faz sentido nenhum. Não há nenhuma razão pela qual um heterossexual teria relações com alguém do mesmo sexo, por quem ele não sente atração nenhuma. Paulo está claramente considerando a prática homossexual como sendo antinatural e uma "paixão vergonhosa". Dizer que aqui ele estava condenando apenas práticas homossexuais praticadas por héteros, além de ser algo totalmente irracional e sem sentido, é um flagrante exemplo de *eisegese.* Na verdade, como alguns não conseguem suportar a clareza e objetividade do texto, tentam fazer malabarismos para negar o óbvio daquilo que o texto diz categoricamente.

Mas esta não foi a única ocasião em que Paulo condenou a prática homossexual. Ele usou várias vezes a palavra "sodomita", que se relacionava às pessoas que mantinham relação com gente do mesmo sexo, como algo pecaminoso que poderia levar à perdição eterna. Além disso, ele considerou igualmente pecaminosos os "efeminados":

"Sabendo isto, que a lei não é feita para o justo, mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreligiosos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os devassos, **para os sodomitas**, para os roubadores de homens, para os mentirosos, para os perjuros, e para o que for contrário à sã doutrina" (1ª Timóteo 1:9-10)

"Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, **nem os efeminados, nem os sodomitas**, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus" (1ª Coríntios 6:9-10)

A palavra traduzida nestes textos por "sodomitas" é, no grego, *arsenokoites,* que, de acordo com a Concordância de Strong, significa:

733 αρσενοκοιτης arsenokoites

de 730 e 2845; n m

1) alguém que se deita com homem e com mulher, sodomita, **homossexual**.

O Helps Word-Studies define *arsenokoites* como sendo "um homem que vai para cama com outro homem – um homossexual"[87]. O Thayer's Greek Lexicon afirma que diz respeito "àquele que se deita com outro homem, como se fosse uma mulher"[88]. O léxico de Strong diz que é "um homem envolvido em atividade sexual com alguém do mesmo sexo"[89]. Não conheço nenhum léxico do grego que dê um significado contrário, ausentando o homossexualismo do conceito de *arsenokoites.*

Já a outra palavra, traduzida por "efeminados", no grego é *malakos,* que, de acordo com a Concordância de Strong, significa:

3120 μαλακος malakos

de afinidade incerta; adj

1) mole, macio para tocar.

2) metáf. num mal sentido.

2a) afeminado.

2a1) de um catamito.

2a2) de um rapaz que mantém relações homossexuais com um homem.

2a3) de um homem que submete o seu corpo a lascívia não natural.

[87] Disponível em: http://biblehub.com/greek/733.htm
[88] ibid.
[89] ibid.

2a4) de um homem que se prostitui.

O NAS Exhaustive Concordance define como sendo "um efeminado"[90], e o Thayer's Greek Lexicon diz que se refere a "um efeminado, um sodomita, um homem que submete seu corpo a luxúria antinatural"[91]. Novamente, não conheço nenhum léxico do grego que retire a prática homossexual da lista de concepções inclusas no conceito de *malakos.* Está perfeitamente claro que Paulo condenou a prática homossexual, ao ponto de buscar dois termos sinônimos para reiterar o quão pecaminosa que a prática é!

Por mais que os militantes gays insistam que essas palavras não têm nada a ver com o homossexualismo (sempre sem citar léxico de grego nenhum, mas apenas a palavra deles), é bastante conhecido que tanto *arsenokoites* quanto *malakos* eram termos usados no mundo grego da época para se referir a homossexuais, o que significa que qualquer pessoa da época que recebesse a carta de Paulo e o lesse condenando o que essas duas palavras expressam seria levado imediatamente a pensar que o apóstolo estava realmente considerando pecado a prática homossexual, tanto quanto nos dias de hoje usamos a palavra "gay" para se referir a um "sodomita", e sabemos bem o que significa. Paulo jamais teria usado duas palavras que na época implicavam em homossexualismo se ele pensasse que não havia pecado nenhum em ter um relacionamento homossexual.

[90] Disponível em: http://biblehub.com/greek/3120.htm
[91] ibid.

CAP. 18 – JOÃO BATISTA ERA A REENCARNAÇÃO DE ELIAS?

Em Mateus 11:14, Jesus afirma aos seus discípulos sobre João Batista:

"E se vocês quiserem aceitar, este é o Elias que havia de vir" (Mateus 11:14)

Os espíritas ensinam, a partir deste texto, que João Batista era a reencarnação de Elias, e os evangélicos e católicos discordam.

Linha 1	Linha 2
João Batista era a reencarnação de Elias	João Batista era o cumprimento profético sobre Elias

Há várias razões pelas quais João Batista definitivamente **não pode** ter sido uma reencarnação de Elias. Em primeiro lugar, porque a Bíblia não diz que Elias morreu, mas que ele foi arrebatado ao Céu em um redemoinho:

"De repente, enquanto caminhavam e conversavam, apareceu um carro de fogo, puxado por cavalos de fogo, que os separou, e Elias foi levado aos céus num redemoinho" (2ª Reis 2:11)

O caso de Elias é bastante semelhante ao de Enoque (que vimos no capítulo 15 deste livro). Ele não passou pela morte, mas foi transladado vivo, de corpo e alma, para a presença de Deus. Levando em consideração que no espiritismo só há reencarnação para as pessoas que morreram, João Batista não pode ter sido Elias.

Em segundo lugar, foi o próprio João Batista que negou, clara e categoricamente, que ele fosse Elias:

"Esse foi o testemunho de João, quando os judeus de Jerusalém enviaram sacerdotes e levitas para lhe perguntarem quem ele era. Ele confessou e não negou; declarou abertamente: 'Não sou o Cristo'. Perguntaram-lhe: 'E então, quem é você? **É Elias?' Ele disse: 'Não sou**'. 'É o Profeta?' Ele respondeu: 'Não'. Finalmente perguntaram: 'Quem é você? Dê-nos uma resposta, para que a levemos àqueles que nos enviaram. Que diz você acerca de si próprio?' João respondeu com as palavras do profeta Isaías: 'Eu sou a voz do que clama no deserto: 'Façam um caminho reto para o Senhor'" (João 1:19-23)

Aquelas pessoas estavam pensando que João Batista fosse Elias, mas o próprio João refutou tal alegação explicitamente, da forma mais óbvia possível – **"Não sou"!** Portanto, em qualquer sentido que Jesus tenha dito que João era Elias, certamente não era em termos *literais,* como se fosse a reencarnação do falecido profeta.

Em terceiro lugar, Elias apareceu **pessoalmente** no monte da transfiguração, na presença dos discípulos:

"Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz. Naquele mesmo momento apareceram diante deles Moisés **e Elias**, conversando com Jesus" (Mateus 17:1-3)

Isso mostra que Elias permanecia sendo Elias, e João permanecia sendo João. Ele não havia mudado de identidade e nem de autoconsciência.

Além disso, a Bíblia rejeita completamente a reencarnação. Ela diz categoricamente que ao homem está destinado morrer uma só vez (Hb.9:27), e é bastante sabido que ela ensina a *ressurreição,* que é o inverso de *reencarnação.* O maior capítulo das epístolas é justamente um capítulo inteiro para provar a ressurreição dos mortos (1ª Coríntios 15). Enquanto a ressurreição ensina que o corpo no sepulcro ressuscitará para a vida eterna ou para a condenação (Jo.5:28-29), a reencarnação caminha no sentido oposto, onde o

"espírito" vai para o "mundo dos espíritos", para depois de algum tempo voltar a se encarnar em um pedaço de carne chamado de corpo. Consequentemente, cada pessoa reencarna inúmeras vezes, em milhares de corpos diferentes. A ressurreição é simplesmente desprezada.

Mas se João Batista não era a reencarnação de Elias, então em que sentido Jesus disse que João era Elias? Lucas 1:17 tem a resposta:

"E irá adiante do Senhor, **no espírito e no poder de Elias**, para fazer voltar o coração dos pais a seus filhos e os desobedientes à sabedoria dos justos, para deixar um povo preparado para o Senhor" (Lucas 1:17)

Em outras palavras, João Batista era Elias no sentido de andar "no espírito e no poder de Elias". Ele era um cumprimento profético e tipológico de Elias, e não uma reencarnação do antigo profeta. Se o escritor bíblico entendesse que João era literalmente o mesmo espírito que Elias, ele não teria dito que João andaria *no* espírito de Elias, mas sim *com* o espírito de Elias. Isso significa que João tinha o mesmo ímpeto que Elias, e não que ele fosse uma reencarnação de Elias. Logo depois que Elias foi arrebatado ao Céu, a Bíblia diz:

"Quando os discípulos dos profetas, vindos de Jericó, viram isso, disseram: 'O espírito de Elias repousa sobre Eliseu'" (2ª Reis 2:15)

Isso obviamente não significa que Eliseu fosse a "reencarnação" de Elias, porque ambos conviveram juntos e Eliseu já era adulto quando foi separado de Elias. Mesmo assim, é nos dito que o "espírito" de Elias repousava sobre Eliseu, no mesmo sentido em que é nos dito que João Batista andava "no espírito" de Elias. Logicamente, o espírito de Elias estava em Eliseu e em João Batista, não como uma reencarnação, mas como tendo o mesmo ímpeto ou vitalidade que o profeta tinha. Este, aliás, é um dos significados mais recorrentes da palavra "espírito" na Bíblia – a disposição interna de um indivíduo, sua capacidade

mental e volitiva[92]. Isso significa que Eliseu e João Batista tinham a mesma *disposição* de Elias.

João Batista era ainda um *cumprimento profético* de Elias (Ml.4:5), pois ele veio com a mesma *função* de Elias. Tanto Elias quanto João prepararam o caminho para a chegada do Messias, o Salvador do mundo. João Batista pode ser considerado, portanto, como aquele que deu prosseguimento ao ministério profético de Elias. Ambos foram perseguidos por uma mulher (Mc.6:18-20; 1Rs.21:20) e por um rei (Mt.14:3-5; 1Rs.19:1-5); ambos usavam uma capa de pêlos (Mt.3:4; 1Rs.19:19); ambos eram intrépidos (Lc.3:7; 1Rs.18:27); ambos eram profetas (Lc.16:16; 1Rs.18:22). Portanto, à luz de todas as evidências bíblicas, podemos concluir que João era Elias no sentido de ser o cumprimento tipológico dele, que veio no mesmo ímpeto, para realizar a mesma função profética.

[92] Samuelle Bacchiocchi fez um brilhante trabalho a este respeito, disponível em: http://www.verdadeonline.net/textos/cap2-ivimortal.htm

CAP. 19 – OS DISCÍPULOS PODIAM PERDOAR PECADOS?

A Igreja Romana baseia seu ensino da confissão auricular em cima de João 20:22-23, que diz:

"Depois dessas palavras, soprou sobre eles dizendo-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (João 20:22-23 – Versão Ave-Maria)

Com base nisso, ela declara que os sacerdotes romanos têm autoridade para reter ou perdoar os pecados efetivamente, sendo meios pelos quais devemos passar para obtermos o perdão dos nossos pecados. Os evangélicos, no entanto, entendem que podemos confessar nossos pecados diretamente a Deus.

Linha 1	Linha 2
Os discípulos poderiam perdoar ou reter efetivamente os pecados individuais	Os discípulos proclamam o perdão ou a retenção do perdão dos pecados através do Espírito Santo

Antes de entrarmos na análise de João 20:22-23 em si, é necessário analisarmos a veracidade ou não da crença que os católicos baseiam em vista deste texto, que é a confissão auricular. Se esta doutrina for falsa, dificilmente João 20:22-23 estaria dizendo aquilo que os romanistas insistem que está. Para entendermos o quão gritantemente antibíblica é a doutrina da confissão auricular, basta ver o que um dos mais proeminentes apologistas católicos no Brasil, Alessandro Lima, afirmou:

"O desejo de Cristo de que o perdão dos pecados deve ser obtido através da Igreja é bem claro. **É um grande erro crer que o pecado pode ser confessado diretamente a Deus**. Não foi este o desejo do Nosso Senhor. Da mesma forma

que sem Cristo não há perdão, sem a Igreja também não há, já que ela é o Cristo na terra"[93]

Sim, foi isso mesmo o que você leu. Não se assuste. É um "grande erro" crer que o pecado possa ser confessado diretamente a Deus!

Não obstante, para qualquer leitor honesto da Bíblia, muitos dos mais extraordinários personagens bíblicos cometeram este "grande erro", como Davi, que disse:

"**Confessei-te o meu pecado**, e a minha maldade não encobri. Dizia eu: **Confessarei ao Senhor** as minhas transgressões; e tu perdoaste a maldade do meu pecado" (Salmos 32:5)

Ou Davi estava mentindo, ou os pecados podem ser confessados direto a Deus!

Esdras, outro grande errôneo, igualmente afirmou:

"Agora **confessem ao Senhor**, o Deus dos seus antepassados, e façam a vontade dele" (Esdras 10:11)

No Novo Testamento, vemos Jesus dizendo:

"Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e **ore a seu Pai, que está no secreto**. Então seu Pai, que vê no secreto, o recompensará" (Mateus 6:6)

Não há sequer uma única linha ou prescrição na Bíblia ordenando os fieis a confessarem seus pecados secretos aos sacerdotes, como um pré-requisito imprescindível para encontrar o perdão divino. Isso seria realmente absurdo caso o perdão dos pecados (algo indispensável para a salvação) dependesse da aprovação de um sacerdote. Ao contrário, vemos Jesus dizendo claramente:

[93] Disponível em: http://www.veritatis.com.br/apologetica/graca-justificacao-pecado/573-a-igreja-tem-o-poder-de-perdoar-pecados

"Venham **a mim**, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso" (Mateus 11:28)

Se confessarmos os nossos pecados diante de Deus, "ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça" (1Jo.1:9). Ao invés de João dizer que se alguém pecar tem o sacerdote para fazer a confissão, ele diz que "se alguém pecar **temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo**, o justo" (1Jo.2:1).

A interpretação papista das passagens selecionadas por eles na tentativa de colocar o conceito deles de confissão auricular na Bíblia são absurdamente contrárias ao bom senso e à boa exegese. A mais usada está em Tiago 5:16, que diz:

"Portanto, **confessem os seus pecados uns aos outros** e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz" (Tiago 5:16)

Qualquer principiante em exegese consegue perceber claramente que o texto não está falando nada sobre confessar o pecado *ao sacerdote* em específico, mas sim sobre confessar "uns aos outros", ou seja, entre nós mesmos. Tiago não disse: "confessem seus pecados *ao sacerdote",* mas sim: "confessem seus pecados *uns aos outros"*. Se o termo "uns aos outros" deve ser entendido como sendo "somente ao sacerdote", então deveríamos entender também que João queria que amássemos somente os sacerdotes quando disse: "amem uns aos outros" (1Jo.4:7).

Enquanto os pecados pessoais (secretos) devem ser confessados exclusivamente a Deus e ninguém mais precisa saber deles, os pecados que cometemos contra outras pessoas exigem que peçamos perdão também para a própria pessoa, e os pecados que afetam coletivamente um grupo (como quando um tesoureiro rouba o dinheiro das ofertas) exigem que se peça perdão

a todo este grupo que esteve envolvido. Esta é a fórmula bíblica na questão do pecado:

"Se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão; mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano" (Mateus 18:15-17)

Mesmo quando alguém cometia um pecado público, que envolvia toda a comunidade, quem exercia juízo e punição sobre ele não era o sacerdote em especial, mas o voto **da maioria** da própria comunidade:

"Se alguém tem causado tristeza, não o tem causado apenas a mim, mas também, em parte, para eu não ser demasiadamente severo, a todos vocês. **A punição que lhe foi imposta pela maioria é suficiente**. Agora, pelo contrário, vocês devem perdoar-lhe e consolá-lo, para que ele não seja dominado por excessiva tristeza" (2ª Coríntios 2:5-7)

E é digno de nota o fato de Paulo dizer que perdoava aquele a quem "vocês" (no plural, se referindo às pessoas a quem ele escrevia a carta) perdoaram:

"**Se vocês perdoam** a alguém, eu também perdôo; e aquilo que perdoei, se é que havia alguma coisa para perdoar, perdoei na presença de Cristo, por amor a vocês, a fim de que Satanás não tivesse vantagem sobre nós; pois não ignoramos as suas intenções" (2ª Coríntios 2:10-11)

Ele não disse: "se o sacerdote perdoou, eu também perdôo", mas sim: "se ***vocês*** perdoaram, eu também perdôo". Há uma diferença enorme entre uma coisa em outra. O resumo do que a Bíblia ensina sobre isso é o seguinte:

• Pecados secretos e pessoais só precisam ser confessados para Deus.

• Pecados que envolvem alguma outra pessoa devem ser confessados a Deus e também a esta pessoa (ex: alguém que adulterou tem que confessar seu pecado à sua esposa).

• Pecados que envolvem toda uma comunidade devem ser confessados diante de toda a comunidade, e o perdão e a punição dependem da decisão da comunidade que foi ofendida, e não do sacerdote em especial.

Tendo isso em mente, voltemos então à análise de João 20:22-23. Embora algumas traduções coloquem o tempo verbal no futuro, o texto grego original está no particípio perfeito passivo, como pode ser visto na tradução do Novo Testamento Interlinear:

"E isto tendo dito (depois de dizer isto), soprou em (eles) e diz-lhes: Recebei Espírito Santo ([o] Espírito Santo). Se de alguns (de quem quer que) perdoeis (perdoais) os pecados, perdoados foram a eles (perdoados lhes hão sido); se de alguns (de quem quer que) retenhais (retendes), retidos foram (hão sido retidos)" (João 20:22-23)

O teólogo Charles B. Williams, erudito do grego bíblico, nos informa que "o verbo no texto original está no particípio perfeito passivo, referindo-se a um estado de **já ter sido proibido ou permitido**"[94]. Assim sendo, podemos inferir que, ao receberem o Espírito Santo, os discípulos poderiam afirmar que os pecados de alguém foram perdoados, **porque realmente já foram perdoados**, e que os pecados de alguém não foram perdoados, porque de fato não foram.

Como vemos, não é o fato dos discípulos proclamarem que alguém está perdoado que torna alguém perdoado; ao contrário, é o fato de alguém ***já ter sido perdoado*** que faz com que os discípulos, sob a orientação e revelação do Espírito Santo, possam declarar que a pessoa já está perdoada. Da mesma forma, se não perdoarem, é porque a pessoa não foi perdoada por Deus. A ênfase é que a ação do perdão está no passado ou em andamento, mas não no futuro, conforme a teologia católica. O texto não está nem de longe dizendo

[94] Charles B. Williams. *The New Testament: A Translation*.

que o perdão dos pecados está condicionado ao fato de um padre querer perdoar ou não, e muito menos com o pagamento de penitência, de 10 rezas do Pai Nosso e de 55 "Ave-Marias" para o recebimento do perdão!

Os sacerdotes têm o discernimento de proclamar o perdão dos pecados para aqueles que foram perdoados por Deus, e de reterem os pecados daqueles que não foram perdoados. Não se trata de reter o perdão de alguém que foi perdoado ou de perdoar aquele que não foi, mas sim de proclamar aquilo que Deus já decidiu através da Sua Palavra, com o discernimento do Espírito Santo. Por exemplo, se alguém disser que está vivendo com uma amante e que não está disposto a largar dela, o sacerdote deve proclamar que os pecados daquela pessoa estão retidos, porque ela está vivendo deliberadamente em condição pecaminosa. Dizer que os pecados dessa pessoa estão perdoados é simplesmente iludi-la.

Por outro lado, se alguém já não está vivendo no pecado e busca o perdão com sinceridade, o anúncio do perdão deve ser proclamado. O perdão ou a falta dele, efetivamente, já foi decidido por Deus, e é essa a razão do particípio perfeito passivo. A tarefa do sacerdote não é decidir o que Deus já decidiu, mas meramente de *proclamar* a decisão que Deus já tomou, sendo orientado por meio do Espírito Santo e dos princípios cristãos em cada caso. Os sacerdotes são comunicadores da Palavra do Senhor, e não *mediadores* da graça, como se para obter o perdão fosse necessário passar primeiro pela figura do sacerdote religioso.

A interpretação católica do texto não apenas corrompe seu significado, mas se mete em enormes e drásticas consequencias práticas. Samuel Vila citou um caso em seu livro:

"Recordo o caso de um jovem católico degenerado e pervertido, que era alvo de muitas e severas repreensões por parte de seu confessor, mas ele continuava entregue ao pecado, até que um dia, cansado de se zangar em vão, este piedoso sacerdote sentiu em sua consciência que não podia dar a absolvição a quem de tal maneira estava brincando com o sacramento da confissão, e assim

reteve o perdão. O jovem se levantou emburrado do confessionário, mas logo ao pisar na rua pensou: 'Bom, não faltaria na Igreja sacerdotes que queiram me absolver'. Com efeito, foi se confessar a outro clérigo que não conhecia sua história, e recebeu a absolvição. Então ele ficou tranquilo e satisfeito, seguro de que havia sido perdoado"[95]

Sob a perspectiva católica, este jovem realmente foi perdoado, porque o sacerdote pode *efetivamente* perdoar os pecados, ainda que o indivíduo viva atolado no pecado pensando que basta se confessar depois e pronto: resolvido! Sob a mesma ótica, como bem mostrou Vila, o poder de "reter os pecados" se torna completamente inútil, uma vez que qualquer outro sacerdote de outra paróquia daria a absolvição, anulando a decisão do padre anterior. Não é preciso ser muito inteligente para saber que Jesus não estava falando nada disso em João 20:22-23. Quem perdoa os pecados efetivamente é só Deus (Mc.2:7), e por isso quem brinca com o pecado será inevitavelmente condenado (Gl.6:7).

O poder que Jesus soprou especificamente sobre os seus discípulos era para reconhecer a legitimidade do perdão diante de Deus ou o não-perdão. O tempo verbal no grego deixa implícito que a pessoa não iria receber o perdão *no futuro,* depois de já ter pago os 10 Pais-Nosso e as 55 Ave-Marias, mas sim *no passado,* isto é, se ela já se arrependeu verdadeiramente diante de Deus, em um arrependimento e quebrantamento de coração diante Daquele que é o único que pode efetivamente perdoar os pecados, pois só Ele conhece o coração do homem para saber se o arrependimento foi sincero ou não.

Jesus **nunca** pediu o pagamento da penitência católica a alguém quando perdoou pecados. O que ele sempre dizia era: "vá, e não peques mais" (Jo.8:11), e não: "vá, reze 25 Ave-Marias e o rosário, e então estará perdoada"! Após declarar perdoados os pecados do paralítico (Mc.2:5), ele não disse nada sobre penitências que deveriam ser pagas dali em diante, para realmente receber este perdão divino. A única condição para o perdão era o arrependimento simples e genuíno, **nunca** o pagamento de indulgências.

[95] Samuel Vila. *A las Fuentes del Cristianismo.*

A oração com fé já é suficiente para Deus perdoar os pecados. Tiago disse:

"E a **oração da fé salvará o enfermo**, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, **ser-lhe-ão perdoados**" (Tiago 5:15)

Aqui, claramente quem cura e perdoa é Deus, e a única condição exposta para isso é a **oração de fé**.

Jesus também disse:

"E ele lhe disse: Filha, **a tua fé te salvou**; vai em paz, e sê curada deste teu mal" (Marcos 5:34)

O que "salvou" a mulher não foi o pagamento de penitência após a confissão, mas sim a sua fé.

Deve-se observar também que os discípulos só tiveram o poder de declarar alguém já perdoado (ou não-perdoado) por Deus depois de receberem o sopro do Espírito Santo (Jo.20:22). Mas a Igreja Romana afirma que até mesmo um sacerdote que esteja pessoalmente envolvido em **pecado mortal** pode ainda perdoar pecados no confessionário:

"A Igreja pede que um sacerdote que absolva um penitente esteja em estado de graça. Isto não quer dizer, entretanto, que um sacerdote em estado de pecado mortal não possua o poder de perdoar pecados ou que, quando exercido, não seja eficaz para o penitente"[96]

Isso significa que até mesmo um padre pedófilo pode continuar perdoando os pecados da criança a quem molestou, assim como os pecados das outras pessoas! Ele pode ser adúltero, estuprador, assassino ou um pervertido sexual que pode continuar perdoando pecados de forma legítima, e de fato nenhum leigo poderá saber se o sacerdote para quem está confessando está envolvido

[96] *Peace of Soul* (Paz da Alma), Bispo Fulton J. Sheen, 136; 1949; McGraw Hill, Nova York.

nestes pecados ou não! Mas, biblicamente, os discípulos só puderam reconhecer o perdão dos pecados depois de **possuírem o Espírito Santo** (Jo.20:22), algo que pedófilos e adúlteros não possuem – Judas, por exemplo, não poderia perdoar, mesmo se quisesse.

Pensemos, portanto, no dilema que a confissão auricular do catolicismo nos proporciona. Um padre em pecado mortal não poderia legitimamente perdoar os pecados de ninguém, pois não possui o Espírito Santo, já que o Espírito Santo só habita em pessoas santificadas por Deus. Assim sendo, milhares de fieis que se confessam diante de padres pedófilos na verdade não tem seus pecados legitimamente perdoados, já que o padre em questão não está em posição legítima diante de Deus para perdoar os pecados. Mas nenhum católico sabe exatamente qual padre é pedófilo e qual não é, nem se está em pecado mortal em uma vida dupla ou se está em santidade.

O resultado disso é que o católico nunca poderia saber *realmente* quando foi perdoado ou não, se o perdão dos pecados depende da figura do sacerdote para quem se confessou. Pior ainda, durante todo o tempo em que se confessou a um padre pedófilo não foi perdoado e não teria nem como ser perdoado, já que ele não pode pedir perdão direto a Deus, mas tem que passar pelo sacerdote pedófilo! A conclusão é terrível: o católico não poderia ser perdoado!

Em contrapartida, os cristãos não precisam se preocupar com isso, já que confessam seus pecados diante de Jesus Cristo, o nosso verdadeiro e único advogado no Céu (1Jo.2:1), aquele que viveu de forma imaculada na terra (Hb.4:15), que morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação (Rm.4:25), e que intercede por nós junto ao Pai (Rm.8:34). Assim, nós não precisamos nos preocupar com a figura de um homem pecador, nem se o nosso pastor está vivendo em santidade ou em pecado, pois sabemos que Aquele para quem nos confessamos é "Santo, Santo, Santo, e toda a terra está cheia da sua glória" (Is.6:3).

Podemos simplesmente nos arrepender de coração puro e sincero diante de Deus, dispostos a mudar de vida, e então descansar no Senhor, em confiança, sabendo que o preço pago por Jesus naquela cruz "nos purifica de todo o pecado" (1Jo.1:7). É Ele quem nos ouvirá, quem nos perdoará e quem nos santificará no curso de nossa caminhada cristã, pois nós "não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb.4:15).

Como é bem sabido, a confissão auricular era absolutamente desconhecida pelos Pais da Igreja, e só foi inventada como dogma no Concílio de Latrão, em 1215, durante o pontificado do papa Inocêncio III. As tentativas dos apologistas católicos em distorcerem as declarações patrísticas em favor da confissão auricular nos primeiros séculos é tão risível que até o ex-padre católico Chiniquy teve que explicar:

"Sei que os defensores da confissão auricular apresentam aos seus incautos ouvintes várias passagens dos escritos dos Santos Pais, onde se diz que os pecadores iam diante de um sacerdote ou de um bispo para confessar seus pecados: mas é um modo desonesto de apresentar o fato – pois é evidente para todos os que conhecem um pouco da história da Igreja daqueles tempos que aquilo se refere apenas às confissões públicas das transgressões públicas por meio do ofício da penitenciaria... que era assim: Em cada grande cidade, um sacerdote ou um ministro era especialmente encarregado de presidir os encontros da igreja, em que os membros que tivessem cometido pecados públicos eram obrigados a vir e confessar publicamente diante da assembléia, para ser restaurado em seus privilégios como membro da igreja... isso estava perfeitamente de acordo com o que Paulo recomendou no tocante ao indivíduo envolvido no caso de incesto em Corinto; aquele pecador, que envergonhou o nome dos cristãos, após confessar e expor seus pecados diante da igreja, obteve o perdão, não de um sacerdote, para quem tivesse contado todos os detalhes do relacionamento incestuoso, mas de toda a igreja reunida... Há tanta diferença entre tais confissões públicas e as confissões auriculares quanto entre o Céu e inferno, entre Deus e seu grande adversário, Satanás"[97]

[97] *O Sacerdote, a Mulher e o Confessionário*. Chiniquy, pág. 116.

Ele também observa que nas Confissões de Agostinho "é inútil procurar no livro uma única palavra sobre a confissão auricular. Aquele livro é um testemunho indiscutível de que tanto Agostinho quanto sua santa mãe, Mônica, que é mencionada freqüentemente, viveram e morreram sem nunca terem ido a um confessionário. Aquele livro pode ser chamado de a mais esmagadora evidência para provar que 'o dogma da confissão auricular' é uma impostura moderna"[98].

Agostinho (354-430) contestou a ideia de que o homem fosse capaz de fazer alguma coisa para se curar espiritualmente, ou perdoar os pecados de seus irmãos:

"O que devo fazer com os homens para que devam ouvir minhas confissões, como se pudessem curar minhas enfermidades? A raça humana é muito curiosa para conhecer a vida das outras pessoas, mas muito preguiçosa para corrigi-la"[99]

Em suas Confissões, ele diz também:

"Assim, pois, minha confissão em Tua presença, Deus meu, é calma e não silenciosa; calma quanto ao ruído (das palavras), clamorosa quanto à fé"[100]

"Que tenho, pois, eu a ver com os homens, para que ouçam minhas confissões, como se eles fossem sarar todas as minhas enfermidades?"[101]

Em outra obra, ele escreve:

"Eu confessarei meus pecados a meu Deus; e ele me perdoará todas as iniquidades do meu coração; não é com a boca, senão unicamente com o coração, como esta confissão há de ser feita. Ainda não abri minha boca para

[98] ibid.
[99] Confissões, Livro III.
[100] Confissões, Livro X, c. 2.
[101] Confissões, Livro X, c. 3.

confessar os pecados e já estão perdoados, porque Deus ouviu verdadeiramente a voz do meu coração"[102]

E, por fim, ele declara:

"Por que iria eu expor aos homens as chagas da minha alma? É o Espírito Santo que perdoa os pecados; o homem não pode fazer isso porque tem necessidade de médico da mesma maneira que aquele que nele busca remédio. E se me dizes: 'Como se realiza a promessa que Cristo fez aos apóstolos, que tudo o que desligares na terra será desligado nos céus?', contesto que o Senhor prometeu enviar seu Espírito, por meio do qual deveriam ser perdoados os pecados. É o Seu Espírito que Ele envia, e nós somos seus servos. Como o Espírito Santo é Deus, então é Deus quem perdoa os pecados, e não vós"[103]

João Crisóstomo (347-407) é ainda mais explícito ao dizer repetidas vezes que não nos confessamos a homens, mas somente a Deus:

"Não pedimos que confesse seus pecados a qualquer um de seus semelhantes, mas apenas a Deus... Você não precisa de testemunhas para sua confissão. Reconheça secretamente seus pecados e permita que somente Deus ouça a confissão"[104]

"Não é necessário que haja testemunho algum de vossa confissão. Reconhecei vossas iniquidades, e que Deus somente, sem que ninguém o saiba, ouça vossa confissão"[105]

"Assim, eu vos suplico e os conjuro a confessar seus pecados a Deus constantemente. Eu não os demando, de nenhuma maneira, que confessem seus pecados aos homens: é a Deus a quem vocês devem mostrar as chagas de

[102] Homília sobre o Salmo 31.
[103] Sermão 99, De Verb. Evang. Lucas 7.
[104] De Paenitentia, volume IV.
[105] Homília sobre o arrependimento, tomo IV, coluna 901.

vossa alma, e somente a Ele vocês devem esperar a cura. Ide a Ele, e Ele não os rechaçará. Ele conhece tudo"[106]

"Confessai vossos pecados todos os dias em vossa oração... o que pode nos fazer duvidar de obras assim? Eu não os mando a ir confessar a um homem pecador como vocês, que poderia desprezá-los se lhes contassem vossas faltas; mas conte elas a Deus, que pode perdoá-las"[107]

"Dize-me: Por que vocês têm vergonha de confessar seus pecados? Por acaso alguém os obriga a revelá-los a um homem, que poderia desprezá-lo? Alguém pede que vocês se confessem a um de vossos semelhantes, que poderia publicá-los e desonrá-los? A única coisa que demandamos é que mostrem vossas chagas a vosso Mestre e Senhor, que é vosso amigo, vosso guardião e vosso médico"[108]

Comentando o Salmo 37, Basílio (329-379) também assinala:

"Não venho diante do mundo para fazer uma confissão com minha boca. No entanto, fecho os olhos, e confesso meus pecados do fundo do meu coração. Diante de ti, ó Deus, derramo meus lamentos, e apenas tu és a testemunha. Meus gemidos estão dentro da minha alma. Não há necessidade de muitas palavras para confessar: pesar e arrependimento são a melhor confissão. Sim, as lamentações da alma, que te agradam ouvir, são a melhor confissão"[109]

Jerônimo (347-420), em sua carta ao presbítero Nepociano, escreve:

"Não esteja nunca sozinho com mulher, sem testemunha ocular. Se você tem alguma coisa particular para falar, que fale a alguma outra pessoa da casa: donzela, viúva ou casada, e não seja tão ignorante das regras de conveniência, para ousar comunicar coisas que aos outros não comunicaria"[110]

[106] Homília V, *Sobre a natureza incompreensível de Deus*. Vol. I, pág. 490.
[107] Homília sobre o Salmo 1.
[108] Homília sobre Lázaro, tomo I, pág. 757.
[109] Comentários ao Salmo 37.
[110] Epíst. a Nepociano, vol. 2, pág. 203.

Além disso, ao analisarmos a história dos primeiros Pais e santos da Igreja, nada sobre confissão auricular é mencionado. O historiador eclesiástico Teófilo Gay corretamente alega:

"Todos os Pais da Igreja dos primeiros quatro séculos viveram sem se confessar segundo o sistema católico-romano e sem haver tampouco se confessado a ninguém. Na vida dos santos posteriores a Inocêncio III (1161-1216) frequentemente encontramos menções de que eles se confessavam, mas nas dos santos anteriores àquela época não existe nem a mais mínima menção da confissão"[111]

Alguns exemplos que podemos citar rapidamente são: (a) Paulo de Tebas, de quem temos detalhes sobre sua vida, mas nenhuma linha sobre confissão auricular; (b) Maria do Egito, de quem temos relatos sobre suas orações e jejuns, mas nada sobre se confessar a um sacerdote; (c) Cipriano, que teve sua vida detalhada por Pôncio, onde novamente nenhuma descrição de confissão auricular é feita; (d) Gregório e Basílio de Cesareia, que foram biografados por Gregório de Niceia, que jamais mencionou uma única confissão deles a um sacerdote; (e) João Crisóstomo, que foi detalhadamente biografado por Teodoreto, o qual também jamais mencionou coisa alguma sobre confissão auricular; (f) Ambrósio, que foi biografado por Paulino; (g) Martín de Tours, que teve a história da sua vida escrita por Sulpício Severo – em *nenhuma* biografia há qualquer relato sobre confissão particular dos pecados a um sacerdote[112].

Finalmente, a confissão auricular do catolicismo resulta em vergonha e medo por parte daqueles que se veem obrigados a se confessar diante de um homem pecados que não confessaria nem ao seu melhor amigo. Rebecca A. Sexton fala sobre isso nas seguintes palavras:

"Essa falsa doutrina provoca culpa, vergonha, medo, desgraça, imoralidade sexual e hipocrisia naqueles que precisam participar dela. O medo e culpa

[111] Diccionario de Controversia, pág. 143.
[112] Pare ler mais sobre a confissão auricular nos Pais da Igreja, confira em: http://heresiascatolicas.blogspot.com.br/2015/08/os-pais-da-igreja-contra-confissao.html

ocorrem porque uma jovem não pode expor diante de qualquer homem coisas que não ousaria revelar às suas melhores amigas. Vergonha e desgraça ocorrem se ela confessar esses pecados secretos. O abuso de mulheres solitárias, mal orientadas e espiritualmente fracas por seus confessores é reconhecido pela Igreja Católica (...) Em muitos outros incidentes na vil história da confissão auricular, os sacerdotes usaram o confessionário para seduzir e destruir mulheres jovens e maduras, casadas e solteiras. O confessionário tem sido usado para encontrar os indivíduos mais fracos que então passam a ser controlados e/ou molestados pelo confessor"[113]

Não, Deus não deseja que passemos por medo e vergonha na exposição de nossas vidas diante de um desconhecido que se coloca no lugar de Cristo. Ele deseja que nos confessemos diante do próprio Senhor Jesus, a quem podemos chegar com confiança, diante de seu trono de graça, e não diante de um confessionário para um homem pecador:

"Visto que temos um grande sumo sacerdote, **Jesus, Filho de Deus**, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a **nossa confissão**. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, **um** que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemos, pois, **com confiança ao trono da graça**, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno" (Hebreus 4:14-16)

É como disse João Crisóstomo:

"O que devíamos mais admirar não é que Deus perdoa nossos pecados, mas que não os expõe para ninguém, nem deseja que façamos isso. O que requer de nós é que confessemos nossas transgressões a ele somente para obtermos o perdão"[114]

[113] Disponível em: http://heresiascatolicas.blogspot.com.br/2014/08/os-horrores-da-confissao-auricular.html

[114] Catethesis ad Illuminandos, Volume 2, pág. 210.

Em suma, a evidência esmagadora é que não existia confissão auricular particular a um sacerdote como nos dias de hoje, uma vez que ninguém interpretava João 20:22-23 de forma tão completamente errônea como faz a Igreja Romana atual. A prova mais irrefutável de que nem mesmo Pedro entendeu as palavras de Jesus da maneira papista está em Atos 8:22, texto no qual Simão Mago se mostra arrependido diante dele, e este responde:

"Arrependa-se dessa maldade e **ore ao Senhor**. Talvez **ele** lhe perdoe tal pensamento do seu coração" (Atos 8:22)

Pedro, ao invés de "perdoar" ou "reter o perdão" a Simão, fez exatamente aquilo que todo evangélico faz, pedindo que a pessoa confesse seu pecado diretamente a Deus. A atitude de Pedro demonstra claramente que ele não entendeu as palavras de Cristo em João 20:22-23 como uma referência à moderna confissão auricular católica, nem tampouco se insurgia contra a confissão de pecados diretamente a Deus como ocorre hoje nas igrejas evangélicas, uma vez que ele próprio determinou isso a Simão Mago.

CAP. 20 – QUEM É A MULHER DE APOCALIPSE 12?

A identificação da "mulher" de Apocalipse 12 tem sido alvo de constante debate. Três linhas de interpretação têm sido propostas na tentativa de resolver a questão. A primeira identifica a mulher como sendo a Igreja (interpretação mais comum entre os amilenistas). A segunda identifica a mulher como sendo Israel (interpretação mais comum entre os dispensacionalistas). E a terceira identifica a mulher como sendo Maria (interpretação oficial da Igreja Romana).

Linha 1	Linha 2	Linha 3
A mulher é a Igreja	A mulher é Israel	A mulher é Maria

Dado o caráter altamente alegórico do livro, a terceira linha tem sido considerada a menos provável. Isso porque ela implicaria em uma linguagem de caráter mais literal que não condiz com o teor geral do livro, que trabalha por meio de figuras de linguagem e simbolismos por toda a parte. Embora em *sentido literal* quem deu à luz a Jesus foi Maria, o Apocalipse não é de modo algum um livro que pretende trazer as coisas no sentido literal. Como já vimos no capítulo 1 deste livro, as revelações de João eram altamente alegóricas, o que nos evita pensar que Maria realmente estivesse "gritando de dor" quando deu a luz a Jesus:

"Apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça. Ela estava grávida **e gritava de dor**, pois estava para dar à luz" (Apocalipse 12:1-2)

Além disso, nenhum elemento que consta no verso 1 se aplica claramente a Maria. A mãe de Jesus nunca é descrita na Bíblia como sendo vestida do sol. Em parte alguma é dito que ela tem a lua debaixo dos seus pés. E em lugar nenhum é declarado que ela tem doze estrelas na cabeça. Levando em consideração que uma das principais características de João era pegar ilustrações e conceitos presentes no Antigo Testamento e trazê-los para seu livro, seria extremamente

estranho se ele trouxesse tantos conceitos inexistentes na literatura bíblica para identificar a mãe de Jesus. Isso no máximo confundiria, não ajudaria. Faria com que as pessoas procurassem por um paralelo bíblico, sem encontrar nada. Ou pior: que chegassem ao local errado.

O verso 6 é outro problema para os que pensam que se trata de Maria:

"A mulher fugiu para o deserto, para um lugar que lhe havia sido preparado por Deus, para que ali a sustentassem durante mil duzentos e sessenta dias" (v. 6)

Mil duzentos e sessenta dias é o equivalente a três anos e meio, que é reconhecidamente a primeira metade da grande tribulação (que no total dura sete anos). Mas não faz sentido algum a pessoa de Maria ser perseguida durante a primeira metade da grande tribulação. Talvez os apologistas católicos interpretem os três anos e meio figurativamente, mas ainda assim não há nenhum relato bíblico de Maria fugindo para o deserto. Nada parece fazer sentido algum se interpretado à maneira "mariana".

A parte final do capítulo é a que menos faz sentido dentro da perspectiva mariana:

"Quando o dragão viu que havia sido lançado à terra, começou a perseguir a mulher que dera à luz o menino. Foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que ela pudesse voar para o lugar que lhe havia sido preparado no deserto, onde seria sustentada durante um tempo, tempos e meio tempo, fora do alcance da serpente. Então a serpente fez jorrar da sua boca água como um rio, para alcançar a mulher e arrastá-la com a correnteza. A terra, porém, ajudou a mulher, abrindo a boca e engolindo o rio que o dragão fizera jorrar da sua boca. O dragão irou-se contra a mulher e saiu para guerrear contra o restante da sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus" (Apocalipse 12:13-17)

Note que a descendência da mulher não são os que guardam o "testemunho de Maria", mas os que guardam o testemunho de Jesus. Se a descendência da

mulher fossem os devotos de Maria, como alegam os teólogos romanos, seria imprescindível que esses descendentes fossem os "servos de Maria", como os mariólogos se intitulam. Mas, ao que tudo indica, essa descendência da mulher só guardava os mandamentos de Deus e se mantinham fieis ao testemunho de Jesus. Não tinham nenhuma devoção especial à "mulher" em si.

Por outro lado, a Linha 1 sofre de um problema crônico: se a mulher é a Igreja, como pode a Igreja ter dado a luz a Cristo? Embora Paulo tenha dito que em certo sentido os cristãos "geram" Jesus (Gl.4:19), aqui parece se adequar muito mais a Israel do que à Igreja. E o que torna a Linha 2 ainda mais evidente são todas as descrições específicas que são feitas no verso 1. Leiamos novamente:

"Apareceu no céu um sinal extraordinário: uma mulher vestida do sol, com a lua debaixo dos seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça" (v. 1)

Onde mais achamos um relato do sol, da lua e de doze estrelas? Já vimos que sobre a pessoa de Maria isso não aparece em lugar nenhum. Sobre a Igreja também não. Mas sobre Israel há uma descrição bem específica – na verdade, é a única parte da Bíblia onde estes três elementos aparecem juntos, no mesmo contexto:

"E teve José outro sonho, e o contou a seus irmãos, e disse: Eis que tive ainda outro sonho; e eis que o sol, e a lua, e onze estrelas se inclinavam a mim" (Gênesis 37:9)

No sonho de José, ele via o sol, a lua e onze estrelas (em Apocalipse 12 estão doze estrelas, porque inclui o próprio José, que era uma das doze tribos de Israel). O sol representava seu pai Jacó (Gn.37:10). Deus deu a Jacó o nome de **Israel** (Gn.35:10). A lua representava sua mãe Raquel, e as onze estrelas representavam cada um de seus onze irmãos (Gn.37:10), dos quais temos as tribos de Israel. Em outras palavras, toda a simbologia que envolve o sol, a lua e as doze estrelas têm como plano de fundo um mesmo significado: Israel. É por isso que aparecem "doze" estrelas, porque doze eram as tribos de Israel.

Israel é retratado alegoricamente inúmeras vezes como uma "mulher" no Antigo Testamento (Jr.3:8; Ez.23:1-21; 16:28; 16:24), e Paulo ilustra Israel como uma "mulher" em Gálatas 4:22-25. Isaías faz ainda uma descrição sobre Israel que é enormemente semelhante a Apocalipse 12:2:

"Como a mulher grávida, quando está próxima a sua hora, tem dores de parto, e dá gritos nas suas dores, assim fomos nós diante de ti, ó Senhor!" (Isaías 26:17)

O verso 2 de Apocalipse 12 diz que a mulher (Israel) estava grávida do Messias (v.5), que de fato provém de Israel, mais especificamente da tribo de Judá (Hb.7:14). Então o dragão persegue a "mulher", que foge para o deserto. A imagem do deserto também está diretamente relacionada a Israel ao longo de toda a sua trajetória. Foi no deserto que Israel peregrinou por quarenta anos, em busca da terra prometida. Mesmo depois de alcançar a terra de Canaã, os profetas continuavam frequentemente associando Israel à figura do deserto, seja como lembrança ou como advertência (Jr.2:6; 31:2; Ez.20:10; Am.2:10; Sl.136:16; 2Cr.24:9).

A perseguição do dragão contra a mulher se manifesta até hoje. Basta ver a quantidade gigantesca de antissemitas que existe em nosso mundo, mesmo quando este antissemitismo vem mascarado sob a forma de antissionismo. Ninguém foi tão perseguido na história quanto o povo judeu. Eles foram escravos no Egito, prisioneiros na Babilônia, dominados pelo império romano, suas terras foram tomadas por várias vezes, foram perseguidos e massacrados aos milhões por Hitler, e até hoje existe um enorme antissemitismo no mundo inteiro. O dragão nunca deixou de perseguir a "mulher"!

O relato bíblico prossegue dizendo que Deus continua ajudando Israel (Ap.12:14-16), confirmando Paulo quando disse que **Deus não rejeitou o seu povo** (Israel), em Romanos 11:2. Paulo chama Israel de "povo de Deus" e diz que Ele não o rejeitou, e é somente isso que explica o porquê que Israel ainda não foi tirado do mapa, mesmo com tanta perseguição que já sofreu até hoje, e com tantos inimigos hostis à sua volta. Mas o diabo também tem um outro

inimigo além de Israel. Além de guerrear contra a "mulher" (Israel), ele também luta contra "os seus descendentes":

"O dragão irou-se contra a mulher e saiu para guerrear contra o restante da sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus" (Apocalipse 12:17)

Quem são os "descendentes" de Israel? Obviamente, os descendentes de Israel não podem ser *o próprio* Israel. Tem que ser outra coisa. Biblicamente, a resposta é simples: a Igreja. A Igreja é chamada de o "Israel de Deus" (Gl.6:16), a descendência espiritual de Abraão (Gl.3:7), os filhos da promessa (Gl.4:28). A Igreja surge a partir de um contexto judaico, com um líder judeu que tinha doze discípulos judeus, que se reuniam no templo de Jerusalém (At.2:46) e eram chamados de "seita dos nazarenos" (At.24:5), considerada uma facção do judaísmo.

Sim, a Igreja "descende" de Israel, e é por isso que Paulo diz que a Igreja foi "enxertada" na oliveira de Israel:

"Afinal de contas, se você [cristão] foi cortado de uma oliveira brava por natureza e, de maneira antinatural, foi enxertado numa oliveira cultivada, quanto mais serão enxertados os ramos naturais [israelitas] em **sua própria** oliveira?" (Romanos 11:24)

E para deixar claro que esta Igreja não é uma instituição religiosa de placa A ou B, João a define como sendo "os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fieis ao testemunho de Jesus" (v.17), ou seja, os verdadeiros cristãos, os devotos de Jesus. Portanto, a lição primordial que temos em Apocalipse 12 é que tanto Israel quanto os verdadeiros cristãos estão na mira do dragão, que os perseguirá implacavelmente na grande tribulação, assim como já persegue até hoje. A razão pela qual israelitas e crentes genuínos permanecem existindo até hoje é somente pela proteção especial de Deus nos momentos mais difíceis:

"Então a serpente fez jorrar da sua boca água como um rio, para alcançar a mulher e arrastá-la com a correnteza. A terra, porém, ajudou a mulher, abrindo a boca e engolindo o rio que o dragão fizera jorrar da sua boca" (Apocalipse 12:15-16)

Se não fosse por isso, os judeus e os cristãos sinceros já teriam sido dizimados há muito, muito tempo.

CAP. 21 – SAMUEL APARECEU A SAUL EM EN-DOR?

Um dos textos-base mais usados pelos espíritas na tentativa de provar a consulta aos mortos pela Bíblia está em 1ª Samuel 28, onde Saul consultou o espírito de Samuel que, supostamente, teria se apresentado para a sessão de necromancia em En-Dor. Analisaremos as evidências dos dois lados.

Linha 1	Linha 2
Um demônio, se passando por Samuel, apareceu	O espírito do próprio profeta apareceu

Historicamente, os cristãos nunca tiveram problema em aceitar que um demônio se passou por Samuel. Tertuliano (160-220), por exemplo, escreveu:

"Um espírito [maligno] representou a alma de Samuel, quando Saul consultou os mortos. Deus me livre, no entanto, que devamos supor que a alma de qualquer santo, muito menos de um profeta, possa ser arrastada para fora do Hades por um demônio. Nós sabemos que Satanás se transforma em anjo de luz (2ª Coríntios 11:14), então ele também pode se transformar em um homem de luz, e, finalmente, ele irá tentar se passar por Deus (2ª Tessalonicenses 2:4) e vai exibir grandes sinais e maravilhas, de modo que, se fosse possível, enganaria até os eleitos. Ele não hesitou na ocasião anteriormente mencionada a afirmar ser um profeta de Deus, especialmente a Saul, em quem ele fazia habitação. Você não deve imaginar que aquele que produziu um fantasma era um, e quem consultou era outro; mas que era o mesmo espírito, tanto na feiticeira quanto no rei apóstata. Este demônio facilmente falsificou uma aparição que ele já tinha preparado para fazê-los acreditar que era real"[115]

Lendo todo o contexto de 1ª Samuel 28, fica claro que a interpretação de Tertuliano estava certa, e que a espírita está errada.

[115] Tratado sobre a Alma, c. 57.

Em primeiro lugar, a necromancia era estritamente proibida pelo Deus de Israel:

"Não permitam que se ache alguém entre vocês que queime em sacrifício o seu filho ou a sua filha; que pratique adivinhação, ou dedique-se à magia, ou faça presságios, ou pratique feitiçaria ou faça encantamentos; que seja médium ou espírita ou que consulte os mortos. O Senhor tem repugnância por quem pratica essas coisas, e é por causa dessas abominações que o Senhor, o seu Deus, vai expulsar aquelas nações da presença de vocês. Permaneçam inculpáveis perante o Senhor, o seu Deus" (Deuteronômio 18:10-13)

Isso, por si só, é um tremendo inconveniente para os adeptos da Linha 2, pois os forçam a aceitar que Deus propiciou algo que ele mesmo condena, isto é, que vai na contramão de seu caráter moral. Na ânsia em provar que há viabilidade e lógica em asseverar que Deus permitiu e propiciou uma "sessão espírita" em 1ª Samuel 28, um autor pró-espiritismo escreve:

"O que aqueles que negam a aparição de Samuel precisam compreender é o seguinte: 'Deus proibir a necromancia' é uma coisa; porém, 'Deus trazer Samuel para falar com Saul' é outra completamente diferente. A proibição da necromancia e a aparição de Samuel são duas coisas completamente distintas e dissociadas. Elas não estão correlacionadas, de modo que a existência de uma inviabilize a outra. Infelizmente, aqueles que negam a aparição de Samuel ainda não perceberam essa falha central em sua forma de raciocinar, e por isso mesmo acabam relacionando dois eventos que são completamente independentes"[116]

Mas será que Deus ordena aquilo que ele próprio proíbe? O argumento soa irracional. Por exemplo, se Deus proíbe o estupro, e o estupro é objetivamente errado, então Deus nunca, em circunstância nenhuma, ordenaria a realização de um estupro. Da mesma forma, se Deus é contra a adoração a falsos deuses, e a idolatria é algo objetivamente mau, então é claro que Deus nunca irá ordenar um ato idólatra. Semelhantemente, se Deus proíbe a necromancia e se a necromancia é real e objetivamente errada e repugnante aos olhos de Deus (Dt

[116] Paulo Sérgio de Araújo. *Quem falou com o rei Saul em En-Dor: o falecido Samuel ou um demônio*.

18:11), então é óbvio que Ele não irá propiciar uma. Isso não é somente raciocínio lógico: é questão de bom senso.

O espírita quer forçar uma aceitação absurda de algo que fere frontalmente o caráter divino. Ao desassociar as *proibições* divinas das *ações* divinas, ele cria um "deus" bipolar que pratica aquilo que Ele proíbe, e que põe em ação uma prática que Lhe é repugnante. Se ele está certo, então Deus decidiu se revelar a Saul trazendo o espírito de Samuel dentre os mortos para uma sessão de necromancia, o que é tão abominável e irracional quanto seria se Deus estivesse propiciando uma sessão de estupro, de idolatria ou de qualquer outra coisa que Lhe é abominável. Em Israel, a necromancia era tão detestável que seus praticantes eram punidos com a morte (Lv 20:27). Aqui vemos os espíritas defendendo a tese de que Deus não apenas permitiu essa sessão de necromancia, como também a propiciou, dando matéria-prima à feiticeira (Samuel) e envolvendo o profeta em um ambiente pecaminoso e imoral.

O autor, no entanto, não vê problema algum nisso, pois está amarrado à sua tese de que foi Samuel quem apareceu e ponto final. Ele simplesmente não admite inferências morais e lógicas em cima do relato. É como se a única coisa que importasse no relato fosse o nome "Samuel" no verso 12 (tratarei disso em um instante). Este péssimo entendimento se vê presente em sua refutação ao verso 6, que diz que "Saul consultou ao Senhor, porém **o Senhor não lhe respondeu**, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas" (1Sm 28:6).

Mais uma vez, o autor pró-espiritismo bate o pé e diz:

"Não há problema algum em acreditar que Deus enviou Samuel a En-Dor. O problema só existe na cabeça daqueles que rejeitam a aparição desse profeta. 1Samuel 28.6 diz claramente que Deus não respondeu a Saul quando este buscou ajuda para enfrentar os filisteus, e não que Deus jamais enviaria uma mensagem a esse rei. É isso o que está escrito objetivamente nesse versículo, tornando impossível qualquer conclusão diferente dessa. Os únicos que dizem

que Deus nunca mais enviaria uma mensagem a Saul são aqueles que negam que Samuel apareceu"[117]

Em primeiro lugar, o grande e respeitado erudito Russel Shedd, comentando este mesmo versículo, salienta que:

"*o Senhor... não lhe respondeu*. O verbo hebraico é completo e categórico. Na situação presente de Saul, Deus não lhe respondeu, não lhe responde e não lhe responderá nunca. O fato é confirmado pela frase: '...Saul... interrogara e consultara uma necromante e *não ao Senhor*...' (1Cr10.13-14)"[118]

Nedson Mateus M. Fonseca observa também que "a expressão hebraica que aparece aqui (vs. 6) éוח ענה (wᵉlo '*anahu*), mostra o verbo *'anah* (responder) no modo *qal* e no tempo perfeito (ou completo), ou seja, o verbo aqui é completo e categórico – Deus não respondeu a Saul, não responde nem responderá"[119]. Os espíritas, entretanto, não fazem nenhuma consideração sobre o hebraico e deixam seus leitores à mercê da tradução ao português, que nem sempre consegue exprimir os detalhes linguísticos de um texto.

Mas a evidência linguística não é a única linha que arremata contra a interpretação espírita. Mais uma vez, se aplicarmos uma inferência lógica ao relato, não resta dúvidas de que Deus não voltou mesmo a se comunicar com Saul – nem através de Samuel. Isso porque o texto diz que Deus não se comunicou com Saul "por profetas" (v. 6), e Samuel era um profeta. Se Deus decidiu em sua soberania que *não* iria se comunicar com o rei através de *profetas*, então Ele não teria enviado um profeta para se comunicar com ele. Se eles estão certos em dizer que foi Samuel quem apareceu a Saul, então teríamos tristemente que concluir que Deus decidiu não se comunicar com o rei através de profetas *vivos* (o que era legalmente permitido), mas mudou de ideia em relação a um profeta *morto* (o que era ilegal).

[117] ibid.
[118] BÍBLIA, Português. *Bíblia Shedd*. 2ª edição. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil (SBB); São Paulo, SP: Vida Nova, 1997.
[119] Disponível em: http://estudanteteologia.blogspot.com.br/2013/08/saul-e-medium-foi-samuel-mesmo-que-subiu.html

Por que razão Deus não mandaria a resposta a Saul através de meios legais e lícitos para o povo israelita, como o Urim, os profetas, os sonhos ou as visões (1Sm.28:6), mas ao invés disso foi dar a resposta a Saul justamente por meio de uma prática condenada pelo próprio Deus? Em outras palavras: se Deus não havia dado resposta a Saul pelos meios "lícitos", por que iria dar a resposta por um meio ilícito e contrário àquilo que Ele mesmo tinha ordenado?

Sabendo que o nosso Deus "não muda" (Ml.3:6) e que nele "não há mudança nem sombra de variação alguma" (Tg.1:17), é incoerente crer que ele primeiro não quis responder Saul, mas depois mudou de ideia e quis respondê-lo; que primeiro não quis dar uma resposta nem mesmo por meios lícitos que convém, mas depois decidiu responder-lhe justamente através de uma prática pagã condenada pelo próprio Deus!

Não é preciso pensar muito para perceber que esta não é sequer uma hipótese razoável. Ela não apenas retrata um deus bipolar e inconstante que muda de opinião tão drasticamente dentro de tão pouco tempo, mas pior, um deus que decide agir por meios ilícitos logo depois de decidir *não agir* pelos meios lícitos! Sim, Deus é soberano, mas ele age em conformidade com o padrão moral que nos é revelado nas Escrituras, o que torna inadmissível e incogitável que Ele tenha agido de forma tão amoral, contraditória, volúvel e incoerente.

Nem Samuel, como profeta de Deus, iria tomar a iniciativa de atender ao chamado de uma feiticeira, o que contraria diretamente a ordem divina de que os vivos não busquem comunicar-se com os mortos. Além disso, não se submeteria às regras de necromancia, que não iriam jamais interferir em alguém que realmente estivesse na presença de Deus. As Escrituras afirmam que quem buscasse a prática de necromancia seria contaminado por ela (Lv.19:31; Ap.22:15). Se Samuel atendesse ao chamado da feiticeira estaria contribuindo para uma prática condenada por Deus, e, além disso, estaria se contaminando com a prática, e neste caso nem mesmo poderia mais voltar à companhia divina, pois na presença de Deus não entra quem se contamine (Ap.21:27).

Ademais, o que a feiticeira diz ter visto foi um *elohim* (v.13), isto é, um "deus" (ou "deuses"). Este termo é utilizado com grande frequência quando com relação a falsos deuses (Gn.35:2; Êx.12:12; 20:3), e Paulo nos diz que o agente que atua por detrás dos "deuses" são os demônios (1Co.10:20). Porém, **nunca** aparece em relação a Samuel ou a qualquer outro profeta de Deus. O diabo, este sim, é chamado de o "deus deste século" (2Co.4:4), que tem inclusive a capacidade de se transfigurar em anjo de luz (2Co.11:14).

Outro detalhe interessante é que a feiticeira diz ter visto um *elohim* que "**subia** da terra" (v.13), mas a Bíblia não diz em lugar nenhum que o espírito de Samuel ou de quem quer que seja está "debaixo da terra". Em vez disso, o escritor inspirado de Eclesiastes afirma categoricamente que, na morte, o espírito volta para Deus (Ec.12:7), eliminando qualquer possibilidade de que um espírito esteja "na terra", ou abaixo dela. Claramente, portanto, não pode ter sido Samuel quem se apresentou à necromante.

Vale ressaltar, ainda, que as profecias do pseudo-Samuel foram também, todas elas, bastante contestáveis. Ele disse que "amanhã tu e teus filhos estarão **comigo**" (v.19), mas ninguém seria tão insano ao ponto de pensar que um rei ímpio, que merecia o inferno e que foi condenado por Deus, estaria no mesmo lugar que o *verdadeiro* Samuel (que estaria no Céu, de acordo com a concepção imortalista popular). Não é dito que o rei ímpio estaria *em outro lugar,* mas "comigo", isto é, no mesmo lugar em que Samuel estava, o que é um completo disparate se entendido literalmente.

Outro detalhe, na mesma profecia, é o "amanhã", que é referido como sendo o dia em que os filhos de Saul estariam "com Samuel", isto é, mortos. Entretanto, isso só ocorreu dias depois, e não no dia seguinte (1Sm.30:1; 31:1-6). Embora os espíritas tentem contornar tamanha contradição tão evidente entre o relato do pseudo-Samuel e este fato bíblico dizendo que a palavra "amanhã" refere-se a um tempo indefinido, a palavra utilizada no original hebraico para "amanhã" neste texto é *mahar,* que significa realmente "dia seguinte", e não um "tempo indefinido" (ex: Êx.9:5; 1Sm.20:5; Pv.3:28; Is.22:13, etc).

Se o pseudo-Samuel soubesse que a morte de Saul e de seus filhos não seria no dia seguinte, mas algum tempo depois, ele poderia: (a) não ter indicado tempo nenhum; (b) ter empregado expressões gerais e mais vagas, como "em breve"; (c) ter empregado o plural ("daqui alguns dias..."); (d) ter dito a data exata e precisa. Mas, em vez disso, ele disse a *data errada.*

Ademais, a profecia diz que Saul seria entregue nas mãos dos filisteus (v.19), o que, de fato, não se concretizou. Saul apenas *passou pelas mãos* dos filisteus, mas não *foi entregue* aos filisteus. Ele cometeu suicídio, e depois caiu nas mãos dos cidadãos de Jabes-Gileade, aos quais foi entregue (1Sm.31:11-13). O pseudo-Samuel, é claro, não foi capaz de prever estes detalhes, o que coloca em xeque a afirmação bíblica de que Deus não deixou nenhuma das palavras do verdadeiro Samuel falhar (1Sm.3:19).

Finalmente, bem antes deste episódio ocorrer, a Bíblia disse que "***nunca mais*** viu Samuel a Saul até ao dia da sua morte" (1Sm.15:35). Um espírita pode contestar, alegando que o texto diz que Samuel não viu Saul até sua morte, e que o ocorrido em 1ª Samuel 28 foi *depois* da sua morte. Entretanto, isso é demonstrar ignorância para com as forças de expressão do idioma hebraico, as quais são chamadas de hebraísmos. Naquela cultura, dizer que algo não aconteceu "até a sua morte" não indicava que ocorreu depois disso, mas era apenas uma forma de dizer que não ocorreu ***nunca***.

Com Mical, por exemplo, é dito que ela "não teve filhos até o dia da sua morte" (2Sm.6:23). Será que ela teve filhos depois disso? É claro que não. Paulo diz que Jesus foi obediente "até a morte" (Fp.2:8). Ele se tornou desobediente depois disso? Lógico que não. João diz que os mártires da tribulação não amaram sua vida (i.e, que não viveram para si mesmos, mas para Cristo) até a morte (Ap.12:11). Será que depois disso eles passariam a viver de forma egoísta? É óbvio que não. Levando em conta o significado que aquela expressão tinha entre os hebreus, que era de ***nunca***, o texto nada mais está dizendo senão que Samuel nunca mais viu Saul. Isso se opõe fortemente à tese de que os dois entraram em contato depois da morte.

Mas, então, como explicar o fato do escritor bíblico ter dito, no verso 12, que "a mulher viu a Samuel"?

Há certos textos na Escritura onde um sujeito ou um ato é visto sob a perspectiva de um outro, e este outro pode estar errado. Por exemplo, em Josué 10:13, o escritor inspirado (e não apenas o próprio Josué) escreve dizendo que "o sol se deteve, e a lua parou...". Muitos teólogos medievais usaram incorretamente este texto na defesa do geocentrismo, da mesma forma que os espíritas usam 1ª Samuel 28 na defesa do espiritismo. Entretanto, hoje sabemos perfeitamente bem que o que naquela ocasião teria "parado" de fato foi a terra, e não o sol. Estaria então o texto bíblico errado, ou a inspiração da Bíblia teria que ser jogada na lata do lixo? Não. A resposta a esta questão é bastante simples: o autor inspirado escreveu que o sol parou, porque *na percepção de Josué o sol havia parado*.

Da mesma forma, em 1ª Samuel 28 todas as evidências indicam que "Samuel falou" porque Saul e a feiticeira haviam entendido que Samuel havia falado, isto é, ele escreveu *sob a percepção del*es. Uma pista para isso está no verso 14, que diz que *Saul entendeu que era Samuel*. Em outras palavras, o texto em questão está relatado sob o prisma (entendimento) do rei ímpio e idólatra, e não do próprio autor inspirado. O autor diz que Samuel apareceu, não porque fosse Samuel mesmo, mas porque ele descrevia a cena sob a perspectiva de Saul – da mesma forma que Josué 10:13, ao dizer que "o sol parou", estava retratando a cena na perspectiva de Josué.

Caso semelhante tem também paralelo interessante no texto de 2ª Samuel 24:1, que diz que Deus incitou Davi a realizar o censo:

"Mais uma vez, irou-se o Senhor contra Israel. E incitou Davi contra o povo, levando-o a fazer um censo de Israel e de Judá" (2ª Samuel 24:1)

No entanto, o texto paralelo de 1ª Crônicas 21:1 afirma enfaticamente que "Satanás levantou-se contra Israel e levou Davi a fazer um recenseamento do povo". Notavelmente, um dos textos (presume-se que o de 2ª Samuel 24:1, de data anterior) falava sob uma outra ótica que não a de um escritor

onisciente. Presumivelmente, aos olhos de Israel (e talvez também do próprio Davi) tinha sido Deus quem havia incitado o censo. Crônicas, no entanto, é o último livro escrito no período veterotestamentário, e com o gradual avanço da revelação progressiva o autor pôde concluir facilmente que na realidade quem incitou o censo foi o diabo, ao invés de Deus.

Os três casos (Josué 10:13, 1ª Samuel 28 e 2ª Samuel 24:1), assim como vários outros que poderíamos aqui elencar, não são flagrantes de erros bíblicos, mas apenas afirmações tomadas a partir da perspectiva do observador. Elas nem sempre retratam a realidade do fato em si, mas relatam com precisão a forma que o observador *entendeu* o acontecimento, o qual pode estar honestamente enganado.

O último e penoso argumento dado em favor da tese espírita é a de que um demônio daria más notícias a Saul, mas ele deu boas notícias, e então não poderia ser um demônio. Este argumento, como está óbvio, é o cúmulo da ignorância. Ora, o demônio domina amplamente a artimanha do engano, e é um ser extremamente astuto e perspicaz. Se ele sabia que Deus iria acabar com a sorte de Saul, não iria ganhar nada dizendo que iria se sair vitorioso na batalha. Ao dizer ou prever uma verdade, ele poderia transmitir credibilidade para futuros "encontros". Não é justamente isso o que vemos nos centros espíritas em toda parte?

Satanás é aquele que "se transforma em anjo de luz" (2Co 11:14), ou seja, que faz aquilo que um anjo de luz poderia fazer caso estivesse em seu lugar. Ele também é o "pai da mentira" (Jo 8:44). Confiar em algo que *o diabo* disse ou deixou de dizer definitivamente não é a função de um bom teólogo, mas é o que deveríamos esperar de quem estudou pouca ou nenhuma exegese na vida. Dada a evidência para ambos os lados, pesa muito mais a tese de que um demônio apareceu fingindo ser Saul, do que a de que Deus propiciou uma sessão espírita trazendo a alma de um profeta morto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se você chegou até aqui lendo cada página que foi escrita, deve ter concordado com algumas das vinte interpretações, e discordado de outras tantas. Este não deixa de ser um dos propósitos do livro: ao invés de ser uma obra na qual todos devem concordar acriticamente e se submeter incondicionalmente, se dispõe em primeiro lugar a oferecer recursos exegéticos pelos quais você pode usar inclusive para *refutar* alguma das interpretações que você eventualmente discorde. Se você tem a refutação a alguma análise, isso significa que você dispõe recursos suficientes para refutar cada uma das colocações. Ao fazer isso, você estará indo *além* daquilo que foi exposto neste livro, e ir além é justamente o propósito dele existir.

A intenção não é que você se limite aos vinte textos, mas que os use como modelos para a aplicação de todos os outros. Você irá se deparar com dificuldades maiores do que as que foram expostas aqui, e terá que manter a mente sempre aberta para a possibilidade de estar errado e de mudar de opinião, se for preciso. Até mesmo aquele que é reconhecidamente o maior exegeta da história da Igreja, Agostinho de Hipona (354-430), escreveu no fim da vida uma obra intitulada "Retratações", onde ele corrige certos equívocos que havia cometido nos livros que tinha escrito ao longo da vida. Se Agostinho teve suficiente humildade para reconhecer seus erros e mudar de opinião, quanto mais alguém como eu e você!

Não devemos agir como se fôssemos os donos da verdade, mas temos que nos submeter humildemente à Palavra de Deus, a qual serve como guia para corrigir não apenas o outro, mas, principalmente, a nós mesmos. Como disse Agostinho, o verdadeiro cristão "ama ser repreendido pelas Escrituras, e se alegra quando seus males não são poupados, até que sejam curados (...) e mesmo em relação ao que lhe parece obscuro ou absurdo, ele não levanta contradições ou controversas, mas ora para que possa entender"[120].

[120] Do Sermão do Monte, Livro I, 11

Se você gostou deste livro, não deixe de compartilhá-lo e divulgá-lo onde quiser e puder. Você também poderá gostar dos meus blogs, onde escrevo frequentemente, e dos meus outros livros, todos disponíveis para download gratuito em: <lucasbanzoli.com/2017/04/0.html>.

-Meus blogs:

-LucasBanzoli.Com (www.lucasbanzoli.com)

-Compêndio que reúne todos os artigos já escritos por mim.

-Apologia Cristã (apologiacrista.com)

-Artigos de apologética cristã sobre doutrina e moral.

-Heresias Católicas (heresiascatolicas.blogspot.com)

-Artigos sobre o Catolicismo Romano.

-Ateísmo Refutado (ateismorefutado.blogspot.com)

-Provas da existência de Deus e da veracidade da Bíblia.

-O Cristianismo em Foco (ocristianismoemfoco.blogspot.com)

-Reflexões cristãs e estudos bíblicos.

-Desvendando a Lenda (desvendandoalenda.blogspot.com)

-Refutando a imortalidade da alma.

-Reflexões Políticas (reflexoes-politicas.blogspot.com)

-Análises políticas e ideológicas.

-Siga-me pelo Facebook:

https://www.facebook.com/lucasbanzoli1

-Siga-me no YouTube:

https://www.youtube.com/channel/UCIWkZNgtKfDDqITGYICPKAA/videos